



# imp eto

IMPETO | REVISTA DE ARQUITETURA E URBANISMO  
ISSN: 1983 - 6171 Nº 13



Memória guardada dentro de uma porta, ali, na metade do corredor da FAU.

Essa porta nunca se aquieta, é sempre visitada: as pessoas não sabem direito o porquê, mas batem nela quando precisam de algo. Porta que testemunha todas as chegadas - sempre um novo ânimo para o grupo - e partidas - quase sempre saudades.

Dentro dela, um espaço que guarda. Guarda muitos papéis, livros, armários que trocam ocasionalmente de dono, cadeiras em constante dança, testemunhas do cotidiano.

Sobretudo nos guarda, O refúgio: lugar para explodir, dar risada, trabalhar em silêncio. Naquela sala cada um encontra o seu canto: sua cadeira, seu armário. Ao entrar no PET ganha-se pelo menos 18 companheiros(as) e opta-se por dividir o tempo por 18.

Também por 18 se divide o risco. As atividades sempre com ar de tentativa, de aprendizado. A autonomia da escolha: aqui tudo se pode propor, tudo se pode realizar. O nome ímpeto não foi uma escolha aleatória.

É um trabalho arriscado esse de explorar possibilidades. Arriscado e muitas vezes incompreendido. É difícil mesmo entender um grupo que se propõe a materializar uma filosofia que atualmente parece antiquada: a filosofia da partilha, do convívio. Partilha de uma sala, do tempo, dos riscos, do aprendizado.

Às vezes nem essas 18 pessoas sabem direito o que isso significa. Mas se sentem parte de algo. Parte de um grupo que nunca se esgota e da construção de uma memória que se expande.

É justamente a memória que mantém o(a) petiano(a). É a sensação que se desperta ao saber que outros(as) também percorrem aquele espaço, partilharam as cadeiras e as experiências.

A Ímpeto enquanto fruto de uma coletividade, produção do PET, é mais um desses elos que conectam os(as) petianos(as) que são e que foram petianos(as). Aquilo que permanece, que continua, constantemente (re)aproveitado.

## SOBRE OS AUTORES DA CAPA:

A capa da edição 13 da revista Impeto nasce de uma colaboração entre os cursos da FAU/UFAL (Arquitetura e Urbanismo e Design), por meio do grupo PET Arquitetura e o grupo de pesquisa LED, respectivamente.

"Implementado de meados de 2016, o Laboratório de Experimentação em Design (LED) é um Grupo de Pesquisa vinculado ao curso de graduação de Design da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e tem como principal missão possibilitar a geração de soluções de Design para os mais diversos problemas identificados, sendo eles locais ou não, através do envolvimento dos seus integrantes com a comunidade

alagoana, tendo como força motriz a pesquisa científica." (Site da FAU/UFAL)

"Buscando identificar demandas que fazem parte da realidade de nossa comunidade, o LED pretende se inserir na lacuna presente no cenário atual e assim contribuir para o desenvolvimento local, considerando aspectos de ordem cultural, social, econômica e sustentável e, dessa maneira, dedicar-se a construção de uma Pesquisa Científica sólida envolvendo o Design.

Acreditamos no design como construção Sistêmica, onde podemos nos colocar em qualquer ponto do caminho, investigando o que nos precede e contribuindo para pensar em soluções capazes de integrar diversos atores. Isso nos permite investigar, pelo prisma do

design, desde os saberes tradicionais que compõem nossa cultura, até os desdobramentos contemporâneos dos meios digitais." (Site do LED)

A equipe responsável por coordenar e elaborar a capa da revista conta com a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Danielly Amatte e os discentes Iel Ferreira e Paulo Santos.



### COORDENAÇÃO EDITORIAL

Adna Fernanda Litrento da Costa  
Karol Teixeira de Moraes  
Kayo Fellyp Moreira Figueirêdo

### TUTORA

Lúcia Tone Ferreira Hidaka

### PET ARQUITETURA

Adna Fernanda Litrento da Costa  
Adryele Sandes Santos  
Beatriz Marques Gregorio  
Eduardo Nicácio Brasileiro  
Gabriel de Jesus Sa Silva  
Giselle Lopes dos Santos  
Gleisy Santos de Azevedo  
Isídio Teixeira de Omena  
Karol Teixeira de Moraes  
Kayo Fellyp Moreira Figueirêdo  
Mateus Felipe Lopes de Oliveira Andrade  
Paloma Leite da Fonsêca Targino  
Raphaele Rodrigues Batista  
Rodrigo Rafael Fernandes Ferreira  
Stephany Santos Silva  
Thaynara de Almeida Messias  
Vyda Nery Alves

### COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO

Adna Fernanda Litrento da Costa  
Giselle Lopes dos Santos  
Stephany Santos Silva

### COMISSÃO DE DIAGRAMAÇÃO

Adna Fernanda Litrento da Costa  
Giselle Lopes dos Santos  
Gleisy Santos de Azevedo  
Karol Teixeira de Moraes  
Kayo Fellyp Moreira Figueirêdo  
Raphaele Rafael Fernandes Ferreira  
Mateus Felipe Lopes de Oliveira Andrade  
Stephany Santos Silva

### ISSN

1983-6171

### CONTATO

**Site:** <https://petarqfal.wixsite.com/petarq>  
**Instagram:** @revistaimpeto | @petarq  
**Emails:** [editorialrevistaimpeto@gmail.com](mailto:editorialrevistaimpeto@gmail.com)  
| [petarqfal@gmail.com](mailto:petarqfal@gmail.com)

### REALIZAÇÃO



### REVISÃO GRAMATICAL

#### PET Letras:

Alice Rodrigues Guedes  
Clara Ferreira Pereira Freire  
Lavinia Olga Dorta Galindo Pedrosa Ferreira  
Wanneska Thaymmá Vieira Silva de Andrade

### CAPA

#### Grupo LED:

Danielly Amatte Lopes  
Iel Ferreira da Silva  
Paulo Jackson Colacio dos Santos

### CONSELHO EDITORIAL

Alice de Almeida Barros  
Andrea Pacheco de Mesquita  
Danielly Amatte Lopes  
Fernando Antônio de Melo Sá Cavalcanti  
Flávia de Sousa Araújo  
Flávia Maria Guimarães Marroquim  
Joelmir Marques da Silva  
Luiz Adalberto Philippsen Junior  
Maria Angélica da Silva  
Marli Araújo Santos  
Roseline Vanessa Santos Oliveira  
Suzann Flávia Cordeiro de Lima  
Thaisa Francis César Sampaio Sarmento

## CARTA EDITORIAL

O editorial da Revista Ímpeto 13ª Edição - Volume 2, fecha o ano de 2023 do PET Arquitetura com muita alegria! Sob a coordenação das discentes Adna Fernanda Litrento da Costa e Karol Teixeira de Moraes, e do discente Kayo Fellyp Moreira Figueiredo, a minha tutoria e a participação dos(as) demais integrantes do grupo, em formato totalmente eletrônico de acesso livre pelo Portal de Periódicos da UFAL – SEER, a Ímpeto publica o seu Volume 2 desse ano de 2023. Este é um marco para o grupo, pois nunca na história da revista isso foi possível. Ainda estamos aprendendo e superando desafios enormes, mas a dinâmica do fluxo contínuo nos deixa confiantes de que a revista se consolidará nesta nova fase.

A capa desse volume 2, também foi criada pelo Laboratório de Experimentação em Design (LED), grupo de pesquisa da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), com a participação de estudantes do curso de Design da FAU/Ufal sob a coordenação da professora Dra. Danielly Amatte Lopes. Os detalhes do processo criativo encontram-se no artigo especial do volume 1.

Este volume 2 da 13ª edição, vem sem tema específico, seguindo a edição passada. Os artigos que o compõem confirmam a diversidade de temáticas que já é característica marcante da Arquitetura e Urbanismo, enfatizando a riqueza dos assuntos da área e afins. Vocês, leitores e leitoras, têm a oportunidade de informação sobre a área de Arquitetura e Urbanismo nos artigos “Acessibilidade sonora: mapeamento da paisagem sonora com abordagem aplicada a pessoas surdas” autoria de Stella Rosane da Silva Oliveira e Maria Lúcia Gondim da Rosa Oiticica; “Diário de um detento: relações raciais e espaço urbano” autoria de Leandro Ferreira Marques e Flavia de Sousa Araújo; “A utilização do BIM como ferramenta de ensino no Brasil: uma revisão bibliométrica e sistemática” dos autores Kamyla Barros, Lia Alencar, Karime Costa e Alexandre Toledo; “Três homens e uma cidade: itinerários desejanter no Recife-PE” de Euclides Rocha Cavalcante Neto e Flávia de Sousa Araújo; “Espaço virtual da feira livre: perspectivas metodológicas para errâncias audiovisuais” de Nathalia Feitosa Barbosa, Willyam Santos, Ana Luísa Ribeiro, Laís Santos e Juliana Michaello; “Rompendo o céu onírico de Suely: a paisagem iguatuen-se após 15 anos do filme” de José Rudá Rodrigues Lopes; e, por fim, o artigo dos nossos convidados desse volume, “Desvendando o dilema habitacional brasileiro: uma Revisão de literatura sobre as políticas públicas no setor habitacional” de Samuel Souza e Keuler Hissa Teixeira. Agradecimentos especiais a todos(a) que submeteram os seus artigos à revista; ao PET Letras Ufal, que pelas correções ortográficas e sintáticas dos artigos aceitos; e aos(as) nossos(as) pareceristas Ad hoc, pela disponibilidade e responsabilidade nas avaliações dos artigos publicados nesse volume 2.

Por fim, agradecendo especialmente aos(as) que nos precederam nessa jornada por uma universidade pública e gratuita, que realiza ensino, pesquisa e extensão de qualidade, dedicamos esse volume 2 aos(as) docentes, discentes, técnicos(as) e parceiros internos e externos pelos 50 anos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas. O PET Arquitetura continua procurando aperfeiçoamento na “beleza de ser um eterno aprendiz” (Gonzaguinha), em e na coletividade.

Boa leitura a todos e todas!

**LÚCIA TONE FERREIRA HIDAKA,**  
Tutora do PET Arquitetura

# SU MÁRIO

01

**DESVENDANDO O DILEMA HABITACIONAL BRASILEIRO: UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS NO SETOR HABITACIONAL**

*UNVEILING BRAZIL'S HOUSING DILEMMA: A BIBLIOGRAPHIC ANALYSIS OF PUBLIC POLICIES IN THE HOUSING SECTOR.*

SOUZA, SAMUEL; TEIXEIRA, KEULER

Recebido em: 07/12/2023

## ARTIGOS

12

**ACESSIBILIDADE SONORA: MAPEAMENTO DA PAISAGEM SONORA COM ABORDAGEM APLICADA A PESSOAS SURDAS**

*SOUND ACCESSIBILITY: SOUNDSCAPE MAPPING WITH AN APPROACH APPLIED TO DEAF PEOPLE*

OLIVEIRA, STELLA OLIVEIRA; OITICICA, MARIA LÚCIA

Recebido em: 15/07/2023

Aceito em: 24/09/2023

29

**"DIÁRIO DE UM DETENTO": RELAÇÕES RACIAIS E ESPAÇO URBANO**

*"DIÁRIO DE UM DETENTO": RACE RELATION AND URBAN SPACE*

MARQUES, LEONARDO FERREIRA; ARAÚJO, FLÁVIA DE SOUSA

Recebido em: 17/07/2023

Aceito em: 17/11/2023

## A UTILIZAÇÃO DO BIM COMO FERRAMENTA DE ENSINO NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOMÉTRICA E SISTEMÁTICA

*THE USE OF BIM AS A TEACHING TOOL IN BRAZIL: A BIBLIOMETRIC AND SYSTEMATIC REVIEW*

ALENCAR, LIA; BARROS, KAMYLA; COSTA, KARIME; TOLEDO, ALEXANDRE

Recebido em: 27/07/2023

Aceito em: 25/10/2023

51

## TRÊS HOMENS E UMA CIDADE: ITINERÁRIOS DESEJANTES NO RECIFE-PE

*THREE MEN AND ONE CITY: DESIRED ITINERARY IN RECIFE-PE*

CAVALCANTE NETO, EUCLIDES ROCHA; ARAÚJO, FLÁVIA DE SOUSA.

Recebido em: 30/07/2023

Aceito em: 30/10/2023

66

## ESPAÇO VIRTUAL DA FEIRA LIVRE: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS PARA ERRÂNCIAS AUDIOVISUAIS

*STREET MARKETS' VIRTUAL SPACE: METHODOLOGICAL PERSPECTIVES FOR AUDIOVISUAL WANDERINGS*

BARBOSA, NATHALIA; SANTOS, WILLYAM; RIBEIRO, ANA LUÍSA; SANTOS, LAÍS; DIAS, JULIANA.

Recebido em: 30/07/2023

Aceito em: 16/09/2023

87

## ROMPENDO O CÉU ONÍRICO DE SUELY: A PAISAGEM IGUAUENSE APÓS 15 ANOS DO FILME

*BREAKING SUELY'S ONIRIC SKY: THE IGUAU LANDSCAPE 15 YEARS AFTER THE MOVIE*

LOPES, JOSÉ RUDÁ RODRIGUES.

Recebido em: 30/07/2023

Aceito em: 26/10/2023

101



# DESVENDANDO O DILEMA HABITACIONAL BRASILEIRO: UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS NO SETOR HABITACIONAL

## UNVEILING BRAZIL'S HOUSING DILEMMA: A BIBLIOGRAPHIC ANALYSIS OF PUBLIC POLICIES IN THE HOUSING SECTOR

SOUZA, SAMUEL<sup>1</sup>; TEIXEIRA, KEULER<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Graduando em Economia, Universidade Federal de Alagoas; samuel.souza@feac.ufal.br;

<sup>2</sup>Doutor em Economia, Professor Associado da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade Federal de Alagoas; keuler.teixeira@feac.ufal.br.

### RESUMO

O problema habitacional no Brasil é uma questão histórica que permeia o desenvolvimento do país e representa um desafio estrutural significativo, resultando no afastamento de muitas pessoas dos centros das cidades. Dessa forma, este artigo propõe fazer uma revisão na literatura vigente, explorando momentos da história nacional importantes para compreender a complexidade do problema, com foco nos programas habitacionais de maior visibilidade e peso no cenário nacional. Enfatizando, num primeiro momento, o período da ditadura militar com o Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e o Banco Nacional de Habitação (BNH), posteriormente, também são examinados os casos mais recentes com as duas edições do programa Minha Casa Minha Vida (MCMV). Dados estatísticos recentes confirmam a persistência do problema habitacional, destacando a necessidade de analisarmos os principais equívocos das políticas anteriores. Os resultados apontam para uma tendência dos programas em se desviar do objetivo de construir habitações para a classe na menor faixa de renda, por muitas vezes encontrando obstáculos que resultaram na construção de habitações em regiões que continuavam perpetuando a segregação da população afastada do centro das cidades.

**Palavras-chave:** Habitação, Políticas públicas, Brasil.

### ABSTRACT

*The Brazilian housing problem is a reality of the country's history, creating a structural issue that hinders national development and pushes many people into a situation that distances them from urban centers. Thus, this article proposes to conduct a review of existing literature, examining crucial moments in national history to understand the problem. The main focus is on analyzing what the literature says about housing programs that have gained prominence and significance nationally. It specifically concentrates on the period of military dictatorship with the "Sistema Financeiro Nacional (SFN)" and "Banco Nacional de Habitação (BNH)", which was the country's first major housing program. Subsequently, it discusses more recent cases, such as both editions of the "Minha Casa Minha Vida (MCMV)" program. Recent Statistical data demonstrates that the housing problem remains a reality to be addressed and combated. Therefore, it is essential to analyze the main mistakes of previous policies. The findings indicate that, overall, the programs often deviated from the clear goals of building for the lower-income class or encountered obstacles that led to constructions in regions continuing to segregate the population away from the centers of cities.*

**Key-words:** Housing, Public policies, Brazil.

## INTRODUÇÃO

O déficit habitacional é um indicador utilizado para observar a situação quantitativa do problema habitacional brasileiro, sendo um grande artifício para a execução e construção de políticas públicas (Santana, 2020). A necessidade de moradias de qualidade no Brasil é um direito reconhecido tanto pela ONU como pela própria constituição brasileira, que garante que o estado deve fornecer meios de melhorar a condição habitacional dos brasileiros.

O processo que complexou as estruturas urbanas teve como pivô o fim da escravidão e a expulsão da população pobre dos centros das cidades para regiões mais afastadas, ocasionando grande problema habitacional. Essa realidade foi intensificada devido ao processo de industrialização, que foi fator estimulante das grandes migrações aos centros urbanos, ou seja, os movimentos migratórios campo-cidade. Movimento este que elevou de modo exacerbado o problema habitacional devido à falta de estrutura das cidades para suportá-lo. Portanto, houve a elevação da população marginal com o crescimento da população urbana, que, devido à baixa capacidade instalada de infraestrutura pelo Estado, ocasionou na expansão das periferias. Vale ressaltar que o problema não está simplesmente na ideia habitacional, mas em toda a exclusão social e segregação espacial das populações pobres nas favelas e assentamentos informais (Rubin e Bolfe, 2014).

A grande crise de habitação dentro dos grandes centros urbanos começa a crescer de maneira mais forte entre a década de 30 e 80, devido à migração para as cidades em busca de melhorias sociais. Quando essa população chegava nas grandes capitais, inseria-se em atividades com baixa remuneração. Para resolver o problema da habitação, optavam por construir, de maneira informal e precária, suas próprias residências, contribuindo para formação das favelas e outros tipos irregulares de loteamentos. Com o decorrer do tempo, os programas habitacionais, que tinham como finalidade a produção de habitações ou seu financiamento, apresentaram falhas. Somando-se a isso, um desinteresse do mercado privado imobiliário em investir em empreendimentos residenciais para a população menos afortunada incentivou o processo de construção informal, no qual as comunidades buscavam sanar suas próprias demandas, muitas vezes de maneira irregular, fazendo com que os assentamentos precários crescessem (Almeida, 2011).

Dados da série estatística da Fundação João Pinheiro (2023), a principal agência de pesquisa no âmbito do déficit habitacional, indicam que o problema continuou a se agravar durante o período de 2018 a 2020, evidenciando esse como um obstáculo que persiste sem solução por parte do Estado brasileiro. Pode-se constatar, por meio dos

dados do Cadastro Único, que o número de carências habitacionais e habitações improvisadas aumentou. Paralelo a isso, o instituto realiza um relatório qualitativo sobre a situação das habitações neste período, buscando caracterizar o problema em questão e destacando não apenas a importância da quantidade de programas habitacionais, mas também a necessidade de priorizar a qualidade para os seus residentes.

Portanto, este trabalho concentra-se em realizar uma revisão bibliográfica sobre a questão habitacional no Brasil. Pretende-se, especificamente, analisar as políticas públicas elaboradas para controlar e solucionar esse problema, investigando seus objetivos e resultados. Além disso, também se faz necessário um olhar sobre uma perspectiva recente, para compreender que tal realidade ainda prevalece no cenário nacional brasileiro. O trabalho está dividido em três seções, incluindo esta introdução. O desenvolvimento abrange a revisão bibliográfica, abordando a perspectiva histórica, seguido pela conclusão.

## DESENVOLVIMENTO

### *Revisão bibliográfica*

Segundo Ramos e Noia (2016), o problema habitacional é resultado da nossa história como um país agrário exportador, cenário que veio atrelado às altas concentrações de propriedades e, portanto, elevada desigualdade de renda. Toda essa realidade ocasionaria problemas em relação à ocupação do solo urbano. Para tal, o referido autor faz uma análise bibliográfica a respeito do tempo e analisa o problema e políticas de habitação desde a primeira metade do século 20, com a formação das favelas até o programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV) nos dois primeiros governos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e no governo da presidenta Dilma Vana Rousseff, apontando seus pontos positivos e negativos.

Botega (2007), faz uma análise bibliográfica sobre a política habitacional brasileira no período que corresponde do primeiro governo Vargas até o Collor de Mello. De 1940 a 1960, havia a política de aquisição de crédito imobiliário pela Caixa Econômica e outros institutos. A criação de um órgão que centralizasse a política habitacional só ocorreu em 1946, durante o governo do General Eurico Gaspar Dutra. O autor citado acima pontua, também, que a partir de 1964, após o golpe, foi criado o Sistema Financeiro de Habitação junto ao Banco Nacional de Habitação (SFH/BNH), que tinha a missão de estimular a aquisição de casas para aqueles que estavam na camada com menor renda. O SFH ainda recebeu depósitos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e inserção de outros programas, o que foi tornando essa uma das principais instituições financeiras do país. O BNH tinha condições

de resolver boa parte do problema do déficit habitacional, mas não foi o que aconteceu, pois, com o tempo, o programa se mostrou bastante ineficiente, porque suas operações eram transmitidas para iniciativa privada, aliadas ao interesse do capital imobiliário. Logo, o SFH/BNH era eficaz quando pensamos no desempenho junto do capital imobiliário e fugindo completamente de seu objetivo inicial, que era sanar o problema habitacional brasileiro. Após um período difícil para o Brasil, chegava-se ao governo Collor (1990), no qual já havia cerca de 60 milhões de pessoas em situação de rua, demonstrando como as políticas naquele momento não cumpriram com o objetivo público e social.

No trabalho de Santana (2020), uma revisão bibliográfica é apresentada, focando no conceito do déficit habitacional. A autora se aprofunda principalmente em duas categorias: a quantitativa, que aborda a falta de domicílios, e o problema qualitativo relacionado à carência de infraestrutura. No entanto, ela ressalta que, apesar das diferentes abordagens propostas por vários autores sobre o tema, todos convergem para uma questão central: a necessidade de criar novas unidades habitacionais. Além disso, a referida autora destaca que, dentro desse indicador, o componente denominado como habitação precária apresentou uma redução de 1991 a 2017, enquanto o ônus excessivo com aluguel apresentou uma tendência ascendente.

Monteiro e Veras (2017), discutem a questão habitacional no Brasil e os problemas urbanos da contemporaneidade por meio de levantamentos bibliográficos e pesquisa documental, buscando fazer uma análise sobre a questão habitacional em paralelo com a urbanização brasileira, concluindo que a habitação se trata de uma questão de política pública e deve ser concebida como uma forma de inclusão social. De acordo com o referido estudo, a intensidade da urbanização, aliada à falta de planejamento, resultou em uma série de problemas, como a mobilidade urbana, congestionamento e sucateamento de transportes públicos, saneamento básico, serviços, violência urbana, poluição ambiental e sonora, moradias irregulares, entre outros problemas decorrentes da rápida urbanização. Os referidos autores ressaltam também que uma política habitacional eficaz não deve apenas considerar o acesso à moradia e a quantidade de unidades habitacionais, mas também garantir uma gama de serviços essenciais, como saúde e educação, integrando assim as pessoas de maneira adequada na cidade.

Para Baravelli (2015), o programa Minha Casa, Minha Vida tornou-se o mais eficaz programa de habitação após a extinção do BNH, exercendo um impacto positivo na criação de imóveis no país. No entanto, algumas críticas são apontadas ao programa, sendo a principal delas relacionada ao fato de que os fundos e subsídios destinados às famílias beneficiárias acabam, em primeiro lugar, favorecendo as constru-

toras envolvidas no programa. Portanto, isso evidencia um possível conflito entre o subsídio e a abordagem do déficit habitacional. Além disso, na divulgação do programa Minha Casa, Minha Vida 1 e 2, havia um enfoque quantitativo na produção de habitações. O referido autor argumenta que o Minha Casa, Minha Vida acabou se tornando mais uma maneira de transferir recursos públicos para empresas privadas. Para o autor, o déficit habitacional assumiu o papel de legitimar o programa, que, na realidade, seria uma política de desenvolvimento econômico voltada para ampliar a capacidade produtiva das empresas da construção civil.

Silvia e Tourinho (2015) fazem uma análise comparativa entre os dois projetos habitacionais brasileiros, o Banco Nacional de Habitação e o Minha Casa Minha Vida. Para tal, foi realizado um mapeamento dos conjuntos habitacionais implantados pelos programas e classificando-os pelas faixas de renda estabelecidas pelas respectivas políticas. O resultado encontrado revelou que, em ambos os casos, a alocação das habitações foi sempre determinada pelo poder de compra da pessoa que receberia a casa. Dessa forma, quem paga mais tem acesso a condições habitacionais melhores. Além disso, os autores destacam como a localização das moradias geralmente se encontra em regiões periféricas, gerando um processo de segregação que deixa sua marca no espaço urbano por meio dessas políticas.

Rubin e Bolfe (2014), realizaram uma revisão bibliográfica sobre a história da habitação no Brasil desde o fim da escravidão. O estudo aborda todos os problemas decorrentes desse evento e explora os programas voltados para a construção de habitações no país. Após uma análise detalhada desses programas, os autores chegaram à conclusão de que essas políticas foram implementadas apenas para mascarar um problema, ao mesmo tempo, em que beneficiavam o setor privado e as classes mais influentes na geração de riqueza. Portanto, o foco principal desses programas não era cumprir seu objetivo declarado de proporcionar moradia para os mais pobres.

### ***As principais políticas habitacionais brasileiras***

Na primeira metade do século XX, políticas de segregação empurraram a população pobre para as margens dos morros na cidade do Rio de Janeiro, sob uma perspectiva eugênica. Essa foi a origem do grande problema do déficit habitacional que persiste na sociedade brasileira. Em 1945, surgiu a primeira grande iniciativa conhecida como Fundação Casa Popular, com o objetivo de criar moradias e apoiar as indústrias de construção, além de elaborar projetos de saneamento. No entanto, a política não se mostrou eficaz, não conseguindo produzir nem mesmo 17 mil moradias, sendo, portanto, algo bastante pontual (Ramos e Noia, 2016).

Alguns anos mais tarde, criou-se o Sistema Financeiro de Habitação (SFH), cujo principal órgão era o Banco Nacional de Habitação (BNH). Por meio desse programa, estima-se que tenham sido construídas cerca de 4,4 milhões de habitações entre os anos de 1964 e 1986. No período subsequente, de 1964 a 1986, esse número aumentou para um total de 16,6 milhões de moradias, das quais aproximadamente 27% foram incrementadas pelo BNH. Contudo, enfrentando uma crise no final do século XX, o programa passou por uma série de problemas que culminaram em sua extinção em 1986. O programa recebeu críticas significativas, como o fato de não atender adequadamente à população mais necessitada, que era o seu objetivo inicial. Além disso, muitas dessas habitações foram construídas em locais afastados, distantes de toda a infraestrutura da cidade. Apesar dos problemas, o programa ainda teve impactos positivos. No entanto, após sua extinção, o problema habitacional continuou persistindo (Botega, 2007).

No auge do SFH, durante os anos 70 e 80, o programa alcançou um financiamento de 400 mil unidades por ano. No entanto, enfrentou diversos problemas estruturais que limitaram sua eficácia. Um desses problemas estava relacionado à diferença entre o reajuste salarial e as prestações das habitações. Para tentar resolver essa questão, foi implementado o Plano de Equivalência Salarial (PES). A ideia era reajustar as prestações anualmente em paralelo aos salários, ao mesmo tempo, em que o saldo devedor variava a cada trimestre. Para lidar com esse aumento do prazo, foi criado o Fundo de Compensação de Variações Salariais (FCVS), responsável por quitar as dívidas do PES. Esse fundo atuou até o final dos anos 70. Na década seguinte, devido à aceleração inflacionária, houve uma queda real dos salários, resultando em inadimplência, onde novas formas de subsídio foram criadas para aqueles financiados pelo FCVS. Em 1985, os reajustes passaram a ser semestrais, e as prestações também se ajustavam considerando a inflação do ano anterior. Esse subsídio acabou beneficiando parte da população que poderia se financiar por conta própria, comprometendo recursos. (Vasconcelos e Júnior, 1996).

Durante o período de 1986 a 2002 o governo ainda mantinha a centralização do sistema habitacional nacional, com o controle das linhas de créditos, sem nenhuma política a favor de criar e intensificar uma articulação com ações dos estados e municípios no setor da habitação. As primeiras mudanças nesse sistema aconteceram no ano de 2003, com a criação do Ministério das Cidades, responsável pelo desenvolvimento urbano integrado. Em sua concepção, não havia somente a preocupação com a “casa” como simples moradia, mas deveria se pensar em toda a estrutura, como as questões de saneamento ambiental, mobilidade e transporte coletivo, serviços urbanos e sociais, visando garantir o direito das pessoas à cidade (Ramos e Noia, 2016).

No ano de 2014, foi estabelecida a Política Nacional da Habitação, que, diferentemente dos programas anteriores, buscava integrar ações em conjunto com os conselhos estaduais e municipais. Isso resultou na criação de outros subsistemas, visando garantir o acesso à moradia para pessoas de baixa renda, considerando as grandes diferenças regionais do Brasil e o perfil da demanda. Logo, surgiu a necessidade dos estados desenvolverem um Plano Estadual de Interesse Social (PEHIS) e também um Plano Local (PLHIS). Esses planos deveriam se articular com outros programas e instrumentos da cidade, contribuindo para o planejamento territorial e orçamentário, ou seja, integrando-se aos planos diretores.

### ***Programa: Minha casa, minha vida 1 e 2***

O programa “Minha Casa, Minha Vida” teve como objetivo principal, em sua primeira fase, criar incentivos para a produção e aquisição de novas habitações para famílias com renda de até 10 salários-mínimos, dando preferência àquelas em faixas de renda mais baixas. A construção foi orientada pela inclusão social e pela distribuição de renda, facilitando o acesso à casa própria e buscando reduzir em 14% o déficit habitacional em municípios com mais de 100 mil habitantes. É importante ressaltar que durante a crise, em 2009, esse programa atuou como uma política anticíclica, incentivando o setor da construção civil. O programa visava construir imóveis em diferentes faixas de renda, sendo que as famílias de menor renda eram as que demandavam mais tempo para serem atendidas, uma vez que era necessário estabelecer parcerias com os municípios para a disponibilização de terrenos. Essa realidade não se aplicava às faixas de renda acima de três salários-mínimos, pois o preço do imóvel já contemplava o custo do terreno. No entanto, os estados monitoravam de perto as construções para garantir que tudo seguisse conforme o planejamento do plano diretor, em colaboração com a Caixa Econômica para operacionalizar o programa. Embora o programa tenha sido bem planejado em comparação com os anteriores, até 2012 apenas 25% dos imóveis haviam sido entregues, 44% estavam concluídos, mas não entregues, e 31% estavam em andamento. Além disso, houve uma falta de interesse por parte das grandes construtoras na realização de imóveis destinados à faixa de renda mais baixa (Jefferson e Angye, 2016).

A segunda etapa desse programa foi iniciada durante o governo Dilma e estava programada para ser executada ao longo de três anos, com uma meta estabelecida para a construção de mais de 2 milhões de moradias. Dessa totalidade, 60% das unidades seriam destinadas às famílias com menor renda, 30% para a segunda faixa e 10% para a última faixa de renda. Essas faixas correspondem, respectivamente, às rendas até R\$1.600,00, entre R\$1.600,00 e R\$3.100,00, e de R\$3.100,00 a R\$5.000,00. Nessa fase, houve uma tentativa de atrair

grandes construtoras para o programa, juntamente com medidas como uma maior proteção à mulher chefe de família, parcerias com o poder público local, aprimoramento das unidades habitacionais e a implementação de tecnologia de energia solar. Até 2014, foram contratadas 3.389.621 unidades, das quais 1.691.621 já haviam sido entregues (Baravelli, 2015).

Segundo o relatório da Fundação João Pinheiro - FJP (2021), a estimativa do déficit habitacional para 2019 foi de 5,876 milhões de domicílios, sendo sua maior parte nas regiões urbanas. Esse número representa cerca de 8% do estoque total de domicílios particulares e improvisados no país, tendo em primeiro lugar no ranking a região sudeste, com 2,287 milhões, seguido pela região nordeste, norte, sul e centro-oeste que apresentam, respectivamente, 1,778 milhão, 719 mil, 618 mil e 472 mil, conforme Figura 1.

**Figura 1** - Déficit habitacional por UF - 2019.  
**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016-2019); BRASIL, 2018/2020. Extraído do relatório sobre déficit habitacional 2016 - 2019 da FJP



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, a abordagem da construção de habitações era pautada pela perspectiva da oferta e, principalmente, orientada pelo mercado. Essa abordagem revelou-se ineficaz para lidar com o problema habitacional, uma vez que as forças de mercado não estavam preocupadas com os interesses da maioria da população. Essa dinâmica predominou no Brasil por um longo período, como durante o processo de urbanização, no qual o Estado não interveio para evitar a deterioração social e habitacional. Destaca-se também que a falta de acesso à ter-

ra é uma poderosa forma de excluir a população de baixa renda. Isso se manifesta na formação de favelas e em outras formas de habitação inadequadas, evidenciando a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e voltada para as necessidades da população menos favorecida.

Assim, torna-se evidente, segundo a literatura especializada no assunto, que o desafio habitacional foi construído ao longo da história com pouca atenção por parte das entidades públicas. Somente com o início da implementação de programas habitacionais, que apresentam diversas facetas, é que a questão começou a receber a devida consideração. As políticas públicas neste setor precisam ser direcionadas para o bem-estar das famílias, com um foco na demanda em vez da oferta. Embora haja uma notável melhoria nos programas habitacionais ao longo do tempo, o problema continua presente e ainda pode ser alvo de críticas. Conforme alguns autores destacaram, parece que os programas habitacionais beneficiaram mais a indústria privada do que as famílias que enfrentam o desafio do déficit habitacional.

Finalmente, a problemática habitacional permanece uma realidade no contexto nacional, abrangendo tanto a quantidade quanto a qualidade das moradias. O território nacional ainda apresenta uma série de sub-habitações e zoneamentos periféricos, distantes dos centros urbanos. Em relação às políticas públicas, observa-se que muitas não alcançaram os objetivos propostos inicialmente. No entanto, ao longo do tempo, essas políticas passaram por aprimoramentos, tornando-se mais eficazes.

Os novos projetos devem ser concebidos com o intuito de fornecer moradias para as pessoas de renda mais baixa, buscando alternativas descentralizadas, como exemplificado pelo ONU-Habitat, que oferece diversas opções para aprimorar o bem-estar da população. Esse enfoque não descarta a importância de um sistema centralizado que aborde a questão de maneira estratégica e inteligente, visando reduzir ainda mais o problema ao longo do tempo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Isaura Florisa Gottschall. **Desigualdades e políticas de habitação no Brasil**. Salvador, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/8907/1/Isaura%2520Almeida.pdf>.

BARAVELLI, José Eduardo. Subsídio e déficit habitacional no programa MCMV. **Revista de ciências HUMANDA**, Florianópolis, v.49, n. 1, p.199-215, jan-jan 2015. Acesso em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2015v49n1p199/29615>

BOTEGA, Leonardo da Rocha. De Vargas a Collor: urbanização e política habitacional no Brasil. **Espaço Plural**, vol. VIII, núm. 17, julho-diciembre, 2007, pp. 65-72 Universidade Estadual do Oeste do Paraná Marechal Cândido Rondon, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4459/445944359008.pdf>

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Carências habitacionais quantitativas das famílias de baixa renda no Brasil: uma análise a partir dos dados do CadÚnico (2018 a 2020)**. Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1ZS068zE-5rMbrfB-DRWkJqWOO-j11HH3G/view>.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Diretoria de Estatística e Informações. **Déficit habitacional e da inadequação no Brasil – 2016 - 2019**. Belo Horizonte: FJP, 2021. Relatório. Disponível em: [http://fjp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/21.05\\_Relatorio-Deficit-Habitacional-no-Brasil-2016-2019-v2.0.pdf](http://fjp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/21.05_Relatorio-Deficit-Habitacional-no-Brasil-2016-2019-v2.0.pdf)

MONTEIRO, Adriana Roseno; VERAS, Antonio Tolrino de Rezende. A questão Habitacional no Brasil. **Mercator**, Fortaleza, v.16, 2017. Acesso em: <https://www.scielo.br/j/mercator/a/ZkVrVHZqbHWQwK6HRp-GrcXN/?lang=pt&format=pdf>.

RAMOS, Jefferson da Silva; Noia, Angye Cássia. **Desenvolvimento em Questão**, vol. 14, núm. 33, enero-marzo, 2016, p. 65-105. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/752/75243198004.pdf>.

RUBIN, Graziela Rossatto; Bolfe, Sandra Ana. O desenvolvimento da habitação social no Brasil. **Ciência e natureza**, v.36 n.2 maio-ago. 2014, p 201-213. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4675/467546173014.pdf>.

SANTANA, Rhaina Bandeira. **Análise dos indicadores de déficit habitacional e inadequação de domicílios**. Brasília, 2020. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/39414/1/2020\\_Rhaina-BandeiraSantana.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/39414/1/2020_Rhaina-BandeiraSantana.pdf).

SILVA, Marlon Lima; TOURINHO, Helena Lúcia Zagury. O Banco Nacional de Habitação e o Programa Minha Casa Minha Vida: duas políticas habitacionais e uma mesma lógica locacional. **Cadernos MetrÓpole**, São Paulo, v.17, n.34, pp 401-417, nov. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/YVr5mngJYpDJgQqFXMn6Rcq/?lang=pt&format=pdf>.

VASCONCELOS, José Romeu; JÚNIOR, José Oswaldo Cândido. **O Problema Habitacional no Brasil**: déficit, financiamento e perspectivas. Brasília, abr. 1996. Disponível em: [https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td\\_0410.pdf](https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_0410.pdf).

# ACESSIBILIDADE SONORA: MAPEAMENTO DA PAISAGEM SONORA COM ABORDAGEM APLICADA A PESSOAS SURDAS

## *SOUND ACCESSIBILITY: SOUNDSCAPE MAPPING WITH AN APPROACH APPLIED TO DEAF PEOPLE*

OLIVEIRA, STELLA<sup>1</sup>; OITICICA, MARIA LÚCIA<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas; stella.oliveira@fau.ufal.br.

<sup>2</sup>Doutora em Engenharia Civil, Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas; lucia.oiticica@fau.ufal.br.

### RESUMO

Os sons são percebidos por pessoas ouvintes a partir da vibração de suas moléculas, traduzidos em estímulos elétricos e direcionados ao nosso cérebro. Quando se trata da pessoa surda, essa mesma vibração existe, porém com problema na comunicação com o cérebro, que acaba por não reconhecer as vibrações como sons. Assim, as pessoas surdas não vivem da ausência do som, mas percebendo também suas experiências sonoras a partir de suas vivências. O estudo sonoro desse grupo focal faz-se pertinente em paralelo ao mapeamento da paisagem sonora por sua aplicação interdisciplinar, permitindo uma visão mais ampla a respeito dessas temáticas. Este trabalho pretende investigar o panorama científico acerca da aplicação de mapeamento da paisagem sonora com foco em Pessoas Surdas, considerando suas individualidades, aplicado em ambiente urbano, como parte inicial de uma pesquisa de doutorado. As etapas metodológicas adotadas foram: identificação das palavras e das combinações de busca, utilizando o portal de periódicos da Capes; seleção das bases de dados BDTD, Dimensions, Google Scholar, Scopus, Scielo e Web of Science; seleção de artigos brutos; filtragem dos artigos selecionados, análise e tabulação dos dados obtidos. Com os resultados, foi possível identificar a escassez de trabalhos que tratam dos indivíduos surdos adotada por estudos de mapeamento das paisagens sonoras, dando ênfase às percepções auditivas, a fim de obter a equidade sonora por parte de um grupo focal distinto.

**Palavras-chave:** conforto acústico, deficiência auditiva, percepção humana, surdez.

### ABSTRACT

*Sounds are perceived by hearing people from the vibration of their molecules, translated into electrical stimuli and directed to our brain. When it comes to the deaf person, this same vibration exists, but with a problem in communication with the brain, which ends up not recognizing the vibrations as sounds. Thus, deaf individuals do not live from the absence of sound, but also perceive their sound experiences from their experiences. The sound study of this focus group is pertinent in parallel to the mapping of the soundscape by its interdisciplinary application, allowing a broader view of these themes. This work aims to investigate the scientific panorama about the application of soundscape mapping with a focus on Deaf People, considering their individualities, applied in urban environment, as an initial part of a doctoral research. The methodological steps adopted were identification of words and search combinations, using the Capes journal portal; selection of BDTD, Dimensions, Google Scholar, Scopus, Scielo and Web of Science databases; selection of raw articles and filtering of the selected articles, analysis and tabulation of the data obtained. With the results, it was possible to identify the scarcity of studies dealing with deaf individuals adopted by soundscape mapping studies, emphasizing auditory perceptions, to obtain sound equity on the part of a distinct focus group.*

**Key-words:** acoustic comfort, hearing impairment, human perception, deafness.

## INTRODUÇÃO

Os estudos de paisagens sonoras (Soundscape) apresentam um campo de pesquisa crescente, posicionado em algum lugar contendo a "intersecção" entre diversas disciplinas, tais como a sociologia, psicologia ambiental, música, ecologia acústica, planejamento urbano, engenharia de controle de ruído, arquitetura e muito mais.

O conceito de paisagem sonora começou a ganhar cada vez mais importância particularmente para pesquisadores e profissionais do ambiente construído, graças ao trabalho pioneiro de autores como Southworth (1969) e Schafer (1977), que contribuíram significativamente para o debate em torno da cidade-reino, questionando como as cidades modernas deveriam "soar" (e não apenas "parecer").

A literatura evidencia que o escopo de pesquisa de paisagens sonoras é amplo e pode ser aplicado a qualquer contexto. No entanto, a paisagem sonora se torna particularmente importante nos contextos urbanos (em comparação com os rurais ou naturais) devido aos muitos desafios de sustentabilidade que as cidades modernas enfrentam ao redor do mundo, em consequência de uma densidade crescente de pessoas e atividades relacionadas à urbanização e globalização (Alletta; Xiao, 2018).

A partir dos estudos de Steele; Kerrigan; Gustavino (2019), enquanto as políticas de ruído tradicionalmente se concentram em descrições quantitativas de ruído em termos de níveis de pressão sonora (medida usando decibéis), a abordagem da paisagem sonora requer uma compreensão qualitativa do som urbano (levando em conta a percepção, a experiência e a compreensão da definição), bem como a integração da boa gestão com outras técnicas e fatores dentro do projeto urbano (por exemplo, escolha de materiais).

As abordagens disciplinares em campo não conseguiram informar com precisão a política e outros processos de tomada de decisão sobre como integrar a abordagem da paisagem sonora. Portanto, esforços mais focados são necessários para mobilizar o conhecimento da pesquisa para a prática por meio de colaborações transdisciplinares, trazendo diversos especialistas à mesma mesa para encontrar novas soluções (Steele; Kerrigan; Guastavino, 2019).

Em seus estudos, Alletta; Xiao (2018) defende que apesar das diversas abordagens possíveis para aplicação das metodologias do Soundscape, há um obstáculo adicional para preencher: a lacuna acadêmico-prática. O fato de que não há profissionais "treinados" para cobrir a ampla gama de habilidades e conhecimentos que a abordagem da paisagem sonora requer. Dentre os demais obstáculos elencados

(Aletta; xiao, 2018), pode-se destacar:

- i. A **aplicabilidade do enquadramento** da paisagem sonora – este tema está intimamente ligado à academia-prática, tendo em vista a falta de clareza sobre como e onde a abordagem da paisagem sonora deve ser aplicada.
- ii. **Interações multissensoriais** em paisagens sonoras – diferentes entrevistados têm apontado que são necessários mais esforços de pesquisa para compreender melhor as interações entre o som e outros insumos sensoriais em ambientes urbanos.
- iii. As relações entre as paisagens sonoras e os **comportamentos** – como afetam o comportamento das pessoas, nos espaços públicos urbanos e, por sua vez, como os comportamentos mudarão as atividades que afetam a acústica ambientes.
- iv. **Tecnologia** para paisagens sonoras – do ponto de vista da experimentação em laboratório e dispositivos para Realidade Virtual (VR) ou Realidade Aumentada (AR), as tecnologias oferecem novas ferramentas e possibilidades para investigar o efeito de fatores específicos na percepção sonora em ambientes multissensoriais.

Este artigo é parte inicial de uma pesquisa de tese em desenvolvimento que se propõe a desenvolver uma metodologia de pesquisa a ser aplicada a um grupo de Pessoas Surdas. Como consequência, visa compreender como a literatura está conduzindo e aplicando em pesquisas recentes, a partir da aplicação dos critérios de paisagens sonoras.

O interesse na pesquisa parte das sentenças elencadas pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 2021), já que os impactos da perda auditiva são amplos e podem ser profundos. Eles incluem uma perda da capacidade de se comunicar com os outros, atrasos no desenvolvimento da linguagem em crianças, o que pode levar ao isolamento social, solidão e frustração, particularmente entre as pessoas mais velhas com perda auditiva.

A OMS estima que a perda auditiva não tratada custa à economia global US\$980 bilhões por ano devido aos custos do setor de saúde (excluindo o custo dos aparelhos auditivos), custos de apoio educacional, perda de produtividade e custos sociais (WHO, 2021). Além disso, estima-se que em 2050 cerca de 2,5 bilhões de pessoas estarão vivendo com algum grau de perda auditiva, dos quais pelo menos 700 milhões exigirão serviços de reabilitação.

Diante do exposto, percebe-se uma lacuna nos estudos sobre mapeamento da paisagem sonora aplicado a grupos focais com necessidades específicas. Dessa forma, esta investigação pretende contribuir

com a comunidade científica nos debates sobre a ferramenta de mapeamento para análise da paisagem sonora, aplicada a Acessibilidade Sonora, neste estudo com foco em **Pessoas Surdas** e/ou com alguma **deficiência auditiva**, considerando, além de dados acústicos, a **percepção humana**.

Sendo assim o objetivo geral, discutir o panorama da produção científica, de investigações sobre a abordagem do mapeamento da paisagem sonora aplicado a percepção das Pessoas Surdas, cuja abordagem entre duas temáticas tenha ocorrido de forma integrada e complementar, com vistas a compreender como ocorre essa conexão ao longo dos anos mais recentes neste campo da pesquisa.

## MÉTODO

Para realização deste estudo, foram utilizados procedimentos técnicos da pesquisa bibliográfica e pesquisa-ação. A pesquisa bibliográfica deve ser formulada a partir de uma análise de documentos científicos já publicados, como livros, periódicos e artigos científicos, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema (Lakatos, 2003 & Severino, 2007).

Na pesquisa-ação, o pesquisador interfere na investigação ao realizar um diagnóstico ou análise de determinada busca (Mota; Hirashima; Azevedo, 2019 & Valmorbidia *et al.* 2014).

Objetivando realizar um panorama da produção científica sobre mapeamento da paisagem sonora aplicado a Pessoas Surdas, foram adotadas as seguintes etapas metodológicas:

- i. identificação dos eixos, das palavras e das combinações de palavras, utilizando o portal de periódicos da Capes, acessível em <http://www.periodicos.capes.gov.br/> onde estão disponíveis várias bases de dados, que indexam periódicos internacionais;
- ii. seleção das bases de dados BDTD, Dimensions, Google Scholar, Scopus (Elsevier), Scielo e Web of Science (Clarivate);
- iii. seleção de artigos brutos;
- iv. filtragem dos artigos selecionados, análise e tabulação dos resultados por meio de gráficos e tabelas. A filtragem dos artigos selecionados foi subdividida em: (a) presença de artigos repetidos; (b) alinhamento dos títulos com o tema; (c) alinhamento dos resumos com o tema e (d) aderência da metodologia ao tema.

*Vale esclarecer que as palavras foram definidas em inglês, haja vista ser este o idioma utilizado nas bases de dados consultadas<sup>1</sup>. O levantamento de dados foi executado nos meses de março e abril de 2023.*

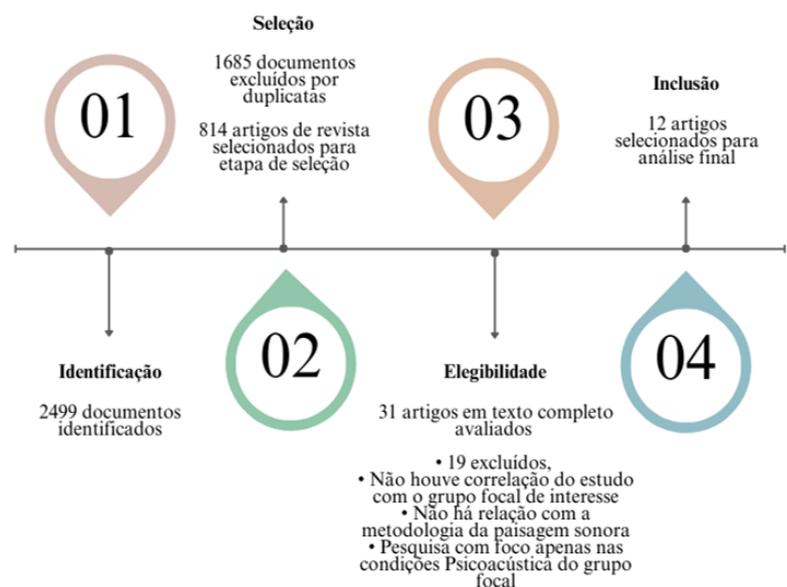
<sup>1</sup>Dentre as bases, BDTD é a única base de dados brasileira, porém a busca também é realizada com a busca em inglês.

A estratégia de busca foi baseada na string de busca abaixo:

(soundscape OR noise OR sounds OR "hearing sense" OR "sound perception" OR sonorities OR "acoustic descriptors" OR "noise pollution") AND (deafness OR "deaf person" OR "hearing impairment" OR hearing OR "human perception" OR individual OR silence OR "deaf culture")

Inicialmente foram encontrados 2499 documentos no total das bases selecionadas. Na base de dados Scielo não foram obtidos documentos com os termos da busca. A figura 1 apresenta um esquema estrutural com as etapas realizadas e quantitativo de dados obtidos na busca de artigos (Figura 1).

**Figura 1** - Esquema estrutural da pesquisa.  
**Fonte:** As autoras (2023).



## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a leitura dos documentos selecionados, foram elaborados gráficos e tabelas com os dados obtidos, expressos na subseção abaixo. Foram evidenciados documentos que atenderam às questões fundamentais da pesquisa, e estudos anteriores que abordaram a temática de forma parcial ou limitada, atendendo parcialmente à busca realizada em 2023.

### Características gerais de busca e seleção

A partir dos resultados obtidos, fica claro que as referências encontradas estão mais bem inseridas na área das Ciências sociais de maneira geral. Como as subáreas: Arquitetura/Urbanismo, Sociologia, Educação e Turismo estão neste contexto, esses achados puderam ser aproveitados para maior aprofundamento, equivalendo a 8 artigos obtidos – aproximadamente 67% das publicações.

Outros artigos foram obtidos em publicações do campo das Ciências Humanas, Ciências Ambientais, Engenharia e Astronomia/Física, correspondendo a 33% do total, ou seja, um artigo de cada uma dessas áreas. As publicações encontradas datam de 2007 até o ano corrente de 2023. Destacando que há uma crescente de publicações nos últimos anos, observando, assim, uma maior preocupação com a temática nos últimos anos.

Observa-se um interesse irrisório no número de produções no decorrer dos anos de consulta. Porém, destaca-se a crescente de publicações após o ano de 2020, e considerando o período de isolamento social em decorrência da pandemia de COVID-19, nos anos de 2020 a 2022, pode-se supor que as questões de saúde geral da população intensificaram o interesse dos pesquisadores, em decorrência dos impactos na sociedade.

O compilado dos documentos selecionados estão expressos no Quadro 1, onde são apresentados: autores, ano, fonte, área de concentração e país de aplicação do estudo.

**Tabela 1** - Seleção de artigos que abordam a temática: Soundscape aplicada a Pessoas surdas.  
**Fonte:** As autoras (2023).

Autor	Ano	Fonte	Área	País de estudo
McGregor, I. Cre-rar, A. Benyon, D. Leplâtre, G.	2007	International Conference on Auditory Display	Astronomia/Física	Reino Unido
Blessner, B. Salter, L. R.	2009	Presented to World Federation Acoustic Ecology Conference	Ciências Ambientais	Estados Unidos
Friedner, M.	2012	Senses and Society	Ciências Sociais	Estados Unidos
Harold, G.	2013	Environment and Planning D: Society and Space	Ciências Ambientais	Irlanda
Mayes J. L.	2017	Cities & Health	Ciências Sociais	Canadá
Martorana, R.	2017	Leiden University	Ciências Sociais	Países Baixos
Mauriz, L. E. Forssén, J. Zachos, G. Kropp, W.	2020	Int. J. Environ. Res. Public Health	Ciências Sociais/Engenharias	Suíça
Renel, W.	2020	Architecture and Culture	Ciências Sociais	Reino Unido
Simili, J. Rego, A. Q.	2020	Oculum Ensaio	Ciências Sociais	Brasil
Nózka, M.	2021	Social & Cultural Geography	Ciências Humanas	Polônia
Tonosaki, H.	2021	Journal of Creativity in Music Education	Ciências Humanas	Japão
Trandberg, M. J. Câmaras, D. Wilson, S.	2023	Anais de Pesquisa em Turismo	Ciências Sociais	Dinamarca



Dessa discussão, propôs-se uma agenda interdisciplinar de pesquisa para estudos surdos em turismo que reconsidere novas abordagens epistemológicas e tecnológicas para futuros estudos empíricos das sonoridades de viagens e turismo.

Este estudo baseou-se no reconhecimento de que os viajantes surdos não atravessam em silêncio, mas estão imersos na onipresença do som. Sendo assim, abriu novas vertentes de conceituar atos de decifração que não estão em conformidade com os tropos padrão da consciência sensorial (McGregor, et al. 2007).

Blessner e Salter (2009) destacam que as paisagens sonoras são muito mais do que experimentar a natureza, desfrutando de música e discurso compreensivo. Para apreciar plenamente o significado das paisagens sonoras, precisamos examinar as interações entre som, lugar, cultura, cognição e evolução.

As paisagens de som ajudam a responder às perguntas: onde estamos, como nos comportamos e como nos sentimos. Uma paisagem sonora é um sistema complexo que fornece os meios pelos quais as pessoas se conectam a atividades dinâmicas: é a vida de um espaço vivenciado pela escuta. Quando biologicamente ou funcionalmente surdos<sup>2</sup>, temos mais dificuldade em viver eventos significativos porque a visão não é particularmente boa para reconhecê-los (Blessner; Salter, 2009).

A visão exige que nos concentremos primeiro voluntariamente no alvo; a visão é facilmente obscurecida por objetos intervenientes; a visão requer uma fonte de luz; e a visão é fraca para de detecção de movimento rápido ou mudança rápida (Blessner; Salter, 2009).

Nos Estados Unidos, estudos de Friedner e Stefan (2012) destacam que em contraste, o fundacional trabalho sobre surdos argumenta que as tendências auditivas e fonocêntricas sofrem as interações cotidianas, bem como a teoria cultural, que sintoniza a audição e a voz como modos chave de discriminação humana da socialidade.

Os estudos sobre surdos exortaram, em resposta ao fonocentrismo, uma nova consideração do visual como espaço de comunicação e possibilidades interativas.

A literatura evidencia que, à primeira percepção, os estudos do som e os estudos dos surdos parecem operar em mundos à parte. Estudos sólidos privilegiam a atenção à escuta, audição e paisagens sonoras na experiência cultural, procurando combater a primazia da visão como um quadro organizador para a análise social (Harold, 2013).

<sup>2</sup> Surdez funcional é a incapacidade de uma pessoa auditiva normal de detectar eventos sônicos, que é o caso quando usando fones de ouvido ou quando há transmissões de eventos com máscaras de ruído ambiente muito barulhentas.

Tanto em estudos de Som como de Surdos, uma divisão limpa também é frequentemente assumida entre a audição e a surdez. Um Crítico Genealogia de um Termo Chave em Estudos Sonoros", sugere que "o atendimento ao som pode amplificar aspectos críticos da social e cultural vida que de outra forma cai em ouvidos moucos". Audição, surdez, e visão, operam como tipos ideais, que minimizam a continuidade entre e as multiplicidades de capacidades sensoriais. Tais mol-duras obscurecem os pontos de contato entre os estudos de Som e Surdo. Desejamos aqui explorar zonas de articulação produtiva (Harold, 2013).

Harold (2013) evidencia que a volta sensorial fez uma tentativa pronunciada de ampliar o foco em geografia social e cultural para abranger todo o espectro sensorial, com o objetivo de contrabalançar o que é percebido como tendo sido a atenção desproporcional concedida às geografias visuais e ao ato de ver.

O estudo de Harold (2013) trata o direito à cidade amiga dos surdos, comprometido explicitamente através de relatos empíricos dos surdos na Irlanda e Inglaterra, cujas geografias cotidianas são caracterizadas pela negociação de espaços urbanos que foram projetados de acordo com as necessidades de um suposto público de audiência homogêneo.

Comentadores surdos, enquanto não negam a pertinência do som, desestabilizam criticamente a suposição de que ser ouvido é uma parte natural da vida para todos. Considerando isto, a maioria da literatura geográfica no som é indiscutivelmente essencialista em sua disposição do ouvir, com sua sugestão de que o engajamento sólido é um aspecto fundamentalmente necessário da experiência humana, e, significativamente, tal discurso está predominantemente enraizado na ontologia da audição (Harold, 2013).

Mayes (2019) aborda em seus estudos de evidências de perda auditiva urbana, ubíqua de alto nível de ruído que excede os limites de saúde pública, e aumento da prevalência de sensorineural danos auditivos em todas as faixas etárias internacionalmente. Os componentes neurosensoriais diferem muito entre presbycusis<sup>3</sup> sensoriais tardios em pessoas sem exposição perigosa e presbycusis neural precoce em pessoas com um histórico de alta exposição ao ruído. Os limites de escuta segura para a saúde auditiva são mais rigorosos do que os limites ocupacionais, a fim de proteger totalmente a população em geral contra danos permanentes por ruído neurosensorial.

<sup>3</sup> Doença multifatorial, caracterizada pela perda progressiva da audição em ambos os ouvidos ao longo da vida, mais conhecida como **Surdez no idoso**.

Em seu trabalho aplicado no Canadá, Mayes (2019) defende que os níveis de ruído em ambiente urbano em muitas cidades são altos o suficiente para causar ruído sensorineural danos irreversíveis. Perda auditiva oculta permanente evitável, a perda da relação voz-ruído, zumbido, perda auditiva induzida pelo ruído e presbiacusia acelerada, que, sem tratamento, têm impactos negativos na qualidade de vida das pessoas e no aumento dos custos de saúde. Com o aumento da prevalência da perda auditiva induzida pelo ruído em todas as populações etárias internacionais, níveis de ruído urbano mais silenciosos que atendam às diretrizes de saúde pública são urgentemente necessários para evitar danos auditivos e interferência na fala.

As exposições perigosas excedem os limites para perturbar o sono, perturbando a comunicação, e causando não-auditoria impactos na saúde. Cumprir os limites de ruído de saúde pública para prevenir efeitos adversos não auditivos reduziria ruído urbano a níveis que não representam mais um risco à saúde auditiva neurosensorial (Mayes, 2019).

Martorana (2017) em suas pesquisas, evidencia a presença do silêncio em nossa vida como uma experiência perceptual inegável e, para que seja percebida, ela só pode coexistir com o som. O silêncio pode ser considerado em termos de uma representação contextual subjetiva de estímulos auditivos ambientais que, em ecologia acústica, são estudados como 'paisagem sonora'. A sensibilidade auditiva humana é caracterizada por uma constante adaptação ao estímulo atual.

De acordo com o estudo de Martorana (2017), a completa ausência de estímulos é praticamente impossível de experimentar e, mesmo nas situações mais extremas, tais como uma área muito tranquila ou um estado de surdez total, a atenção humana iria gradualmente mudar o limiar até encontrar estímulos em que se concentrar; vozes audíveis ao longe, sons suaves produzidos pelo corpo ou mesmo sons percebidos por vibrações através da sensação de toque.

Estévez-Mauriz (2020) em seu trabalho intitulado "Deixe as crianças ouvirem: Uma Primeira Aproximação ao Avaliação Ambiental Sonora de Crianças através de uma abordagem Soundwalk" objetivou-se a investigar uma metodologia de passeio sonoro para crianças, analisando o ambiente sonoro de cinco locais diferentes de Gothenburg, Suécia, do ponto de vista das crianças, dando-lhes a oportunidade de agir como uma parte ativa da sociedade. Tanto a avaliação individual do ambiente sonoro quanto a acústica.

Os resultados sugeriram que, entre os resultados significativos, as crianças acabaram tendendo a classificar o ambiente sonoro como ligeiramente melhor quando níveis mais baixos de ruído de fundo estão presentes (Estévez-Mauriz *et al.* 2020).

Além disso, Estévez-Mauriz (2020) salienta que as classificações de domínio de tráfego apareceram como o melhor preditor entre os sons estudados. Fontes: quando o tráfego dominava como uma fonte sonora, as crianças classificaram o ambiente sonoro como pior. A incorporação de crianças na pesquisa do ambiente sonoro urbano pode ser capaz de gerar novos resultados em termos de compreensão das crianças sobre seu ambiente sonoro.

A inclusão de crianças no estudo do ambiente sonoro foi apontada como relevante. Elas são consideradas um "grupo vulnerável" que está claramente em uma desvantagem considerando seu reduzido controle sobre como e onde eles jogam, vão à escola e vivem (Estévez-Mauriz *et al.* 2020). Com este tipo de avaliação, destaca-se a importância de incluir as crianças e outros grupos vulneráveis nas políticas ambientais sólidas da sociedade, já que as legislações sobre ruído ambiental consideram o público em geral, e nenhuma referência especial é feita a grupos vulneráveis.

Em seu estudo, Renel (2020) aborda o conceito de Inclusão Sônica, em que as formas em que o som inclui as pessoas no espaço tem recebido pouca atenção no projeto do ambiente construído. Propõe-se que o projeto e a gestão do espaço urbano contemporâneo se baseiem em uma perspectiva "auraltípica"<sup>4</sup>.

A oficina reuniu uma coorte de deficientes adultos, cada um com experiência de vida auto identificada de exclusão sônica. Utilizou-se tecnologias digitais, como microfones binaurais, sensores de pressão e adesivos sonoros ativados por smartphone-ativados, para mapear o som sônico de objetos, ambientes e experiências em todo o edifício. O foco específico foi dado ao mapeamento dos elementos do ambiente que eram entendidos como pertinentes para a inclusão ou exclusão de pessoas surdas e deficientes (Renel, 2020).

As descobertas no estudo de Renel (2020) enfatizam o importante papel que a sonicartografia pode desempenhar no exame da acessibilidade no espaço urbano. O artigo pede uma nova política de mapeamento sonoro na qual o surdo e a deficiência sejam incorporados em primeiro plano e através da qual um exame da inclusão sólida e social nos espaços urbanos pode começar a emergir.

<sup>4</sup> Foco são aqueles com audição "ontologicamente normal". Esta posição é impulsionado por um modelo idealizado de audição que projeta estruturas através o posicionamento binário das orelhas "boas/ruins" e leva a espaços que são socialmente exclusivos.

O paradigma sugere que uma maior compreensão da auraldiversidade da população permitirá novas perspectivas de inclusão social no ambiente construído para emergir. Esta abordagem inclui ferramentas de avaliação de paisagens sonoras socioculturais para apoiar o planejamento e reordenamento do espaço sônico urbano inovador (Renel, 2020).

Simili (2020) apresenta a paisagem sonora representada pelas pessoas surdas através de uma experiência com o som para além da audição. Adota-se uma interpretação socioantropológica da surdez, incorporando proposições identitárias e culturais próprias a esse grupo de pessoas. Este trabalho destaca a relevância do método Passeio Sonoro Comentado para a identificação da paisagem sonora representada por pessoas surdas. Esse método foi essencial para que se comprovasse a existência de uma “paisagem sonora além da audição”, destacando que as sonoridades são percebidas pelas pessoas surdas e que estas são capazes de influenciar a relação do surdo com o espaço urbano.

Observa-se que, ainda que a percepção da paisagem sonora relacione os ruídos (sons não compreendidos) e o silêncio, há uma identificação sonora que contribui para a construção de uma paisagem sonora. Dessa forma, ainda que não se pautem nos sons dos ambientes da mesma maneira que uma pessoa ouvinte, a pessoa surda é capaz de organizar os ruídos percebidos, mapeando e desenvolvendo uma “leitura sonora” que contribui para sua orientação e movimentação no ambiente (Simili; Rego, 2020).

Nesse sentido, destaca-se, porém, que a paisagem sonora identificada e construída por uma pessoa surda será bem distinta daquela identificada por uma pessoa ouvinte, devendo esse fato estar relacionado tanto à presença quanto ao nível da pressão sonora propagada (Simili; Rego, 2020).

Nózka (2021), em suas pesquisas, aborda três campos auditivos de análise em que são identificadas as práticas sociais sônicas, através das quais e nas quais eles são gerados, processados e reproduzidos: 1) som como um contexto e gatilho de práticas específicas - praticando em som, 2) som como um elemento integral das práticas sociais - praticando através de boas práticas, 3) práticas sônicas como práticas sociais autônomas.

A cidade não é apenas uma área de diversas paisagens sonoras 'ligadas' por transições, mas uma área de 'sobreposição', coexistência e ressonância das diversas paisagens sonoras. Assim, práticas - incluindo as sônicas - que transformam uma determinada pessoa em residente, turista, fornecedor ou transeunte. As pessoas se tornam através de práticas, que ao mesmo tempo localizam em várias paisagens de som (Nóžka, 2021).

Tonosaki (2022) em seus estudos de educação musical em escolas surdas no Japão geralmente se concentra em informações visuais. Este estudo propõe um novo currículo para crianças com deficiência auditiva baseado em Schafer's A Sound, educação que costumava ensinar música para crianças com deficiência auditiva em uma escola para surdos-mudos durante dois anos escolares.

Os dados obtidos por Tonosaki (2022) apontam que estes exercícios ajudaram as crianças com deficiência auditiva a ouvir vários sons, sugerindo a necessidade de aulas de música baseadas na educação sonora. O Soundwalk foi praticado duas vezes por estudantes do ensino fundamental.

No início, a maioria dos estudantes podiam ouvir ativamente os sons enquanto caminhavam na direção do som e conversavam sobre a audição de sons. Alguns estudantes removeram seus implantes cocleares e aparelhos auditivos para ouvir sons sem eles. No feedback, perguntei-lhes que tipo de som eles tinham ouvido (Tonosaki, 2022).

Suas respostas incluíram pegadas, o som do vento, aviões, pisar na grama, pisar na neve, uma cerca tremendo, e assim por diante. Eles estavam interessados em sons e na atividade de sons auditivos. A maioria dos estudantes, exceto o estudante A, conseguia ouvir a paisagem sonora em seus ouvidos, mas não através de seus implantes cocleares ou aparelhos auditivos (Tonosaki, 2022).

Trandberg; Câmaras e Wilson (2023), neste artigo conceitual, fornecem uma teorização interdisciplinar crítica da surdez a partir de perspectivas fenomenológicas e pós-fenomenológicas. Argumenta-se que, em estudos das experiências incorporadas dos turistas, as sonoridades das viagens raramente foram exploradas.

Sugere-se que a pós fenomenologia possa destacar o papel das tecnologias nos estudos do turismo surdo, fornecendo um novo prisma para descompactar os problemas e potenciais da surdez como condição sensorial (Trandberg; Chambers; Wilson, 2023).

Dessa discussão, surge o reconhecimento de que os viajantes surdos não atravessam em silêncio, mas estão imersos na onipresença do

som. Sendo assim, propomos abrir novas maneiras de conceituar atos de decifração que não estão em conformidade com os tropos padrão da consciência sensorial (TRANDBERG; CHAMBERS; WILSON, 2023).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização dessa pesquisa inicial a respeito da metodologia Soundscape aplicada a Pessoas Surdas, é perceptível com a quantificação de trabalhos obtidos a falta de interesse na abordagem integrada entre as temáticas, havendo assim poucos dados comparativos para servirem de parâmetros para desenvolvimento de novas produções científicas.

A interdisciplinaridade permissível por parte da metodologia Soundscape abrange as dimensões de pesquisa a serem possíveis de realização. Vale ressaltar as diversas limitações encontradas na aplicação do mapeamento da paisagem sonora, por consequência de demandas como: colaboradores qualificados para tal feito e necessidade de longos períodos para estruturação e realização das entrevistas a depender do interesse da pesquisa.

Como proposta de desenvolvimento para trabalhos futuros, sugere-se a investigação dos efeitos dos sons relacionados a outros sentidos humanos sobre o comportamento da multidão em ambiente construído. Permitindo assim, relacionar e até quantificar o perceptual de sensibilidade de cada sentido humano em determinadas circunstâncias.

Esta investigação corrobora que a paisagem sonora aplicada a grupos vulneráveis é imprescindível para crescer na Política de Acessibilidade, e inserção de distinção nas legislações ambientais, visto que essas não tratam de grupos especificamente, mas sim, tratam os indivíduos da sociedade sem elencar suas peculiaridades.

## REFERÊNCIAS

ALLETA, F. XIAO, J. What are the Current Priorities and Challenges for (Urban) Soundscape Research?. **Challenges**, v. 9, n. 16, 2018; DOI:10.3390/challe9010016. Disponível em: [https://app.dimensions.ai/details/publication/pub.1101760475?search\\_mode=content&search\\_text="sonic\\_accessibility"&search\\_type=kws&search\\_field=full\\_search&and\\_subset\\_added\\_since=2023-02-11T12%3A38%3A34Z](https://app.dimensions.ai/details/publication/pub.1101760475?search_mode=content&search_text=) Acesso em: 20 abr. 2023.

ALETTA, F.; XIAO, J. Handbook of Research on Perception: Driven Approaches to Urban Assessment and Design. **IGI Global**: Hershey, PA, USA, 2018.

BLESSER, B. SALTER, L. R. **The Other Half of the Soundscape**: Aural Architecture. Presented to World Federation Acoustic Ecology Conference, Mexico City, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/228885115\\_The\\_Other\\_Half\\_of\\_the\\_Soundscape\\_Aural\\_Architecture](https://www.researchgate.net/publication/228885115_The_Other_Half_of_the_Soundscape_Aural_Architecture) Acesso em: 21 abr. 2023.

ESTÉVEZ-MAURIZ, L.; FORSSÉN, J.; ZACHOS, G. & KROPP, W. Let the Children Listen: A First Approximation to the Sound Environment Assessment of Children through a Soundwalk Approach. **IJERPH**, 17(12). 10.3390/ijerph17124185. 2020. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/17/12/4185> Acesso em: 21 abr. 2023.

FRIEDNER, M., HELMREICH, S. Sound Studies Meets Deaf Studies, **The Senses and Society**, v. 7:1, p. 72-86, 2012. DOI: 10.2752/174589312X13173255802120. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/action/showCitFormats?doi=10.2752%2F174589312X13173255802120>. Acesso em: 21 abr. 2023.

HAROLD, G. Reconsidering Sound and the City: Asserting the Right to the Deaf-Friendly City. **Environment and Planning D: Society and Space**. 2013, v.31, p. 846 – 862. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1068/d3310> Acesso em: 21 abr. 2023.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003. 310p. Disponível em: [https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india/view](https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view) Acesso em: 20 abr. 2023.

MARTORANA, R. **Representation of Silence in the Perception of the Soundscape**. Mestrado (Dissertação) Programa de Mestrado em Tecnologia de Mídia, Universidade de Leiden, 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/332058802\\_Representation\\_of\\_Silence\\_in\\_Soundscape\\_Perception](https://www.researchgate.net/publication/332058802_Representation_of_Silence_in_Soundscape_Perception) Acesso em: 21 abr. 2023.

MAYES, J. L. Urban noise levels are high enough to damage auditory sensorineural health, **Cities & Health**, v.5:1-2, p. 96-102, DOI: 10.1080/23748834.2019.1577204. 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/23748834.2019.1577204?journalCode=rcah20#:~:text=Ubiquitous high-level indoor and outdoor urban noise levels,in the absence of an external sound source%29> Acesso em: 21 abr. 2023.

MCGREGOR, I. CRERAR, A. BENYON, D. LEPL TRE, G. Establishing key dimensions for reifying soundfields and soundscapes from auditory professionals. **Anais**. Proceedings of the 13th International Conference on Auditory Display, Montréal, Canada, p.26-29, 2007. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/229076885\\_Establishing\\_Key\\_Dimensions\\_for\\_Reifying\\_Soundfields\\_and\\_Soundscapes\\_from\\_Auditory\\_Professionals](https://www.researchgate.net/publication/229076885_Establishing_Key_Dimensions_for_Reifying_Soundfields_and_Soundscapes_from_Auditory_Professionals) Acesso em: 21 abr. 2023.

MOTA, L. C. C.; HIRASHIMA, S. Q. da S.; AZEVEDO, R. C. Elaboração e análise de portfólio bibliográfico sobre mapeamento sonoro urbano utilizando o PROKNOW-C. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE CONFORTO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO - XI ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE CONFORTO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 2019, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: ENCAC, 2019. 18 a 21 set. 2019.

NÓŽKA, M. Social sonic practices. The urban audiosphere in the practices of D/deaf and hearing people. **Social & Cultural Geography**. 2021. <https://doi.org/10.1080/14649365.2021.1939128>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14649365.2021.1939128?journalCode=rscg20> Acesso em: 21 abr. 2023.

RENEL, W. [Re]Mixing Space: Charting Sonic Accessibility and Social Equity in Creative Urban Contexts, **Architecture and Culture**, v.7, 3ed, p.419-436, DOI: 10.1080/20507828.2019.1632619. 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/20507828.2019.1632619> Acesso em: 21 abr. 2023.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/480079870/SEVERINO-Metodologia-do-Trabalho-Cientifico-2007-pdf#>. Acesso em: 21 abr. 2023.

SCHAFER, R. M. **The Tuning of the World**. Knopf: New York, NY, USA, 1977.

SIMILI, J. REGO, A. Q. Passeio Sonoro Comentado: Metodologia de Identificação da Paisagem Sonora Representada por Pessoas Surdas. **Oculum Ensaios**, v.17 2020. Disponível em: [https://www.academia.edu/51430126/Passeio\\_Sonoro\\_Comentado\\_metodologia\\_de\\_identificacao\\_da\\_paisagem\\_sonora\\_representada\\_por\\_pessoas\\_surdas](https://www.academia.edu/51430126/Passeio_Sonoro_Comentado_metodologia_de_identificacao_da_paisagem_sonora_representada_por_pessoas_surdas) Commented\_soundwalk\_methodology\_for\_identifying\_the\_soundscape\_representedby\_deaf\_people#:~:text=Nesse%20aspecto%2C. Acesso em: 21 abr. 2023.

SOUTHWORTH, M. The sonic environment of cities. **Environ. Behav.** 1969, p.49–70. 2. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/001391656900100104>. Acesso em: 21 abr. 2023.

STEELE, D., KERRIGAN, C., & GUASTAVINO, C. Sounds in the city: bridging the gaps from research to practice through soundscape workshops. **Journal of Urban Design**, p.1–19. 2019. DOI: 10.1080/13574809.2019.1699399 Disponível em: [https://app.dimensions.ai/details/publication/pub.1123611480?search\\_mode=content&search\\_text="sonicaccessibility"&search\\_type=kws&search\\_field=full\\_search&and\\_subset\\_added\\_since=-](https://app.dimensions.ai/details/publication/pub.1123611480?search_mode=content&search_text=)

2023-02-11T12%3A38%3A34Z. Acesso em: 20 abr. 2023.

TONOSAKI, H. Practicing Sound Education for Children with Hearing Impairment. **Journal of Creativity in Music Education**, v.09, p.18-27, [https://doi.org/10.50825/icme.09.0\\_18](https://doi.org/10.50825/icme.09.0_18), 2022. Disponível em: [https://www.jstage.jst.go.jp/article/icme/09/0/09\\_18/\\_article/-char/en](https://www.jstage.jst.go.jp/article/icme/09/0/09_18/_article/-char/en) Acesso em: 21 abr. 2023.

TRANDBERG, M. J., CHAMBERS, D., WILSON, S. The future of deaf tourism studies: An interdisciplinary research agenda, **Anais**. Annals of Tourism Research. v.100, 2023, doi: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2023.103549>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738323000221>. Acesso em: 21 abr. 2023.

VALMORBIDA, S. M. I. et al. Mapeamento das publicações do tema gestão pública com foco nos resultados. **RIC - Revista de Informação Contábil**, [s/l], 2014.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World report on hearing**: executive summary. Geneva: Suíça, 2021. 16p. Disponível em: <https://www.who.int/teams/noncommunicable-diseases/sensory-functions-disability-and-rehabilitation/highlighting-priorities-for-ear-and-hearing-care>. Acesso em: 20 abr. 2023.

# “DIÁRIO DE UM DETENTO”: RELAÇÕES RACIAIS E ESPAÇO URBANO

## “DIÁRIO DE UM DETENTO”: RACE RELATION AND URBAN SPACE

MARQUES, LEANDRO FERREIRA<sup>1</sup>; ARAÚJO, FLÁVIA DE SOUSA<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Mestrando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia; leandromarques@ufba.br.

<sup>2</sup>Doutora em Planejamento Urbano e Regional, Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas; flavia.araujo@fau.ufal.br.

### RESUMO

O presente artigo tem como intenção refletir sobre as relações raciais dentro do espaço público urbano a partir do papel do campo de estudos da Arquitetura e Urbanismo. É fruto de reflexões de um Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo em Maceió, Alagoas. A metodologia parte da provocação de algumas músicas do álbum “Sobrevivendo no Inferno” dos Racionais MC’s e do conceito de epistemicídio de Sueli Carneiro, associadas a relatos pessoais sobre o fardo de ser um intelectual negro nos espaços de ensino superior, junto ainda de uma revisão e crítica bibliográfica de autores(as) brancos(as/es) a partir de autores(as) negros(as/es). Concluímos que existem padrões no modo de fazer e pensar a cidade na Arquitetura e Urbanismo que colocam a população negra em um constante lugar de subalternidade, herdadas de uma história colonial. Portanto, repensar o que está posto neste campo, de conceitos à práticas, via racialidade, é um dever. Isso esbarra, entretanto, na invalidação de conhecimentos raciais ou objetificação de corpos negros por pesquisadores(as) brancos(as/es), que ainda são maioria estrutural nas academias. Além disso, para intelectuais negros(as/es), esse dever tem diferentes pesos, pois também fala sobre adentrar e refletir sobre episódios de dor, a sobrecarga de estudos sobre raça, e a falta de referências fundantes nos currículos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo. Ressaltamos ainda a importância de reconhecer a potência do compartilhamento com outros pesquisadores(as) negros(as/es) para o acolhimento e validação nos processos de pensar e produzir conhecimento.

**Palavras-chave:** Arquitetura e Urbanismo; Ensino; Epistemicídio; Racismo.

### ABSTRACT

*This article aims to reflect on racial relations within the urban public space through the role of the field of Architecture and Urbanism studies. It is the result of reflections from a Final Graduation Project in Architecture and Urbanism in Maceió, Alagoas. The methodology is based on the provocation of some songs from the album “Sobrevivendo no Inferno” by Racionais MC’s and the concept of epistemicide by Sueli Carneiro, associated with personal accounts about the burden of being a black intellectual in higher education spaces, along with a review and critical analysis of literature by white authors from the perspective of black authors. We conclude that there are patterns in the way the city is conceived and thought of in Architecture and Urbanism that place the black population in a constant position of subalternity, inherited from colonial history. Therefore, rethinking what is established in this field, from concepts to practices, through the lens of race, is a duty. However, this encounters the invalidation of racial knowledge or the objectification of black bodies by white researchers, who still constitute the structural majority. Additionally, for black intellectuals, this duty carries different weights, as it also involves delving into and reflecting upon episodes of pain, the burden of studying race, and the lack of foundational references in the curricula of Architecture and Urbanism courses. We also emphasize the importance of recognizing the power of sharing with other black researchers for support and validation in the processes of thinking and producing knowledge.*

**Key-words:** Architecture and Urbanism; Education; Epistemicide; Racism.

## PONTO(S) DE PARTIDA(S)

São Paulo, dia 1º de Outubro de 1992, oito horas da manhã  
 Aqui estou, mais um dia  
 Sob o olhar sanguinário do vigia  
 Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK  
 Metralhadora alemã ou de Israel  
 Estraçalha ladrão que nem papel  
 Na muralha, em pé, mais um cidadão José  
 Servindo o Estado, um PM bom  
 Passa fome, metido a Charles Bronson  
 Ele sabe o que eu desejo  
 Sabe o que eu penso  
 O dia tá chuvoso, o clima tá tenso  
 Vários tentaram fugir, eu também quero  
 Mas de um a cem, a minha chance é zero  
 Será que Deus ouviu minha oração?  
 Será que o juiz aceitou a apelação?  
 Mando um recado lá pro meu irmão  
 Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão  
 Ele ainda tá com aquela mina  
 Pode crer, moleque é gente fina  
 Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá  
 Tanto faz, os dias são iguais  
 Acendo um cigarro, e vejo o dia passar

Trecho da música "[Diário de Um Detento](#)" dos Racionais MC's (Sobrevivendo, 1997)

**Colagem 01** - Dona Maria - série Transcender: a Cidade dos Sonhos Negros.

**Fonte:** Paula; Marques, 2021.



<sup>1</sup>Racionais MC's é um grupo brasileiro de rap formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay, considerados o maior grupo de rap do Brasil, foi fundado em 1988 com a preocupação de denunciar a opressão que o racismo e o capitalismo causavam através da miséria, violência e o crime na população negra.

Quando eu realmente escutei o álbum "Sobrevivendo no Inferno" dos Racionais MC's<sup>1</sup>, aos meus 22 anos de idade, parei para pensar na

<sup>2</sup>A fim de enfatizar e não silenciar os demais grupos que sofrem com racismo, o teórico Henrique Cunha, estudioso das áreas de Bairros Negros, Territórios negros, História e Urbanismo Africano, utiliza do acréscimo do termo "antinegro" para direcionar um dos afetamentos do racismo e, assim, falar com mais propriedade acerca dos problemas específicos que a população negra sofre (Bairros, 2021; Relações, 2021).

<sup>3</sup>Grada Kilomba é uma artista interdisciplinar, escritora e teórica nascida em Lisboa (com raízes em São Tomé e Príncipe e Angola), onde estudou psicologia e psicanálise. Doutora em filosofia na Freie Universität, Grada ficou bastante conhecida pelo seu trabalho "Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano" (2019), obra na qual discute sobre os danos psicológicos causados pelo racismo, sendo o livro traduzido e publicado em várias línguas internacionalmente.

<sup>4</sup>De acordo com o Conselho Nacional do Ministério Público "A categoria 'Crimes Violentos Letais Intencionais' foi idealizada em 2006 pela Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça (SENASP), com a finalidade de agregar os crimes de maior relevância social. São considerados como CVLI os crimes de homicídio doloso, incluindo-se o feminicídio, a lesão corporal seguida de morte e o latrocínio." (Brasil, 2021, p. 08).

mensagem e significado dessas letras e de como elas conversam comigo. Falo de uma realidade na qual tive acesso a uma boa estrutura familiar, a boas escolas, a comida, a roupa, a moradia, ao lazer, mas apesar de tudo isso eu sempre me sentia diferente e que precisava me esforçar mais do que os outros para conseguir ser reconhecido, visto, ao menos considerado e escutado. Essa sensação de insuficiência, não reconhecimento e não pertencimento me acompanhou desde pequeno. Só quando entrei na Universidade, local no qual me reconheci como pessoa negra, que me dei conta dos motivos: eu não sou diferente, tornam-me diferente.

Compreender que o racismo antinegro<sup>2</sup> afeta nossa condição como indivíduo negro na sociedade foi doloroso e ao mesmo tempo uma forma de resistência e autoconhecimento. Ao ler Grada Kilomba<sup>3</sup> (2019) e entender que o racismo tem como característica marcante a construção da diferença ligada à formação de valores hierárquicos de naturalização da desonra e inferiorização de pessoas não brancas, somados as estruturas de poder histórico, social, econômico e político; cheguei a conclusão de que eu também estou tentando "Sobreviver no Inferno". É dentro disso e do sentimento da música "[Diário de Um Detento](#)" que surge a ideia e intenção de escrita deste artigo: a de refletir sobre as relações raciais dentro do espaço público urbano e o papel do campo de Arquitetura e Urbanismo nisso.

Nesse sentido, a metodologia do artigo parte da provocação de algumas músicas do álbum "Sobrevivendo no Inferno" (Sobrevivendo, 1997) que fomentam a escrita de relatos pessoais sobre o fardo de ser um intelectual negro na produção de meu TFG que trata sobre raça e racismo através de uma revisão bibliográfica de autores que tratam do assunto. Pontuamos nessa mesma pegada reflexões sobre minha formação na faculdade de Arquitetura e Urbanismo, a partir do conceito de epistemicídio. Dentro desses relatos pessoais sobre educação e ensino, migramos de forma não dissociada, então, para reflexões sobre relações raciais e espaço urbano por meio de mais revisões bibliográficas, no intuito de entender como o campo da Arquitetura e Urbanismo auxilia na produção de discursos racistas.

Ressaltamos que a produção desse artigo provém de um dos capítulos do meu Trabalho Final de Graduação (TFG) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas, apresentado em 2022, intitulado: "['Sobrevivendo no Inferno': experimentos com montagem urbana na cidade de Maceió/AL](#)" (Marques, 2022). O TFG tinha a intenção de buscar enfrentamentos à representação negativa negra na cidade, partindo de um foco no estudo da violência sofrido por corpos negros. Fundamentalmente da violência letal urbana por meio da análise dos Crimes Violentos Letais Intencionais<sup>4</sup> entre 2012 e 2021, junto a dados de raça, gênero, renda, educação e densidade demográfica, a

partir do estudo de caso do município de Maceió, capital de Alagoas, estado do nordeste brasileiro (Figura 01), cidade no qual cresci e fui criado. Descobrimos que há uma territorialização racial das mortes violentas letais intencionais nos bairros negros<sup>5</sup> de Maceió-AL, morrendo uma pessoa negra de forma violenta a cada 18 horas e afetando majoritariamente jovens-homens-negros<sup>6</sup>.

Figura 1 - Esquema de localização do recorte de estudo.

Fonte: Marques, 2020.



<sup>5</sup>Bairros Negros” é um conceito cunhado pelo teórico Henrique Cunha (2021), no intuito de buscar outros discursos e assim melhor descrever as territorialidades negras nas cidades, não reduzindo-as apenas a visão de classe, como comumente é tratado e, portanto, desinvisibilizando a relação racial na organização espacial das cidades para além de não só enxergar essas áreas pela sentença da miséria e da pobreza de capital, usualmente, conceituadas por teorias urbanísticas eurocêntricas de negação a diversidade e reprodutora de dualismos e da naturalização da inferioridade dessas áreas: cidade formal x informal, centro x periferia, bairros populares, periféricos, aglomerados subnormais.

<sup>6</sup>Vilma Reis (2005) traz o conceito de jovens-homens-negros para tratar de quem mais a violência letal urbana afeta, reforçando as dimensões identitárias e interseccionais, de raça, gênero e geração.

<sup>7</sup>Em pesquisa publicada em abril de 2021, o Instituto Locomotiva destaca que 84% das pessoas percebem o racismo, mas apenas 4% se consideram preconceituosas (2021).

Assim, se constrói uma narrativa de medo e insegurança ao redor dos bairros negros, principalmente pelas ações policiais e a constante divulgação de imagens de morte pela mídia, impactando diretamente a produção urbana e arquitetônica da cidade como um todo e reforçando que os bairros negros se resumem a violência. Ainda pouco se discute de forma ampla sobre as premissas do fazer e estudar a cidade relacionada à questão racial. No país da falsa democracia racial<sup>7</sup>, não basta reconhecer que o campo da Arquitetura e Urbanismo, enquanto mais uma instituição e local de prática, dialoga, absorve, reproduz e perpetua problemáticas estruturais da sociedade brasileira; também é preciso tomar partido das ferramentas desse campo do conhecimento (no meio profissional e acadêmico) para criar e pensar meios de combate ao racismo. É nesse sentido que a escrita deste artigo é embasada e justificada.

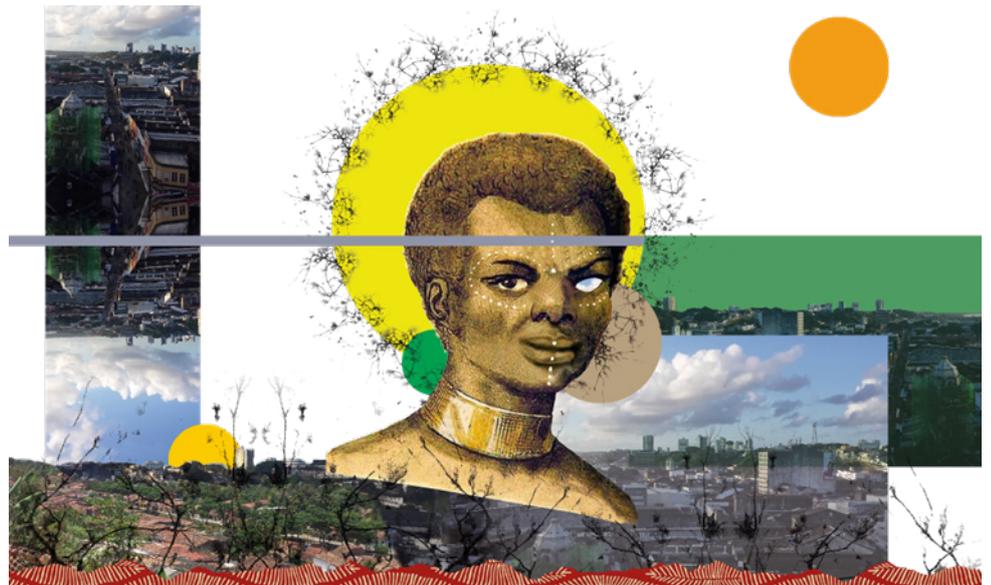
## QUAL MENTIRA [NÃO] VOU ACREDITAR

Quem é preto como eu já tá ligado qual é  
 Nota Fiscal, RG, polícia no pé  
 ('Escuta aqui: o primo do cunhado do meu genro é mestiço  
 Racismo não existe, comigo não tem disso. É pra sua segurança')  
 Falou, falou, deixa pra lá  
 Vou escolher em qual mentira vou acreditar  
 Tem que saber curtir, tem que saber lidar  
 Em qual mentira vou acreditar?  
 A noite é assim mesmo, então... deixa rolar  
 Em qual mentira vou acreditar?

Tem que saber curtir, tem que saber lidar  
 Em qual mentira vou acreditar?

Trecho da música "[Qual Mentira Vou Acreditar](#)" dos Racionais MC's (Sobrevivendo, 1997)

**Colagem 2** - Anastácia -  
 série: Me curar em Mim  
**Fonte:** Marques, 2022.



**...sobre o fardo de ser um intelectual negro**

Aqui escrevemos sobre a dor e, como pesquisador negro, tenho a tarefa e o peso de não esquecer que antes somos pessoas, que somos afetados por opressões, que a sensação de insuficiência, não reconhecimento e não pertencimento nos perseguem, nos fazem ter muitas cobranças, inclusive com a qualidade e relevância deste trabalho para conosco e para a comunidade que representamos. Sempre temos que ser os(as/es) melhores, mais educados(as/es), bem vestidos(as/es), sempre limpos(as/es), saber o que responder, andar com um sorriso no rosto, sermos gentis, não podemos cometer um erro sequer. Essa é a tarefa e exercício diário para tentar escapar em alguma medida do racismo antinegro que nos faz viver numa constante tensão, nos demanda ser ideais, perfeitos, tudo isso para corresponder a uma expectativa vinda de fora.

Segundo Harold Cruse<sup>8</sup>, em seu livro *A Crise do Negro Intelectual* (1967), no qual descreve problemáticas sociais de intelectuais da negritude estadunidense/norte-americana, mas que podem ser trazidas para uma realidade brasileira, as

[...] peculiaridades da estrutura social [...] e a posição da classe intelectual dentro dela tornam especial o papel

<sup>8</sup>Harold Cruse era um acadêmico estadunidense/norte-americano, conhecido pelas suas críticas sociais e estudos afro-americanos na Universidade de Michigan na segunda metade do século XX. Ficou conhecido pela sua obra "A Crise do Negro Intelectual" (1967), no qual tratava da relação entre a sociedade e a população negra estadunidense/norte-americana.

funcional do intelectual negro. **O intelectual negro deve lidar intimamente com a estrutura do poder branco e o aparato cultural, e as realidades internas do mundo negro ao mesmo tempo.** (Cruise, 1967, p. 451, tradução nossa, grifo nosso).

O pesquisador que toma o posicionamento político de se colocar como pessoa negra, carrega um fardo: de sempre estar a par das discussões sobre racismo, de ter lido toda a coleção de livros do Feminismos Plurais (série de livros acerca de racismo, negritude, lugar de fala, empoderamento e temáticas similares), de saber sobre todos os conceitos, do "colorismo" ao "empoderamento", e teóricos da área. O erro não é permitido, as lacunas tem que ser preenchidas, uma infinita autocobrança de levar e ter ciência do conjunto de problemas que tratar deste assunto traz.

Ao abordar a complexidade da temática de raça muitas pontas ainda ficarão em aberto nesse estudo. Paralelamente, devemos nos lembrar que isto é apenas um artigo fruto de um Trabalho Final de Graduação - TFG, que, idealmente, deveria ser feito no período de apenas 01 (um) semestre, mas que levou quase dois anos. Ocasionalmente, somos cobrados por nós mesmos(as) ou por professores(as), principalmente brancos(as/es), de ter mais propriedade para falar da temática, para abordar e nos apropriar da leitura de autores e autoras que tratam do assunto. Apenas a busca e estudo de referenciais foi incessante e em épocas me questioneei se colegas de turma brancos/as/es, que também estão se formando e entregando seus TFGs (que não tratam de temáticas raciais), tiveram essa cobrança. Com certeza não tiveram.

Apenas na entrega parcial deste trabalho já tinham sido feitas diversas leituras (livros, artigos, dados de pesquisa, TFGs, teses, dissertações, notícias, músicas), visualização de vídeos, pinturas, fotografias, exposições e realização de cursos (como pode ser visto na lista de referências bibliográficas ao final deste trabalho), que me perguntava se isso não se equivalia a um mestrado. Mesmo assim as indicações de referenciais não paravam e, por vezes, elas nem conversavam tanto com o que aqui lidamos, mas por tratar de raça sempre me era indicado, como se a temática se resumisse a alguns problemas. No fim das contas, falar sobre raça tem diversas peculiaridades e nuances. O grande fardo de ser um intelectual negro, de sempre ser cobrado, o que inclusive se tornou um dos motivos de eu também demorar para entregar este trabalho (quase dois anos), me esgotando intelectual e fisicamente em meio a uma pandemia. Enquanto o que eu desejava era apenas me formar para ingressar no mercado de trabalho, entregando, obviamente, um trabalho de qualidade, mas que não via essa mesma cobrança, tanto minha como do corpo docente, em estudantes brancos(as/es). Esse é um paradoxo que nos exige ser exemplar

e produzir o melhor que podemos — afinal, é o papel da universidade —, mas que nos coloca na posição, mais uma vez, de pessoas negras que devem seguir regras, ser subservientes e se esforçar muito mais que os demais.

O processo de TFG em si já é penoso, com a mudança do perfil dos/as/es alunos/as/es a partir das políticas de cotas ele se torna mais ainda, afinal, nem sempre o(a) estudante negro(a/e) ou indígena consegue se dedicar tanto a um trabalho por questões econômicas e pessoais, sendo a formação ao longo do curso cansativa, perpassada por jornadas de trabalho/estudos triplas, e quando se adiciona querer falar sobre raça tudo fica ainda mais difícil. Parece que a própria construção da Academia e do fazer conhecimento se inclina para dificultar este processo do alunado não branco em tratar de temáticas de opressão. Além disso, importa destacar que durante a minha graduação em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas - FAU/UFAL eu não tive contato dentro dos conteúdos programáticos das disciplinas com temáticas que tratassem de raça e se tive foi incipiente. Sempre percebemos que a maioria da literatura do curso se concentrava em homens brancos europeus ou norte-americanos (que, na maioria dos casos, já morreram). Também sempre nos incomodou que o corpo docente fosse composto em sua maioria absoluta por pessoas brancas. Foi nesse processo, no qual ingressei na universidade em julho de 2016, época em que a política de cotas vinha se firmando e mais pessoas negras e indígenas vinham entrando nos espaços do ensino superior que discutia com colegas de turma e professores(as) mais abertos à críticas sobre essas percepções e incômodos de como questões raciais, de gênero e classe não eram profundamente tratados dentro da grade curricular do nosso curso e de forma articulada.

Esse compartilhamento entre discentes não brancos foi de extrema importância para nos darmos conta que o ensino que nos estava posto não condizia ou conversava com a realidade brasileira, nordestina, maceioense e, de alguns, periférica em que estávamos inseridos(as/es). Qual o motivo de projetar diversas casas de luxo? Dentro delas projetar quartos de empregada? Qual o motivo de aprender o nome de todas as construções romanas e saber diferenciá-las? Qual o motivo de fazer milhares de seminários para aprender unicamente pontos de vista de homens brancos europeus ou norte-americanos/estadunidenses? Qual o motivo dos arquitetos e urbanistas estudados como repertório se resumirem a figura de homens brancos do sul e sudeste do Brasil ou, mais uma vez, a homens brancos europeus ou norte-americanos/estadunidenses, enquanto não se vê quase nenhum negro, poucas mulheres, quiçá uma mulher negra, muito menos pessoas indígenas?

Eles não paravam por aí, me lembro que os questionamentos eram diversos e sempre partiam do lugar de fala de nós, estudantes não brancos(as/es). Dentro dessas indagações que fomos indo em busca de nossas ferramentas, já diria Audre Lorde<sup>9</sup>:

[...] a fim de definir e buscar um mundo no qual todas nós possamos florescer. É aprender como pegar nossas diferenças e transformá-las em forças. Pois as ferramentas do mestre não irão desmantelar a casa do mestre. Elas podem nos permitir temporariamente a ganhar dele em seu jogo, mas elas nunca vão nos possibilitar a causar mudança genuína. [...]. Num mundo de possibilidade para todas nós, nossas visões pessoais ajudam a montar a base para ação política. [...] (MULHERES, 1979, online).

Estudos como o [Trabalho Final de Graduação](#) das estudantes do mesmo curso de Arquitetura e Urbanismo que o meu e também grandes amigas minhas: "[Análise interseccional da vida urbana: reflexões acerca da condição das mulheres negras na cidade de Maceió - AL](#)" de Mayara de Paula<sup>10</sup> (2019) e "Quando as ancestrais narram a expansão da cidade: o caso do bairro Benedito Bentes em Maceió/AL sob uma perspectiva genderizada e racializada" de Amanda Magalhães<sup>11</sup> (2022), foram alguns dos primeiros trabalhos a tratar de temáticas raciais e de gênero (interseccional) em seu escopo no curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL. Da mesma forma inaugural nessas temáticas, os projetos de pesquisa de iniciação científica "Maceió pelas Mulheres: desigualdades de gênero, construção e ocupação feminina dos espaços públicos na capital alagoana no século XXI" (2019-2020) e sua continuação "Maceió pelas Mulheres: Representatividades femininas na produção e ocupação dos espaços públicos da capital alagoana no século XXI" (2020-2021), ambos feitos sob organização da Prof.<sup>a</sup> Flávia Araújo. Assim como a "Roda de Conversa: "Racismo Acadêmico" (2019), organizada pelo antigo [Centro Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL - Vale](#), do qual eu fazia parte, e pela [ANU \(Associação de Negros da UFAL\)](#), realizada logo após um [episódio de racismo ocorrido na disciplina de "Formação do Pensamento Científico"](#), da qual eu também fazia parte e presenciei o crime.

Enfim, reforço que dentro da FAU/UFAL essa busca por nossas ferramentas, parafraseando Audre Lorde (1979), é recente, moldou nossa formação (fora da sala de aula) e deu-se por meio da mobilização e demanda estudantil, principalmente, e de algumas professoras que compartilhavam da ideia e esses foram apenas alguns dos exemplos das articulações feitas fora dos espaços da sala de aula. Ressalto aqui, então, que este TFG surge a partir dessas diversas pessoas incríveis que me inspiraram, nossa forma de pensar não é produto da universidade, fomos formados pelo movimento negro sem nem perceber. A

<sup>9</sup>Audrey Geraldine Lorde, lésbica, negra, feminista, guerreira, poeta, mãe, norte-americana/estadunidense e de descendência caribenha, foi uma importante escritora feminista e ativista dos direitos civis, do movimento negro e da causa LGBTQ+ durante o século XX.

<sup>10</sup>Mayara de Paula é arquiteta e urbanista paulista formada pela Universidade Federal de Alagoas, Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia e também uma grande amiga minha que tive o prazer de conhecer e compartilhar momentos. Ela tem pesquisas com foco na análise urbana das mulheres negras na cidade.

<sup>11</sup>Amanda Magalhães é arquiteta e urbanista alagoana formada pela Universidade Federal de Alagoas e também outra grande amiga. Ela tem estudos concentrados nas áreas de gênero, raça e urbanismo.

universidade apenas nos deu as ferramentas, como explica a filósofa Sueli Carneiro<sup>12</sup>, no podcast "Mano a Mano" (2022), articulando seus pensamentos à Audre Lorde (1979). A partir do entendimento dessas ferramentas é que podemos dismantlar a casa do mestre, na busca de nossas próprias.

É nesse sentido de construção do conhecimento de forma coletiva pelo movimento estudantil negro que, assim como Renato Nogueira<sup>13</sup> coloca neste trabalho:

[...] [algo que] merece alguma atenção é o uso do "nós" ao invés do "eu"<sup>14</sup>. Alguma leitora, algum leitor poderia perguntar: "por que escrever na primeira pessoa do plural?". Eu mantenho o desejo de escrever na primeira pessoa do plural ou melhor, nós mantemos – porque estou acompanhado de ideias e pensamentos que me foram presenteados por autoras e autores diversos, [por amigos, por familiares, colegas e professoras de pesquisa que compartilham desse fazer conhecimento]. (Nogueira, 2019, p. 128)

No processo de pelo menos reconhecer estas colocações e nossa posição como iniciante nas "realidades internas do mundo negro", tal qual colocaria Cruise (1967), que este trabalho se desenvolve, por vezes engatinha e desse modo se empodera, como afirma Joice Berth<sup>15</sup>, **"Empoderar, dentro das premissas sugeridas, é, antes de tudo, pensar em caminhos de reconstrução** das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto [...]" (2018, p. 19, grifo nosso). Ou seja, por vezes eu sei que não vamos tratar com total propriedade sobre o assunto, afinal, falar sobre raça é complexo quando não se tem uma formação que no mínimo tocou no assunto e assim precisamos buscar informações para além da sala de aula.

Mesmo assim escolhemos falar e nesse processo também situar nosso conhecimento, nossa educação e minha posição enquanto um jovem autor negro quase formado em Arquitetura e Urbanismo. Simultaneamente, ressaltamos que não devemos nos diminuir enquanto teóricos(as/e) e pesquisadores(as), muito pelo contrário, há sim uma dificuldade em falar dentro do regime repressivo do racismo e do colonialismo e por esta razão precisamos exaltar nossa posição de coragem, de nos abrir, de nos colocar como pessoas negras e por vezes compartilhar eventos pessoais, de dor, revolta, orgulho ou inspiração dos quais partem nossos estudos. Estamos aqui também propondo uma mudança nos fazeres da Academia e dos conhecimentos que nos foram impostos. Qualquer passo que dermos, pelo menos o de questionar, já é de imensa valia.

<sup>12</sup>Aparecida Sueli Carneiro é uma escritora, filósofa e ativista do movimento negro brasileiro. Doutora em Filosofia pela USP e fundadora do GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra, é considerada uma das mais relevantes pensadoras do feminismo negro no Brasil.

<sup>13</sup>Renato Nogueira é carioca e Doutor em Filosofia pela UFRJ. Professor do Departamento de Educação e Sociedade (DES) do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDuc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Pesquisador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro). Tem estudos com foco na filosofia africana, com destaque para estudos com perspectiva na infantilização.

<sup>14</sup>Ressalto que em alguns pontos utilizo o "eu" como forma de apontar experiências pessoais. Mas fora desse contexto o "nós" prevalece.

<sup>15</sup>Joice Berth é militante feminista do movimento negro, arquiteta e urbanista por profissão formada na Universidade Nove de Julho e pesquisadora da área de Direito à Cidade, com foco nas dinâmicas de raça e gênero dos espaços urbanos, regularização fundiária, remoções e urbanização de favelas.

### *...sobre Academia, conhecimento e descolonização*

Diante dessa trajetória, então, é importante destacar que os espaços da Academia enquanto uma instituição de ensino, prática e desenvolvimento do conhecimento, não são neutros, e sim um local branco de dominação. Grada Kilomba (2019) enfatiza que dentro do regime do racismo e do colonialismo o silenciamento das pessoas não brancas<sup>16</sup> é utilizado como mais uma forma de opressão. “[...] conceitos de conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial. [...]. Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes [...] têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas [...]” (Kilomba, 2019, p. 50-51).

É preciso então reconhecer a violência dos espaços acadêmicos e das estruturas de validação do conhecimento inerentes a ele. Essa deslegitimação das formas de conhecimento e do conhecimento produzido por grupos dominados (não brancos) é o que Sueli Carneiro chama de epistemicídio.

[...] para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, [o epistemicídio é] um processo persistente de produção da indigência cultural [...]. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes, [que buscam conhecimento]. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento ‘legítimo’ ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc. (Carneiro, 2005, p. 97)

O foco das matrizes curriculares em autores que se resumem a imagem do homem branco europeu ou norte-americano/estaduniense, além da maioria quase absoluta de professores brancos, como apontado acima, demonstra esse epistemicídio. A própria formação de boa parte dos(as/es) professores(as) em ainda não saber como lidar com temáticas raciais, de gênero, ou que falem sobre alguma opressão de minorias sociais, de não serem qualificados para tanto. A intenção aqui não é de apontar dedos, mas simplesmente de falar sobre a realidade como a vemos no curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL. Agora, apontamos dedos sim, quando professores(as) têm a chance de ter contato com tais temáticas através da articulação, motivação e convite dos(as/es) estudantes e mesmo assim são ignorados ou as temáticas tratadas de forma insensível na qual a figura da docência sempre se mostra como vertical, impondo mais uma vez a

<sup>16</sup>Em seu trabalho Grada Kilomba usa os termos “negras/os” e “People of Color (PoC)”. Neste trabalho, contudo, a título de não utilizar um termo em inglês, criticar o seu uso e também abarcar demais grupos que sofrem do racismo (povos indígenas, por exemplo) optou-se por utilizar o termo pessoas não brancas. Destaca-se, porém, que quando o assunto precisa ser direcionado a um grupo, esse será citado. Em algum momento do desenvolvimento do TFG chegamos a optar pela utilização do termo pessoas racializadas. Contudo, nos questionamos as razões do por que apenas pessoas negras e indígenas (não brancas no geral) são as únicas tratadas a partir da visão de raça. Afinal, branco também é raça. Porque pessoas brancas não são vistas como racializadas? Talvez esse meio também seja outra forma de silenciar tais debates e não salientar que o racismo não é um problema das pessoas que sofrem dele, mas de quem o criou, da branquitude. Assim, optamos por utilizar o termo pessoas não brancas.

ideia de quem tem o poder, o domínio do conhecimento e quem deve simplesmente se curvar a esses pensamentos conservadores, desqualificando e deslegitimando trabalhos que na verdade são inovadores e necessários.

Outro episódio de violação na academia foi no meu processo de desenvolvimento deste trabalho. No início do processo de TFG, os estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL, no geral e pertencentes a mesma grade curricular que eu (de 2006), devem apresentar um Plano de Trabalho (o qual chamamos de PT) do Trabalho Final de Graduação junto ao(à) orientador(a) e frente à banca de professores/as avaliadores/as da casa, demonstrando a intenção do que será desenvolvido no TFG. A minha defesa do Plano de Trabalho ocorreu online em dezembro de 2020 e minha temática já delineava a questão da raça como ponto central. O trabalho era intitulado, provisoriamente, "Sobrevivendo no Inferno: perspectivas Afrofuturistas para a cidade de Maceió-AL" (ainda ressalto que minha apresentação seria seguida pela de outra colega de turma que também tratava de temática racial, além de questões de gênero). Ao final da minha apresentação, durante as considerações da banca de avaliadoras, 04 (quatro) pessoas com e-mails fora do domínio da universidade ingressaram na reunião do Google Meet de forma anônima (na verdade com nomes fictícios) e começaram a perturbar o decorrer da apresentação, colocando vídeos pornográficos no compartilhamento de tela, profirindo xingamentos e, assim, interrompendo o andamento do Plano de Trabalho; além delas, outras dezenas de pessoas tentaram entrar na sala, mas foram negadas pela professora responsável pelo ingresso na reunião ao perceber o comportamento das demais.

Após, aproximadamente cinco minutos de tentativas de excluir os(as/es) invasores(as), decidimos sair da sala e abrir uma nova reunião para dar continuidade e conclusão dos trabalhos. Nos dias seguintes uma carta da Direção e do Conselho da FAU/UFAL foi divulgada, falando sobre o ocorrido, informando sobre a necessidade de se tomar ações de prevenção e que medidas para investigação, identificação e punição dos invasores(as) foram tomadas. O interessante é saber que as bancas de PT tinham divulgações de alcance interno à FAU/UFAL, tendo sido a data, horário e nome das apresentações publicizadas tradicionalmente nos e-mails e grupo de WhatsApp da faculdade, além da página do Facebook do curso, devido ao caráter público delas. Após a publicação da carta, a universidade não mais entrou em contato para falar sobre a identificação e punição dos/as/es invasores(as). O que nos interessa mais é que, pelo baixo alcance de divulgação, temos certeza que o ataque veio de pessoas pertencentes à própria FAU/UFAL.

Ou seja, desse ocorrido, tiramos como conclusão que meu trabalho

não era bem-vindo, válido, merecia ser atacado, humilhado. E o que recebi como assistência formal da universidade, para além do óbvio apoio da banca orientadora no momento, da coordenação de TFG e da minha orientadora, foi uma carta repudiando o ato, falando sobre sua investigação e reforçando que estudos como esse deveriam ser respeitados. Não basta a complexidade de lidar com a temática, ainda precisamos lidar com o literal epistemicídio e negação do que entendemos como fazer ciência e produzir conhecimento. Outra vez parece que a estrutura da Academia é construída a fim de não possibilitar e/ou dificultar que estudos como este aconteçam. Apesar disso, nesses episódios encontramos força na mobilização de outros(as/es) estudantes e amigos(as/es) que compartilham desse fazer como uma literal luta de vida.

Complementar a isso, mais uma questão a ser destacada é que dentro da academia, majoritariamente branca, este TFG já surge como um trabalho que desafia suas próprias estruturas ao apontar sua branquitude, as formas como ela oprimem e utilizam de seus próprios sistemas para perpetuar sua hegemonia. Assim, às vezes, ele é reconhecido como muito revoltoso e agressivo, principalmente por docentes brancos(as/es), por outras, como um trabalho acolhedor, necessário, inovador e afetuoso, curiosamente e na maioria dos casos, por pessoas negras. Queremos aqui pontuar que esse lugar de revolta é sim verdadeiro, inclusive dele, no capítulo "Gênesis", parto este trabalho, no entanto, essa mesma posição não deve ser confundida com um lugar de raiva, da figura do sujeito negro agressivo e violento, ao qual sempre somos reduzidos pela branquitude (Kilomba, 2019).

É nesse sentido que outro significativo ponto deve ser abordado mais uma vez: neste trabalho, estamos falando sobre as dores (e falar sobre dor não é nada fácil), as vezes nos sentimos livres e por outras não em compartilhar histórias pessoais para nelas realizar reflexões e críticas. Em seu podcast "Mano a Mano", em episódio com Sueli Carneiro, o rapper e artista Mano Brown<sup>17</sup> enfatiza que "[...] a gente romantiza algumas lutas que não são tão simples e não são tão bonitas assim" (2022, online). Nossa vida não é pública e falar de si deve partir de si, do próprio conforto em compartilhar. Não se deve confundir que nós nos pomos em nossos estudos como "objetos" da nossa pesquisa, como comumente as pessoas brancas tratam pessoas não brancas, objetificando-as, colonizando-as, dominando-as, mas sim que nos posicionamos e pesquisamos sobre raça, apenas isso. Nós falamos sobre nós porque nós queremos, não por que nos foi cobrado.

## RELAÇÕES RACIAIS E ESPAÇO URBANO

Silvio de Almeida<sup>18</sup> nos alerta que "[...] a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades con-

<sup>17</sup>Mano Brown, nome artístico de Pedro Paulo Soares Pereira, é um dos mais famosos rappers e compositores brasileiro. Nascido em São Paulo, Mano Brown formou em 1988 o grupo Racionais MC's junto de Ice Blue, Edi Rock e KL Jay. Suas letras são conhecidas por falar sobre a vida em bairros negros, racismo, violência e crime organizado, por isso o consideramos também um dos maiores teóricos no Brasil quanto ao assunto.

<sup>18</sup>Sílvio de Almeida é advogado, filósofo, doutor e pós-doutor em Direito pela Universidade de São Paulo. Natural de São Paulo, preside o Instituto Luiz Gama e se consolidou como uma das novas vozes no panorama intelectual brasileiro, principalmente a partir do lançamento de seu livro "Racismo Es-

temporâneas." (2019, p. 24-25). É importante, então, falar de como a história moderna e sua construção da noção de homem fazem a ideia de raça ganhar relevância social até os tempos atuais. As grandes revoluções liberais que dão base às constituições de igualdade das sociedades contemporâneas fundamentam-se sobre a filosofia iluminista, a mesma que instaurou, do ponto de vista intelectual, a diferença entre o civilizado e o primitivo, chamando isso de razão e dando como missão de vida ao homem branco europeu (cisheteronormativo e cristão) a tarefa de levar essa civilização aqueles ditos menos desenvolvidos, dentre eles, os diversos povos africanos.

É nessa direção que Achille Mbembe<sup>19</sup> (2018a) destaca que o colonialismo surge como um projeto de universalização dos colonizados nos espaços da modernidade e, logo, das atuais sociedades. O racismo antinegro aparece então como um meio de autolimitação do povo negro e de instrumentalização de seus corpos em nome da garantia dessa razão branca. Isso é, a sociedade colonial é construída em cima de uma narrativa de hegemonia do ser branco, aquele que importa, que deve ser preservado e respeitado, na qual tudo é absoluto e se houver contestação é seguida de repressão. "Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo 'normal' com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. **O racismo é estrutural.**" (Almeida, 2019, p. 50, grifo nosso). Dependendo assim de aparatos, práticas e organizações subjetivas e funcionais que sempre se renovam e adaptam para perpetuar a mesma lógica de poder e desigualdade.

Ao aproximar esse fato do campo da Arquitetura e Urbanismo, mais especificamente das cidades e seus espaços urbanos, percebe-se que a colonialidade causa diversos impactos no fazer político, econômico e social cidadão, da micro à macro escala. Numa mesma casa temos a suíte master com jacuzzi e closet e do outro lado um quarto de empregada sem ventilação adequada; numa mesma rua temos pessoas morando em casas e apartamentos de luxo e pessoas sem teto; num mesmo bairro temos condomínios com uma infraestrutura de alto padrão totalmente murados e do outro lado pessoas vivendo em assentamentos precários localizados em encostas; num mesmo município temos áreas com grandes concentrações de renda, enquanto outras não chegam nem a um salário mínimo; numa mesma região metropolitana temos cidades com áreas contendo grande diversidade de usos, ao passo que outras têm um caráter de uso primordialmente residencial.

"O racismo delimitou não apenas os espaços sociais, mas também os espaços físicos desenhando as cidades de maneira excludente e segregacionista, reforçando a supremacia branca como forma de po-

<sup>19</sup>Achille Mbembe é um dos mais importantes filósofos, teóricos políticos, historiadores e intelectuais sobre estudos pós-coloniais. Professor universitário Wits Institute for Social and Economic Research (WISER) da Universidade Witwatersrand de Joanesburgo, Mbembe nasceu na República de Camarões e ficou bastante conhecido pelas suas obras *Necropolítica e Crítica da Razão Negra*. de seu livro "Racismo Estrutural" (2019).

der predatório." diz Joice Berth ([2019, online](#)). Ou seja, a raça é um dos fatores fundamentais para consolidação dessa desigualdade e da garantia da hegemonia branca. Afinal: quem mora nas periferias? Quem habita nas áreas mais privilegiadas de localização e infraestrutura? Quem é responsável pelos trabalhos de base e serviços na cidade? Quem faz parte das esferas de gestão e planejamento do Estado? Quem tem jornada de trabalho tripla? Quem mais utiliza os transportes públicos, caracterizados pela precariedade e lotação? Porque a necessidade de projetar quartos de empregada?

O acesso ao que deveria de fato ser o Direito à Cidade é definido pela raça, mas não só por ela, também pelo gênero e classe, como nos alerta Mayara de Paula ([2019](#)) em sua análise interseccional<sup>20</sup> da vida urbana em Maceió-AL com foco nas condições de vida das mulheres negras. Dentro dos grupos que fogem da norma branca e logo são hierarquizados em um nível de desonra e inferiorização, há quem sofra mais ainda por ter outros marcadores sociais que os perpassam. De forma similar ao racismo, o sistema patriarcal e o machismo surgem como ferramentas de dominação e violação: às mulheres o direito de escolha é privado, elas são utilizadas como instrumentos para realização de diversas tarefas de serviço domiciliar, produtivas e reprodutivas.

Ao analisar os mapas de infraestrutura básica da cidade de Maceió [acesso à água, iluminação pública, coleta de lixo, esgotamento sanitário, pavimentação, calçadas e presença de esgoto a céu aberto e lixo na rua] e sobrepor suas informações foi possível identificar bairros que sofrem de maneira mais intensa com a precarização desses itens. [...]. Esses bairros possuem a maior quantidade de setores censitários que sofrem com a precarização da infraestrutura básica, maioria de população negra e, também, grande quantidade de mulheres responsáveis pelo domicílio [...]. Nessa lógica, essas mulheres, que possuem diversas jornadas, e tarefas produtivas e reprodutivas, acabam tendo que lidar com a sobrecarga e as dificuldades advindas da falta de infraestrutura. (Paula, 2019, p. 62).

Existem padrões no modo de fazer e pensar a cidade e a arquitetura que colocam as pessoas negras em um constante lugar de subalternidade e materializam relações de hierarquia. Portanto, repensar o que está posto, principalmente em nosso campo de Arquitetura e Urbanismo "[...] é uma questão incontornável dentre tantas outras para a superação do fantasma colonial e escravocrata [que ainda se arrasta] [...]", como afirma João Pena<sup>21</sup>, no artigo "[O quarto de empregada e a morte de Miguel](#)" (2020, p.116). O modo de desenvolvimento capitalista, então, surge como mais um meio de garantia da hegemonia branca

<sup>20</sup>O conceito de interseccionalidade é cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989, como uma maneira analítica de pensar identidade e sua relação com o poder. Carla Akotirene, militante da causa negra, feminista e Doutora em Estudos de Gênero, Mulheres e Feminismos pela UFBA, em seu livro "Interseccionalidade", ressalta que "[...] por engano, pensamos que a interseccionalidade é apenas sobre múltiplas identidades, no entanto, a interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais. A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos." (2018, p. 37).

<sup>21</sup>João Soares Pena é urbanista e doutor em Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia – PPG-AU/UFBA (2015-2020). Também tem doutorado sanduíche no Amsterdam Institute for Social Science Research (AIS-SR) da Universiteit van Amsterdam (UvA). Suas pesquisas e interesses se voltam para estudos que trabalhem a relação entre espaço urbano, gênero, sexualidade e raça.

e do não acesso ao Direito à Cidade por grupos oprimidos. Direito este compreendido aqui não só pela definição do Estatuto da Cidade – de entendimento da propriedade urbana em prol do bem coletivo, do “[...] direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infraestrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações” ([Brasil, 2001, online](#)) –, mas como uma filosofia e compromisso ético-político da necessidade de uma vida digna e plena em compartilhamento e pertencimento mútuo das pessoas e meio em que vivem.

A urbanização, pela lente do capitalismo, da sua visão de mundo, sempre foi entendida apenas como um fenômeno de classe. Pelos sentidos de mundo da interseccionalidade, contudo, podemos ver que não apenas só da classe, assim como da raça, gênero e outros marcadores sociais. Enxergar as cidades contemporâneas brasileiras somente como um reflexo de processos mercantis é reduzi-la e, assim, apagar, mais uma vez, as populações racializadas que verdadeiramente a construíram a custas de processos exploratórios e colonizadores impostos pelo povo branco, que, contudo, sempre tende a reivindicar, por meio da história, de discursos e símbolos, que eles são donos e responsáveis pelos processos de “avanço” e “desenvolvimento”. Mas não, eles são responsáveis pelas feridas.

David Harvey<sup>22</sup> (2014), por exemplo, urbanista marxista branco europeu, internacionalmente reconhecido por seus estudos de ampliação do que seria o direito à cidade, recai nessa mesma narrativa e limita seu discurso à sua visão de mundo branca de conquistador. Dessa forma, a produção e o dito “desenvolvimento” – em aspas, afinal só privilegia pessoas brancas – das cidades contemporâneas são ligadas intimamente ao capitalismo, mas da mesma forma a questões raciais, de gênero e demais marcadores sociais como nos mostra a perspectiva interseccional. Segundo Joice Berth, em alusão e crítica aos estudos de Jane Jacobs<sup>23</sup> (2007), outra teórica branca norte-americana/estadunidense de visão limitada: **“O racismo é um urbanista que planeja e define espaços de morte e vida nas grandes cidades”** ([2019, online, grifo nosso](#)).

As cidades contemporâneas brasileiras, portanto, são marcadas por essa forte dicotomia social e espacial definida por diversas formas de opressão e sua intersecção. Débora Cavalcanti<sup>24</sup>, no artigo [“Lutando por um lugar na cidade de Maceió, Brasil”](#) (2017) (derivado de sua tese de doutorado), desenvolve a ideia de ~~territórios da pobreza,~~

[...] espaços onde as diferentes facetas da segregação urbana: social, econômica e cultural (incluindo estigmas de raça) – podem ser encontradas todas no mesmo lugar

<sup>22</sup>David Harvey é um homem branco britânico, nascido em 1935. Geógrafo formado pela Universidade de Cambridge e professor da Universidade da Cidade de Nova York. Tem seus estudos voltados a partir de uma orientação marxista. O autor é um dos principais nomes da Geografia Humana contemporânea, sendo em 1995 ganhador do Prêmio Vautrin Lud, o Nobel da Geografia.

<sup>23</sup>Jane Jacobs é uma mulher norte-americana/estadunidense branca, reconhecida pela sua obra “Morte e vida das grandes cidades” (1961), no qual critica as formas e tendências da prática do urbanismo moderno na década de 1950 nos Estados Unidos da América, em especial a conformidade e ampliação das cidades em prol dos automóveis e rodovias e como isso causa uma degradação na vida urbana de forma ampla.

<sup>24</sup>Débora Cavalcanti é professora de arquitetura e urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas. PhD em Planejamento Urbano pela London School of Economics and Political Science (2010), tem seus estudos com foco em planejamento e gestão urbano-ambiental participativos e atuando no diálogo com movimentos sociais de moradia de Alagoas.

[...]. Os ~~territórios da pobreza~~ sintetizam uma forte combinação de aspectos econômicos, físicos e sociais que caracterizam os espaços dos pobres nas cidades contemporâneas. Estes espaços são caracterizados por um ciclo intergeracional de pobreza, o declínio da confiança na mobilidade social e a prevalência de uma certa homogeneidade étnica em determinados espaços. 'Novas' dinâmicas como a extrema violência dentro dos assentamentos exacerbam as dificuldades em viver dentro de espaços [e sair deles]. (2017, p. 4, grifo nosso).

Neste trabalho tacharemos o termo ~~territórios da pobreza~~ como uma forma de criticar seu uso, tendo em vista que auxilia na estigmatização negativa e de inferiorização de territórios nos quais a população negra habita. Em vez dele, usaremos o termo **bairros negros**, cunhado pelo teórico Henrique Cunha (2021), no intuito de buscar outros discursos e assim melhor descrever as territorialidades negras nas cidades, não reduzindo-a apenas a visão de classe, como comumente é tratado, e portanto desinibilizando a relação racial na organização espacial das cidades para além de não só enxergar essas áreas pela sentença da miséria e da pobreza de capital, usualmente, conceituadas por teorias urbanísticas eurocêntricas de negação a diversidade e reprodutora de dualismos e da naturalização da inferioridade dessas áreas: ~~cidade formal x informal, centro x periferia, bairros populares, periféricos, aglomerados subnormais~~. Nesse mesmo caminho e em contrapartida, para descrever as áreas privilegiadas da cidade, que só existem em meio à exploração, utilizaremos o termo **bairros brancos**. Da mesma maneira, o recurso da taxação será desfrutado para criticar outros termos (como os demais acima tachados) que auxiliam nessa percepção.

O Estado, nesse cenário, operado e dominado pela figura da hegemonia branca, só surge de dois modos: em casos de emergência ou de modo a manter essa desigualdade, por meio de processos institucionais e legais. São exemplos dessa prática o estímulo ao espraio urbano, dado pela construção de loteamentos, destinados à população de baixa renda, de uso e ocupação residencial homogênea, de baixa qualidade arquitetônica e em lugares muito distantes das centralidades econômicas/sociais/culturais já existentes na cidade. O maior investimento em ações policiais do que em políticas públicas de educação, saúde, infraestrutura, cultura e lazer em áreas periféricas. Ou mesmo a invisibilização das populações marginalizadas, simplesmente mantendo um baixo perfil de atendimento e diálogo ou por vezes alegando a falta de recursos e corpo técnico qualificado (o que não é real, pois mesmo frente a recursos<sup>25</sup> o Estado mostrou-se ineficaz e estimulador das desigualdades). Nessa não mobilização do Estado frente à pobreza de capital que diversas pessoas negras mor-

<sup>25</sup>Entre 2009 e 2018, R\$110 bilhões de reais foram investidos pelo Orçamento Geral da União no Programa Minha Casa Minha Vida, com a marca de 5.567.032 unidades habitacionais contratadas e 4.087.628 unidades habitacionais entregues. Contudo, em 2017, o déficit habitacional no Brasil ainda se mantém alto, cerca de 7,8 milhões de domicílios, enquanto em 2013 a marca era de 7,3 (LIS, 2019).

rem devido a uma violência estrutural, dita silenciosa, mas que grita, só não é dada ouvidos, exercida sobre elas por instituições públicas e privadas.

As periferias e favelas, são parte de uma importante articulação de desumanização de sujeitos negros, expostos a práticas racistas que culminam com a morte física. Os espaços das cidades espelham as hierarquias raciais que estão dadas pelo sistema sociopolítico, e precisam se tornar componentes de análise e diagnóstico, denominadas em todos os planos e trabalhos que visem melhorias socioespaciais. Não é casual o clima de guerra instaurado nas periferias e áreas de favelas, com a desculpa de inibição do tráfico de drogas [por exemplo]. Sabemos que a guerra às drogas é uma guerra contra a população negra, já que não são apenas os lugares pretos das cidades que têm tráfico, as áreas brancas e elitizadas também têm. **Esses espaços pretos são lugares do racismo que se materializaram para cancelar as outras práticas que figuram no grande guarda-chuva da hierarquia racial histórica. Nesses lugares a permissão social se alia ao descaso e à perpetuação de estereótipos, estigmas e a violência física e simbólica que mata pessoas negras e pobres desde os primórdios desse país.** ([Berth, 2019, online, grifo nosso](#))

Portanto, “Em um mundo em que a raça [gênero, classe e diversos outros marcadores sociais, como nos mostra a abordagem interseccional,] define a vida e a morte, não a tomar como elemento de análise das grandes questões contemporâneas demonstra a falta de compromisso com a ciência e com a resolução de grandes mazelas do mundo.” (Almeida, 2019, p. 57). Dentro desse contexto que se constrói a narrativa e soberania de hegemonia branquitude, apenas às pessoas brancas é reservado o privilégio aos direitos, à piedade, à comoção, à razão. Qualquer fuga que ponha em risco esse ideal é passível de controle “[...]. Aqui estou, mais um dia. Sob o olhar sanguinário do vigia. [...]” (Sobrevivendo, 1997, online). Para descrever as sociedades contemporâneas e essa normalização com a morte de diversos povos considerados minorias sociais, Achille Mbembe (2018b) traz o conceito de Necropolítica e Necropoder: a política e o poder da morte, que incidem sobre aqueles que têm aceitabilidade para morrer, que são descartáveis, aqueles que precisam sobreviver no inferno das cidades atuais.

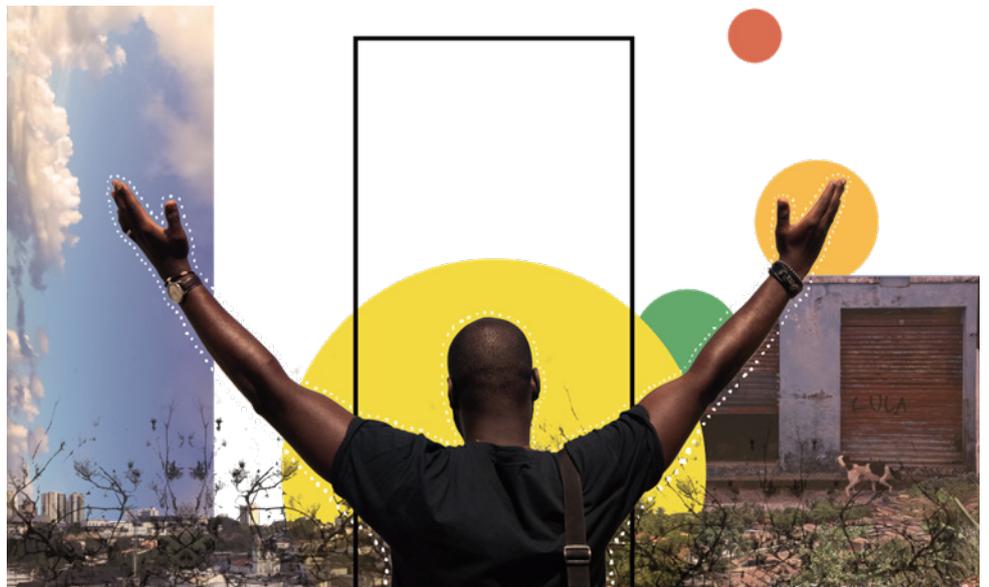
## FÓRMULA MÁGICA DA PAZ”: CONSIDERAÇÕES PARA OUTROS INÍCIOS

Essa porra é um campo minado  
Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui

Mas aí, minha área é tudo o que eu tenho  
A minha vida é aqui, eu não consigo sair  
É muito fácil fugir mas eu não vou  
Não vou trair quem eu fui, quem eu sou  
Eu gosto de onde eu vou e de onde eu vim  
Ensino da favela foi muito bom pra mim  
Cada lugar um lugar, cada lugar uma lei  
Cada lei uma razão, eu sempre respeitei  
Qualquer jurisdição, qualquer área  
[...] Eu sei como é que é, é foda parceiro  
É a maldade na cabeça o dia inteiro  
Nada de roupa, nada de carro, sem emprego  
Não tem ibope, não tem rolê sem dinheiro  
Sendo assim, sem chance, sem mulher  
Você sabe muito bem o que ela quer, é  
Encontre uma de caráter se você puder  
É embaçado ou não é?  
Ninguém é mais que ninguém, absolutamente  
Aqui quem fala é mais um sobrevivente  
Eu era só um moleque, só pensava em dançar  
Cabelo black e tênis all star

Trecho da música "[Fórmula Mágica da Paz](#)" dos Racionais MC's (Sobrevivendo, 1997)

**Colagem 3** - King - série  
Transcender: a Cidade dos  
Sonhos Negros.  
**Fonte:** Paula; Marques,  
2022.



Aqui escrevemos, não a fim de obter respostas concretas, mas para instigar dúvidas e questionamentos, por isso, neste capítulo entendemos que não trazemos considerações finais, mas considerações para possibilitar outros inícios, outros estudos, outras pesquisas e outras percepções e pensamentos sobre a cidade e seus bairros negros.

Dessa maneira, nos percursos e processos de desenvolvimento do Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, nos deparamos com alguns apontamentos. Primeiramente, começo a entender que esse artigo fruto de um TFG é, antes de tudo, um projeto de autoconscientização acerca do nosso lugar no mundo, no nosso lugar dentro do campo de Arquitetura e Urbanismo, acadêmica e profissionalmente.

Existem padrões no modo de fazer e pensar a cidade e a Arquitetura e Urbanismo que colocam as pessoas negras em um constante lugar de subalternidade e materializam relações de hierarquia herdadas de uma história colonial a fim de preservar privilégios do ser branco. Repensar o que está posto em nosso campo de Arquitetura e Urbanismo, questionar desde conceitos até práticas através de uma percepção racializada é um dever. Para intelectuais negros(as/es), esse dever tem diferentes pesos, pois ao mesmo tempo que fala sobre ressignificar e repensar discursos e práxis, também fala sobre adentrar e refletir sobre episódios próprios de dor da população negra. É importante, contudo, ressaltar que dentro da academia, tais modos de produzir conhecimento por muitas vezes são invalidado pelos pesquisadores brancos, que são uma maioria estrutural nos espaços acadêmicos; por outras vezes é objetificado por esses mesmos pesquisadores, que naturalizam e jamais dissociam a imagem de dor ao ser negro.

Somado a isso, ainda existe a sobrecarga de estudos ao se falar sobre raça e racismo, afinal a questão ainda não é tratada como referência fundante nos currículos de formação de estudantes de Arquitetura e Urbanismo e ainda pouco pesquisada e debatida de forma geral. Tal cenário, porém, é modificado com a implementação da política de cotas e conseqüente mudança do perfil discente, o qual instiga a necessidade de tais assuntos serem implementados. É nessa perspectiva que percebemos que falar sobre raça e racismo foi um processo difícil e, portanto, é preciso reconhecer limites. Também, na mesma medida, reconhecer a potência do compartilhamento com outros(as/es) amigos(as/es) negros(as/es) para se sentir acolhido e validado no processo de produção e questionamento deste conhecimento posto.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BAIRROS Negros: a forma urbana das populações negras no Brasil. Disciplina de Extensão - ministrada por Henrique Cunha e Fábio Velame. Salvador: Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Arquitetura, 2021.

BERTH, Joice. Áreas brancas e áreas negras: o redline nas cidades brasileiras. **Carta Capital**, São Paulo, 08 abr. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/areas-brancas-e-areas-negras-o-redline-nas-cidades-brasileiras/>. Acesso em: 02 set. 2022.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BRASIL. Conselho Nacional do Ministério Público. **Manual de Atuação para membros do Ministério Público em crimes violentos letais intencionais**. Brasília: CNMP, 2021. 32 p. Disponível em: [https://www.cnmp.mp.br/portal/images/Publicacoes/documentos/2021/Manual\\_Atuaao\\_Crimes\\_Violentos.pdf](https://www.cnmp.mp.br/portal/images/Publicacoes/documentos/2021/Manual_Atuaao_Crimes_Violentos.pdf). Acesso em: 25 jan. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001**. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2001. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/l10257.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm). Acesso em: 02 set. 2022.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

CAVALCANTI, Débora de Barros. Lutando por Um Lugar na Cidade de Maceió, Brasil. **Revista GEO UERJ**, Rio de Janeiro, n. 30, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/28310>. Acesso em: 25 out. 2021.

CRUSE, Harold. **The crisis of the Negro intellectual**: a historical analysis of the failure of Black leadership. New York: Morrow, 1967. Disponível em: <https://archive.org/details/crisisofnegroint0000crus/page/450/mode/2up?q=peculiarities>. Acesso em: 25 jun. 2022.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. Tradução: Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

INSTITUTO LOCOMOTIVA. Exame: No Brasil, 84% percebe racismo, mas apenas 4% se considera preconceituoso. Instituto Locomotiva, Rio de Janeiro, 30 abr. 2021. Disponível em: <https://ilocomotiva.com.br/clipping/exame-no-brasil-84-percebe-racismo-mas-apenas-4-se-considera-preconceituoso/>. Acesso em: 20 maio 2022.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LIS, Laís. Minha Casa Minha Vida completa 10 anos com quedas nas contratações. **G1 Brasília**, Brasília, 25 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/03/25/minha-casa-minha-vidacompleta-10-anos-com-queda-nas-contratacoes.ghtml>. Acesso em: 20 maio 2022.

MAGALHÃES, Amanda Borges Castelo Branco de. **Quando as ancestrais narram a expansão da cidade**: o caso do bairro Benedito Bentes em Maceió-AL sob uma perspectiva genderizada e racializada. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2022.

MARQUES, Leandro Ferreira. **'Sobrevivendo no Inferno'**: experimentos com montagem urbana na cidade de Maceió/AL. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2022.

MARQUES, Leandro Ferreira. Me Curar em Mim: As Cidades Negras. **Fotocronografias**: A cidade em metamorfose: imagem, direito à cidade e gentrificação, Rio Grande do Sul, v. 8, n. 19, p. 294-313, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/fotocronografias/article/view/129762>. Acesso em: 25 jul. 2022.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1, 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: N-1, 2018.

MULHERES negras: as ferramentas do mestre nunca irão desmantelar a casa do mestre. **Portal Geledés**, jul. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-iraodesmantelar-a-casa-do-mestre/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

NOGUERA, Renato. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. **Momento**: diálogos em educação, [S. l.], E-ISSN 2316-3100, v. 28, n. 1, p. 127-142, jan./abr., 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8806>. Acesso em: 30 ago. 2022.

PAULA, Mayara Almeida de. **Análise interseccional da vida urbana**: reflexões acerca da condição das mulheres negras na cidade de Maceió - AL. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, 2019. Disponível em: [https://issuu.com/\\_mayaps/docs/an\\_lise\\_interseccional\\_da\\_vida\\_urbana\\_tfg\\_](https://issuu.com/_mayaps/docs/an_lise_interseccional_da_vida_urbana_tfg_). Acesso em: 28 out. 2020.

PAULA, Tayná Almeida de; MARQUES, Leandro Ferreira. Transcender: a Cidade dos Sonhos Negros. **Fotocronografias**: Procuram-se sonhos na cidade: culturas juvenis, artes e resistências, Rio Grande do Sul, v. 7, n. 17, p. 90-105, 2021. Disponível em: <https://medium.com/fotocronografias/vol-07-num17-2021-culturas-juvenis-artes-e-resist%C3%A2ncias-900ef7cf5091>. Acesso em: 25 jul. 2022.

PENA, João Soares. O quarto de empregada e a morte de Miguel. **Epistemologias do Sul**: Pensamento Social e Político em/para/desde América Latina Caribe, África e Ásia, Foz do Iguaçu, v. 3, n. 1, p. 110-117, 2019. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2445>. Acesso em: 02 set. 2022.

MANO A MANO: Mano Brown recebe Sueli Carneiro. [Locução de]: Mano Brown. Spotify Studios, 26 maio 2022. Podcast. Disponível em: [https://www.google.com/url?q=https://open.spotify.com/e/2eTloWb-3Nrmog0RkUnCPr?si%3D5fb884d37b74488d&sa=D&source=docs&ust=1662987702473276&usg=AOvVaw2Sy\\_lopHFRUcY9ZLuX063I](https://www.google.com/url?q=https://open.spotify.com/e/2eTloWb-3Nrmog0RkUnCPr?si%3D5fb884d37b74488d&sa=D&source=docs&ust=1662987702473276&usg=AOvVaw2Sy_lopHFRUcY9ZLuX063I). Acesso em: 05 set. 2022.

REIS, Vilma. **Atucaitados pelo Estado**: as políticas de segurança pública implementadas nos bairros populares de Salvador e suas representações, 1991-2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/13695/1/Atucaitados%20pelo%20Estado%20-%20Vilma%20Reis.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.

RELAÇÕES étnico-raciais em arquitetura, urbanismo e cidade. Disciplina de Extensão - ministrada por Fábio Velame. Salvador: Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Arquitetura, 2021.

SOBREVIVENDO no inferno. Racionais MC's. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997. Álbum de música (108 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fVQ3YYnic2o>. Acesso em: 23 out. 2020.

# A UTILIZAÇÃO DO BIM COMO FERRAMENTA DE ENSINO NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOMÉTRICA E SISTEMÁTICA

*THE USE OF BIM AS A TEACHING TOOL IN BRAZIL: A BIBLIOMETRIC AND SYSTEMATIC REVIEW*

ALENCAR, LIA<sup>1</sup>; BARROS, KAMYLA<sup>2</sup>; COSTA, KARIME<sup>3</sup>; TOLEDO, ALEXANDRE<sup>4</sup>.

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas; liaf.arq@gmail.com.

<sup>2</sup>Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Universidade Federal de Alagoas; kamylabarros@usp.br.

<sup>3</sup>Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Universidade Federal de Alagoas; karimezs@usp.br.

<sup>4</sup>Doutor em Engenharia Civil, Professor Associado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas; alexandre.toledo@fau.ufal.br.

## RESUMO

A Modelagem da Informação da Construção ou Building Information Modeling (BIM) é uma das tecnologias mais promissoras da atualidade na indústria da Arquitetura, Engenharia e Construção (AEC). Apesar disso, a adoção dessa tecnologia tanto no mercado da construção civil quanto na área acadêmica, consiste em um desafio. As instituições de ensino representam um papel importante no processo de transição para o uso do BIM nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil e afins. Este artigo tem como objetivo a análise dos estudos voltados ao ensino do BIM, com foco na produção nacional, por meio de uma análise bibliométrica e sistemática, no intervalo temporal definido entre 2018 e 2022. Fazendo uso de indicadores bibliométricos, teve-se como contribuições a evolução temporal das publicações, posição do Brasil no âmbito Internacional, principais autores e universidades e estados com produções mais expressivas. Para isso, foi consultada a base de dados Scopus, além de periódicos e congressos nacionais. Realizou-se também uma Revisão Sistemática da Literatura, sendo selecionados oito artigos, de modo a abordar as facilidades e dificuldades no processo de implantação do ensino BIM nas instituições brasileiras. Os resultados indicam um crescimento do tema no meio acadêmico, tendo como destaque de maior representatividade o ano 2019, a região Nordeste e as Universidades Federais do Ceará e da Bahia. Contudo, foi verificado que a consolidação do BIM é maior no mercado da construção civil do que na área acadêmica, sendo necessária a cooperação efetiva entre as Universidades e o mercado da construção civil.

**Palavras-chave:** BIM, ensino, revisão bibliométrica e sistemática..

## ABSTRACT

*Building Information Modeling or Building Information Modeling (BIM) is one of the most promising technologies in the Architecture, Engineering and Construction (AEC) industry today. Despite this, the adoption of this technology both in the civil construction market and in the academic area is a challenge. Educational institutions play an important role in the process of transition to the use of BIM in Architecture and Urbanism, Civil Engineering and similar courses. This article aims to analyze two studies focused on BIM teaching, focusing on national production, through a bibliometric and systematic analysis, in a defined time interval between 2018 and 2022. For this, it was consulted based on data from Scopus, in addition to newspapers and national congresses. A Systematic Literature Review was also carried out, with eight articles selected in order to address the facilities and difficulties in the process of implementing BIM teaching in Brazilian institutions. The results indicate a growth of the non-academic discipline, with the highlight of greater representation in the year 2019, the Northeast region and the Federal Universities of Ceará and Bahia. In short, it was found that the consolidation of BIM is greater in the civil construction market than in the academic area, making effective cooperation between universities and the civil construction market necessary.*

**Key-words:** BIM, teaching, bibliometric and systematic review.

## INTRODUÇÃO

A aplicação das tecnologias digitais no segmento AEC (Arquitetura, Engenharia e Construção) vem crescendo nos últimos anos. Um exemplo disso é a implementação do Building Information Modeling (BIM), o qual é um conjunto de tecnologias e processos que facilitam todo o processo de desenvolvimento, execução e fiscalização pós-obra de um projeto (ANDRADE; RUSCHEL, 2009).

Nesse sentido, sabe-se que um dos grandes diferenciais da tecnologia BIM é a parametrização e a interoperabilidade. A parametrização permite que, diferentemente da tecnologia Computer Aided Design (CAD), o objeto que compõe determinado projeto não seja apenas uma representação por meio de linhas, mas sim um objeto com uma série de informações vinculadas a sua geometria (medidas, materiais, fornecedor, preços, entre outras informações) (ANTUNES; FLORES, 2023). Desse modo, a interoperabilidade permite que todos os profissionais envolvidos no projeto trabalhem de forma integrada ao projeto, possibilitando que o projeto tenha a máxima quantidade de informações e profissionais de diferentes áreas trabalhando no mesmo aplicativo de desenvolvimento do projeto, assim explica Antunes e Flores (2023). Além disso, a tecnologia BIM possibilita uma melhor qualidade do projeto, redução de custos e processos de retrabalho, além de um maior monitoramento das fases de projeto.

Apesar das vantagens citadas, o BIM ainda encontra uma série de dificuldades de ser implantado no Brasil (MACIEL et al., 2014), entre elas, pode-se citar como os projetos do segmento AEC são executados de forma atrasada, sendo grande a resistência da inclusão de novas tecnologias nesse processo (MACIEL et al., 2014). Além disso, para a aquisição de softwares BIM, os valores são altos se for comprado com softwares CAD e outros, o que acaba fazendo com que construtoras, empresários e fornecedores não optem por tal tecnologia (MACIEL et al., 2014).

Quanto ao ensino, Scheer (2014) considera o desenho parte fundamental do processo de um projeto arquitetônico e debate a forma como as tecnologias digitais têm sido introduzidas no ensino e graduação.

O divórcio entre projeto e construção, teorizado por Alberti e realizado na prática moderna, está sendo derrubado pela substituição do desenho pela simulação. Enquanto o desenho se baseia em uma clara distinção entre os dois, as simulações se esforçam para eliminar qualquer espaço entre eles. Enquanto os desenhos arquitetônicos

existem para representar a construção, as simulações arquitetônicas existem para antecipar o desempenho do edifício. (tradução do autor) (SCHEER, 2014).

Tais argumentos representam a complexidade existente na incorporação das tecnologias digitais tanto à prática quanto ao ensino. Sendo assim, é necessário examinar de que forma a adoção de ferramentas digitais pode contribuir para o aprendizado dos conteúdos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil e afins.

De acordo com Barison e Santos (2010, 2011), a implantação do ensino BIM nos cursos de AEC, no mundo, iniciou em 2003, porém consolidou-se apenas entre 2006 e 2009 devido à exigência do mercado por mão de obra qualificada para realizar e gerenciar projetos dentro da plataforma. Todavia, ainda existem dificuldades na inserção do BIM em grades curriculares, especialmente pela falta de compreensão dos conceitos básicos e escassez de professores que dominem o assunto.

No entanto, mesmo com as dificuldades supracitadas, algumas Universidades brasileiras já adotaram a metodologia BIM como plataforma de ensino, como a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) (ANDRADE, 2007), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) (SERRA et al., 2011), Universidade Presbiteriana Mackensie (UPM) (FLORIO, 2007; VINCENT, 2006), Centro Universitário Barão de Mauá (CBM) (RUSCHEL et al., 2011) e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (RUSCHEL; GUIMARÃES FILHO, 2008; RUSCHEL et al., 2010).

Diante disso, o presente artigo se propõe a realizar uma revisão bibliométrica e sistemática de artigos publicados em eventos e periódicos entre os anos de 2018 a 2022, a fim de apresentar e discutir a implementação e o ensino da tecnologia BIM no Brasil e verificar suas vantagens e desvantagens.

## METODOLOGIA

Para atingir os objetivos esperados, inicialmente utilizou-se a análise bibliométrica para avaliar e entender o desempenho das atividades e produção científica acadêmica. O termo bibliometria foi proposto por Pritchard (1969, apud Chueke et al., 2015) e pode ser definido como a aplicação de métodos estatísticos e matemáticos na análise de obras literárias.

Neste sentido, o ponto de partida desta investigação foi a busca na base de dados Scopus, uma base internacional e multidisciplinar, na intenção de oferecer um panorama abrangente da produção de pesquisas. Conforme exposto no Quadro 1, as palavras-chaves utilizadas

foram: "BIM" OR "building information model" AND "architecture and urbanism" OR "civil engineering" AND "teaching", com o intervalo de data "before 1996" até o presente momento.

**Quadro 1** - String de busca utilizado nesta pesquisa.

Base de dados	Diretora/Diretor	Quantidade de publicações
Scopus	"BIM" OR "Building information model"	73
	"BIM" OR "Building information model"	
	"BIM" OR "Building information model"	

A partir da compreensão do panorama internacional do tema, foram consultadas fontes mais específicas para retratar o cenário nacional, sendo elas: congressos brasileiros, como o Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído (ENTAC), Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído (SBQP), Simpósio Brasileiro de Tecnologia da Informação e Comunicação na Construção (SBTIC) e Encontro Nacional sobre o ensino de BIM (ENEBIM), e os periódicos Ambiente Construído, Gestão e Tecnologia de Projetos, da USP e Pesquisa em Arquitetura e Construção (PARC), da UNICAMP.

Conforme observa-se no Quadro 2, nos últimos cinco anos, foram identificados 232 trabalhos publicados nas fontes citadas, sendo o ENEBIM o congresso que apresentou maior número de publicações sobre o ensino de BIM, com 199 artigos nos eventos de 2018, 2019, 2021 e 2022, tendo a ausência de trabalhos publicados no ano de 2020 em consequência da pandemia global de SARS-CoV.

**Quadro 2** - Publicações brasileiras em congressos e periódicos brasileiros.

Fontes		Quantidade de publicações
Congressos	ENTAC	3 (2018); 3 (2020); 7 (2022)
	SBPQ	1 (2021)
	SBTIC	8 (2019); 3 (2021)
	ENEBIM	36 (2018); 57 (2019); 44 (2021); 62 (2022)
Periódicos	Ambiente Construído	1 (2021)
	Gestão e Tecnologia de Projetos	1 (2018); 1 (2020); 1 (2022)
	PARC	2 (2019); 2 (2020)

Por fim, realizou-se uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL), a qual buscou instituir um levantamento formal do estado da arte de forma consistente e planejada. Foram selecionados oito artigos, dentre os artigos levantados na análise bibliométrica, os quais possuem foco em discussões acerca da implementação do BIM no ensino. A RSL foi proposta com a finalidade de identificar, classificar e analisar os trabalhos relativos ao BIM de modo a responder à seguinte questão motivadora: quais as facilidades e dificuldades no processo de implantação do ensino BIM nas instituições brasileiras?

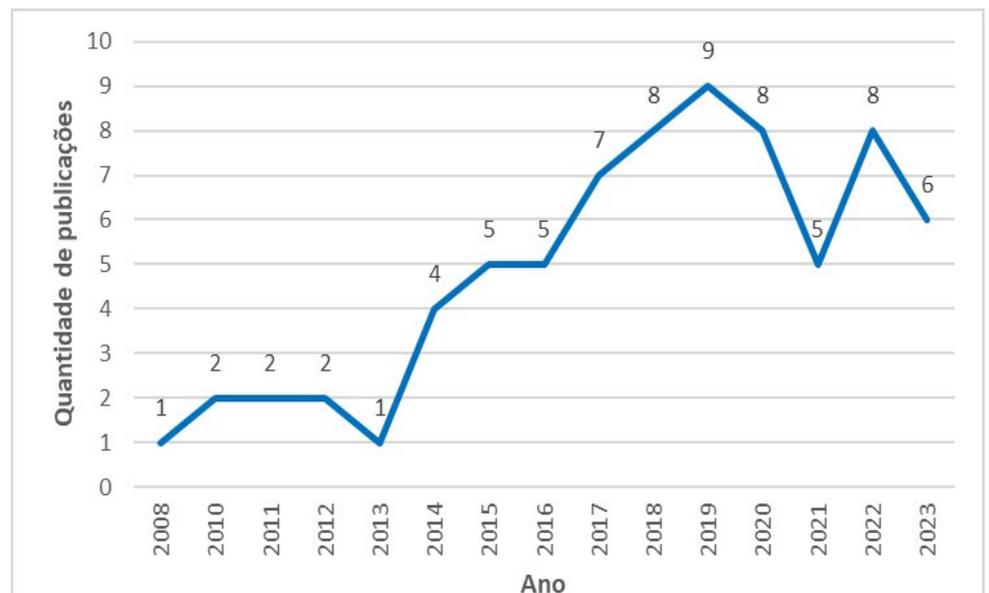
## ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA

No que diz respeito à quantidade de publicações por ano, conforme mostra a Figura 1, percebe-se um crescimento do tema nos últimos anos, sendo seu auge em 2019, seguido de um decréscimo, principalmente em 2021, possivelmente decorrente da pandemia de global de SARS-CoV.

Nos últimos 16 anos, 26 países realizaram estudos sobre o tema proposto; entre eles, conforme a Figura 2, destaca-se a China, com 19 publicações e Estados Unidos, com 11 publicações. Cabe destacar que, embora não seja um país europeu que detenha a maior quantidade de publicações na temática do ensino, no contexto geral, esse é o continente com maior representatividade, com a participação de 12 países e 28 publicações.

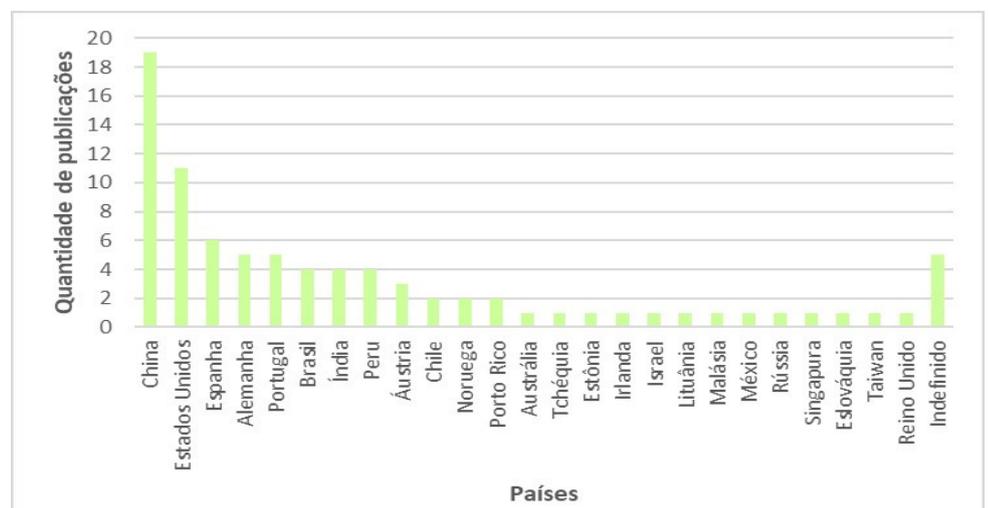
**Figura 1** - Quantidade de publicações realizadas por ano.

**Fonte:** Elaboração própria a partir dos dados da Scopus (2023).



**Figura 2** - Relação de artigos publicados por país.

**Fonte:** Elaboração própria a partir dos dados da Scopus (2023).

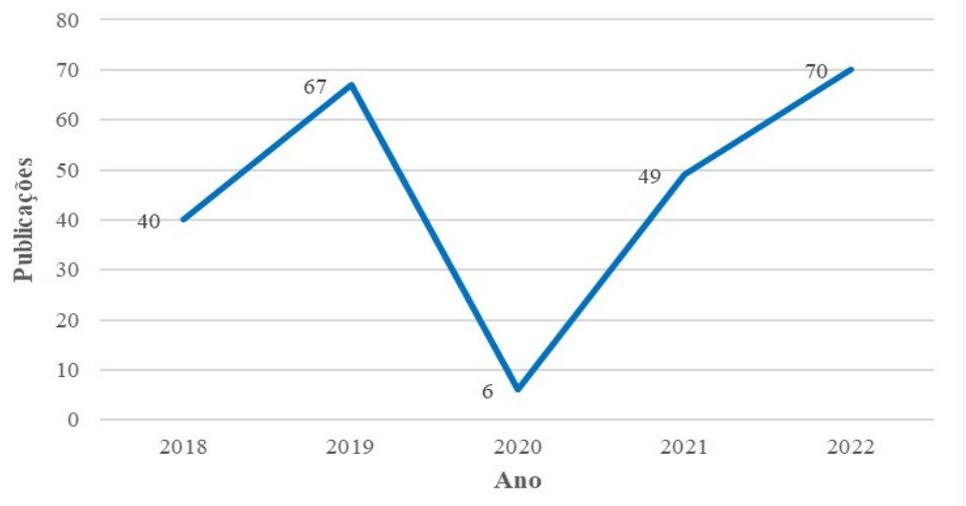


De forma geral, a língua predominante nos artigos é o inglês, representando 93,15% do total. O autor que mais se destaca é Sampaio, A.Z., com 4 publicações, seguido dos autores Li, H. e Zhang, J., com 3 publicações. Quanto à afiliação, a Universidade que mais aparece é Universidade de Lisboa, contabilizando 5 vezes, e as publicações estão divididas em Conference proceeding (37), Journal (19), Book series (12), Trade journal (3) e Book (2).

Assim como na produção Internacional, a análise do indicador de distribuição anual das publicações demonstrou um crescimento gradual da produção científica brasileira sobre o ensino do BIM, levando em consideração que muitos dos periódicos e congressos não são anuais. Observa-se uma queda brusca no ano de 2020, tendo possível relação com a pandemia de Covid-19.

Conforme a Figura 3, no ano 2018 foram identificadas 40 publicações, correspondendo a 17,24% do total levantado, enquanto no ano 2022, a quantidade é de 70 publicações, que representa 30,17% do total. Para essa analogia, não é possível considerar as publicações de 2023, visto que este é o ano atual.

**Figura 3** - Distribuição anual das publicações.  
 Fonte: Elaboração própria (2023).



Dentre os autores identificados é listado, no Quadro 3, os dez que mais publicaram sobre o tema, sendo eles autores ou coautores. A principal pesquisadora é Josyanne Giesta, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, com 17 publicações. Destaca-se também o pesquisador Reymard Sávio de Melo, da Universidade Federal da Bahia, com 14 publicações.

**Quadro 3** - Número de publicações por autores.

Classificação	Autor	Número de publicações
1	Josyane Giesta	17
2	Reymard Sávio de Melo	14
3	Regina C Ruschel	12
4	Mariana Lima	11
5	Érica de Sousa Checcucci	10
6	José de Paula Barros Neto	8
7	Sandra Albino Ribeiro	8
8	Eduardo R. dos Santos	7
9	Mônica S. Salgado	7

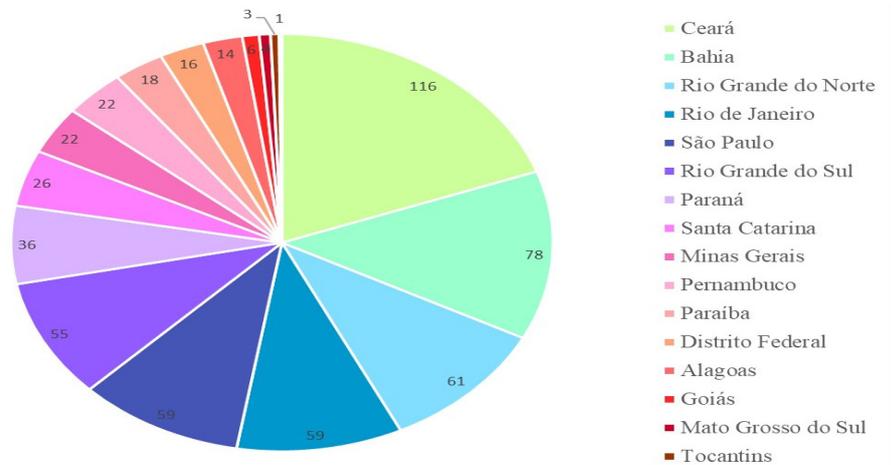
Foram contabilizadas 72 Universidades brasileiras diferentes, sendo expostas, no Quadro 4, as dez Universidades que mais se destacaram, com maior quantidade de autores e coautores vinculados à Instituição. A Universidade Federal do Ceará é a mais presente na temática, com 52 autores vinculados, seguida da Universidade Federal da Bahia, com 51 autores vinculados.

**Quadro 4** - Número de publicação por universidades.

Classificação	Autor	Número de publicações
1	UFC - Universidade Federal do Ceará	62
2	UFBA - Universidade Federal da Bahia	51
3	IFRN - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte	31
4	UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro	30
5	UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul	29
6	SENAI	24
7	UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina	21
8	UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas	19
9	UFCA - Universidade Federal do Cariri	10
10	UFPR - Universidade Federal do Paraná	15

Nessa perspectiva, constatou-se que o estado que mais produziu na temática foi o Ceará, com 116 autores vinculados à Instituições do Estado. Em segundo tem-se a Bahia, com 78 autores vinculados às Instituições do Estado. De forma geral, pode-se dizer que a região que mais está contribuindo com publicações, visando o ensino do BIM, é a região Nordeste.

**Figura 4** - Distribuição das publicações por estado.  
**Fonte:** Elaboração própria (2023).



### REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Apesar da grande quantidade de trabalhos nacionais relevantes à temática terem sido encontrados na revisão bibliométrica, realizou-se uma filtragem de trabalhos focando em artigos de periódicos, congressos e que apresentassem dados coerentes com a presente análise; assim, foram analisados oito artigos em português. Logo, o Quadro 5 apresenta as publicações classificadas por ano, referência, curso, Universidade e meio de publicação.

**Quadro 5** - Publicações selecionadas para análise.

	Ano	Título	Referência	Curso	Universidade	Publicação
1	2020	ENSINO DE BIM EM CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO: Uma análise comparativa sobre percepções de demanda	Silveira <i>et al</i> (2020)	Arquitetura e Urbanismo	Não consta	XVIII Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído
2	2020	DESAFIOS PARA A ADOÇÃO BIM EM UM CURSO RECÉM IMPLANTADO DE ENGENHARIA CIVIL: UMA PERCEPÇÃO DE DOCENTES E DISCENTES	Costa <i>et al</i> (2020)	Engenharia Civil	Universidade Federal do Ceará	XVIII Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído
3	2020	PESQUISA-AÇÃO EM BIM FOMENTANDO A TRANSFORMAÇÃO DE UM CURSO TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES	Giesta <i>et al</i> (2020)	Técnico em Edificações	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)	PARC
4	2020	BIM no ensino de Engenharia Civil: proposta de adaptação de matriz curricular	Lima <i>et al</i> (2020)	Engenharia Civil	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	PARC
5	2019	BIM NO ENSINO DA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO: ESTUDO DE CASO	Leal <i>et al</i> (2019)	Arquitetura e Urbanismo	Universidade Federal do Rio de Janeiro	PARC
6	2019	BIM NO ENSINO DAS COMPETÊNCIAS EM ARQUITETURA E URBANISMO: TRANSFORMAÇÃO CURRICULAR	Batistello <i>et al</i> (2019)	Arquitetura e Urbanismo	Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ)	PARC
7	2021	Aprendizagem significativa em BIM no curso de Arquitetura e Urbanismo	Brigitte (2021)	Arquitetura e Urbanismo	Não consta	Simpósio Brasileiro de Tecnologia da Informação e Comunicação na Construção
8	2019	O USO DO BIM NA PÓS-GRADUAÇÃO: ESTUDO DE CASO NO CURSO DE MASTER EM ARQUITETURA, DESIGN DE INTERIORES E ILUMINAÇÃO	Souza e Ribeiro (2019)	Master em Arquitetura, Design de Interiores e Iluminação	Não consta	Simpósio Brasileiro de Tecnologia da Informação e Comunicação na Construção

Silveira et al (2020) corrobora com a importância da cooperação efetiva entre as Universidades e o mercado da construção civil e expõe que o domínio de um software BIM não garante que os processos de projeto sejam realizados de forma colaborativa. Os autores explicam que a inserção do BIM na academia precisa ser do interesse de todos, tanto discentes quanto docentes, e que uma motivação externa para isso vem sendo o avanço da utilização dessa tecnologia no mercado de trabalho. Em alguns casos, há a procura por cursos extracurriculares, sejam presenciais ou em plataformas digitais, para suprir a carência do ensino na Universidade e atender às demandas de trabalho.

Costa et al (2020) analisaram a percepção de discentes e docentes acerca da implementação do BIM no curso de Engenharia Civil e a maioria demonstrou conhecer a temática, ainda que não seja abordada nas disciplinas. Entretanto, apesar de sete entre oito professores reconhecerem as contribuições do BIM no aprendizado, apenas um o aplica nas disciplinas que leciona, demonstrando que o conhecimento é pontual e não multidisciplinar, o que comprova um baixo envolvimento dos professores. Para uma implementação eficaz do BIM é necessário não apenas o interesse dos professores, como também a intenção da interdisciplinaridade. Não à toa, os autores mostram que as principais barreiras para a aplicação do BIM são: a falta de prioridade e a falta de capacitação do corpo docente, sinalizadas pelos próprios.

Giesta et al (2020) expõem que há outras estratégias de implementação do BIM em Instituições de ensino, além da inserção de conteúdos BIM no Projeto Pedagógico do Curso, como através de atividades pesquisa e extensão, por exemplo. O ciclo da pesquisa-ação – Coleta de dados, Análise e Implementação, de forma sintetizada –, aplicado a cada pesquisa, concedeu o aprimoramento do ensino de BIM. O caminho percorrido pelo IFRN apresentou-se adequado para iniciativas de inserção do BIM em outras Instituições de ensino que também apresentem dificuldades na modificação das matrizes curriculares, assim como na adesão por parte dos docentes a esse novo modelo.

Lima et al (2020) propuseram hipóteses para adoção do BIM no curso de Engenharia Civil da UFRN, baseando-se na identificação das interfaces das disciplinas da sua matriz curricular com o método e na avaliação das percepções do corpo docente quanto à temática. Os autores afirmam que desde o primeiro período os fundamentos do paradigma podem ser discutidos, sendo aprofundados posteriormente ao longo de disciplinas presentes em todos os períodos e em crescente complexidade. Os resultados desse estudo demonstraram que a primeira etapa para a implementação do ensino de BIM deve ser a inserção da tecnologia em, pelo menos, uma disciplina de cada semestre; e a segunda direcionada à formação do corpo docente e à infraestrutura dos laboratórios.

Leal (2019) averiguou diferentes estratégias de ensino-aprendizagem aplicadas ao ensino superior para a utilização do BIM e examinou informações obtidas no estudo de caso da disciplina Processos Construtivos II, referente à grade curricular na FAU-UFRJ. O autor aponta que existe a necessidade de preparo do ambiente acadêmico para utilização de tal tecnologia e que as desvantagens podem ser superadas diante da mobilização do mercado pela adoção dessas plataformas.

Batistello et al (2019) elencaram como pontos positivos da implementação do BIM no ensino de Arquitetura e Urbanismo: o potencial de visualização do todo por parte do acadêmico a partir das visualizações em 3D; e o trabalho colaborativo entre as equipes e os conteúdos como arquitetura, interiores, paisagismo e urbanismo. Dessa forma, salienta-se a necessidade de revisão da inserção dos componentes curriculares que trabalham especificamente esses conteúdos no processo de projeto a partir do City Information Modeling (CIM), para conseguir alinhar o processo de projeto nas duas macros áreas do conhecimento.

Brigitte (2021) elenca as seguintes percepções quanto ao uso do BIM como estratégia de ensino: amplia a capacidade cognitiva dos alunos e os estimula a trabalhar com projetos complexos; melhora a visualização espacial e a compreensão do espaço e da edificação e fornece mais recursos para a tomada de decisões e a resolução de problemas; facilita a aprendizagem de conteúdos de engenharia; potencializa as capacidades cerebrais ao dar apoio aos processos cognitivos, como a lembrança e memória; a atenção; o planejamento e a antecipação; o reconhecimento, a interpretação e a compreensão; facilita a explicitação do conhecimento sobre a edificação, promovendo o desenvolvimento da atenção, do raciocínio e da criatividade.

Após a adoção das estratégias, houve a discussão e reflexão sobre situações do cotidiano profissional. Os resultados apontaram a diminuição da resistência em trabalhos em grupos; a interação entre diferentes grupos sociais consolidados; o surgimento de novas lideranças; o descobrimento de novas habilidades; a capacidade de analisar situações sob diferentes perspectivas, com empatia e alteridade; melhorias significativas no planejamento e gerenciamento das atividades; compreensão da integração interdisciplinar; reconhecimento de que Tecnologias de Informação e Comunicação e BIM não se restringem ao uso de tecnologia (BRÍGITTE, 2021).

Souza e Ribeiro (2019) desenvolveram um estudo, na Universidade Potiguar, com os discentes da pós-graduação em Master em Arquitetura, Design de Interiores e Iluminação. Nesse caso, os resultados demonstraram a importância de inserir a utilização do BIM em diversas disciplinas abordando conceitos e práticas, ao invés de estar con-

centrada em apenas uma disciplina, visto que é um curso condensado em comparação a um curso de graduação, por exemplo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo realizar um estudo bibliométrico e sistemático sobre o ensino do BIM no Brasil. Numa primeira pesquisa abrangente, foram encontrados 73 trabalhos na base de dados Scopus, sendo apenas quatro deles do Brasil, o que aponta para uma produção pouco expressiva do país no âmbito internacional. A maior concentração de publicações se dá na Europa, seguida da Ásia.

Para caracterizar a produção brasileira, foram consultados diversos congressos e periódicos no intervalo temporal entre 2018 e 2022, sendo apurado um total de 232 publicações. Nas publicações em anais, identificou-se o ENEBIM como o evento nacional de maior destaque na área, representando 85,77% do total da amostra.

De acordo com os dados obtidos, observou-se uma tendência de crescimento do assunto, possivelmente relacionado à reflexão da necessidade progressiva do BIM no mercado de trabalho. Constatou-se também uma maior concentração de publicações na região Nordeste, guiada principalmente pela produção da Universidade Federal do Ceará e a Universidade Federal da Bahia.

A Revisão Sistemática de Literatura (RSL) se mostrou eficiente uma vez que possibilitou o estabelecimento de um panorama acerca das facilidades e dificuldades encontradas na inserção do ensino BIM nas instituições brasileiras. A partir da análise dos artigos selecionados pela RSL é possível verificar que o BIM está mais consolidado no mercado da construção civil do que na área acadêmica.

Diante disso, evidencia-se a importância da cooperação efetiva entre as Universidades e o mercado da construção civil. Dentre os pontos positivos na introdução do BIM no ensino estão a possibilidade de visualização através das imagens em 3D; o trabalho colaborativo entre equipes multidisciplinares, embora o domínio de um software BIM não o garante, e em projetos complexos; a ampliação da capacidade cognitiva; viabilização de recursos para a resolução de problemas prévios e tomada de decisões; desenvolvimento da atenção, raciocínio e criatividade.

Quanto ao que se refere à postura dos docentes diante da implantação, ressalta-se a importância do interesse de todos pela temática, além da intenção da interdisciplinaridade; o conhecimento e capacitação acerca da temática. Diante disso, os artigos pontuaram algumas possibilidades de inserir a temática nas matrizes curriculares: introdu-

zir pelo menos uma disciplina em cada semestre abordando conceitos e práticas, como também através de atividades de pesquisa e extensão, complementação da infraestrutura dos laboratórios.

Finalmente, diante deste estudo, é enfatizada a necessidade das discussões e estratégias de inserção do BIM no meio acadêmico, acompanhando as necessidades e mudanças da área da construção civil. Cabe, então, às Universidades capacitar os novos profissionais para o mercado de trabalho, qualificados a trabalhar em um mercado cada vez mais exigente e competitivo. Vale, por fim, destacar que a adoção do BIM na academia pode enfrentar obstáculos e é um processo evolutivo que demanda treinamento, bem como investimento.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. L. V. X. Computação Gráfica Tridimensional e Ensino de Arquitetura: uma experiência pedagógica. *In*: GRAPHICA 2007: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENGENHARIA GRÁFICA NAS ARTES E NO DESENHO, 7., Curitiba, 2007. **Anais [...]**. Curitiba: UFPR, 2007.

ANDRADE, M. L. V. X.; RUSCHEL, R. C. BIM: conceitos, cenários das pesquisas publicadas no Brasil e tendências. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DE PROJETOS, 1., 2009, São Carlos. **Anais [...]**. São Carlos: RiMa, 2009.

ANTUNES, M. L. R.; FLORES, D. A. N. Introdução ao BIM. *In*: ALMEIDA, M. A. F.; BONALDO, E. **Building Information Modeling (BIM) Princípios e Tendências**. Belo Horizonte: Editora Poisson, 2023. v. 1, cap. Capítulo 1, p. 08-23. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Maria\\_Almeida11/publication/371178226\\_Building\\_Information\\_Modeling\\_BIM\\_-\\_Principios\\_e\\_tendencias/links/64783887d702370600c533a0/Building-Information-Modeling-BIM-Principios-e-tendencias.pdf#page=8](https://www.researchgate.net/profile/Maria_Almeida11/publication/371178226_Building_Information_Modeling_BIM_-_Principios_e_tendencias/links/64783887d702370600c533a0/Building-Information-Modeling-BIM-Principios-e-tendencias.pdf#page=8). Acesso em: 8 jul. 2023.

BARISON, M. B.; SANTOS, E. T. Ensino de BIM: tendências atuais no cenário Internacional. **Gestão & Tecnologia de Projetos**, São Carlos, v. 6, n. 2, p. 67-80, dez. 2011.

BARISON, M. B.; SANTOS, E. T. Review and Analysis of Current Strategies for Planning a BIM Curriculum. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON APPLICATIONS OF IT IN THE AEC INDUSTRY & ACCELERATING BIM RESEARCH WORKSHOP, 27., Cairo, 2010. **Proceedings [...]**. Cairo: Virginia Tech, 2010..

BATISTELLO, Paula; BALZAN, Katiane L.; PEREIRA, Alice T. C. BIM no ensino das competências em arquitetura e urbanismo: transformação curricular. **PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção**, Campinas, SP, v. 10, p.e019019, abr. 2019. ISSN 1980-6809. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/parc/article/view/8653989>. Acesso em: 27 abr. 2019. DOI:<https://doi.org/10.20396/parc.v10i0.8653989>.

BRÍGITTE, G. T. N. . Aprendizagem significativa em BIM no curso de Arquitetura e Urbanismo. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO, 3., 2021. **Anais [...]**. Porto Alegre: ANTAC, 2021. Disponível em: <https://eventos.antac.org.br/index.php/sbtic/article/view/632>. Acesso em: 09 jul. 2023. p. 1-11.

CAVALCANTI, F.T.M.; LIMA, P. P. S. Introdução de BIM no currículo acadêmico: análise realizada na cidade de Cajazeiras-PB. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO, 2., 2019, Campinas, SP. **Anais [...]**. Porto Alegre: ANTAC, 2019. Disponível em: <https://antaceventos.net.br/index.php/sbtic/sbtic2019/paper/view/198>.

CHUEKE, G. V.; AMATUCCI, M.. O que é bibliometria?: uma introdução ao Fórum. **Revista Eletrônica de Negócios Internacionais**, v.10, n.2, p.1-5, 2015.

COSTA, G. R. DA; CASTRO, A. J. N. DE; C NDIDO, L. F. Desafios para a adoção de BIM em um curso de engenharia civil em implantação: uma percepção de docentes e discentes. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 18., 2020, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: ANTAC, 2020.

FLORIO, W. Contribuições do Building Information Modeling no Processo de Projeto em Arquitetura. *In*: ENCONTRO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO CIVIL, 3. Porto Alegre, 2007. **Anais [...]**. Porto Alegre: ANTAC, 2007. 1 CD-ROM.

GUESTA, Josyanne Pinto; COSTA NETO, Alfredo. COSTA, Thalita Giesta. A pesquisa-ação em BIM fomentando a transformação de um curso técnico em edificações. **PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção**, Campinas, SP, v. 11, p.e020021, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/parc.v11i0.8657348>.

LEAL, B. M. F. BIM no ensino de tecnologia da construção: estudo de caso. **PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção**, Campinas, SP, v. 10, p. e019027, 25 dez. 2019. ISSN 1980-6809. DOI: <https://doi.org/10.20396/parc.v10i0.8653550>.

LIMA, Wesley Eunathan Fernandes; MELO, Luane Assunção Paiva; MELO, Reymard Sávio Sampaio de; GUESTA, Josyanne Pinto. BIM no ensino de Engenharia Civil: proposta de adaptação de matriz curricular. **PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção**, Campinas, SP, v. 11, p. e020028, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/parc.v11i0.8657369>.

MACIEL, M.; OLIVEIRA, F.; SANTOS, D. G. Dificuldades para a implantação de softwares integradores de projeto (BIM) por escritórios de projetos de cidades do nordeste do Brasil. *In*: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 2014. p. 2832. **Anais [...]**. ENTAC, 2014. Disponível em: <http://www.infohab.org.br/entac2014/anais.html>.

RUSCHEL, R. C. *et al.* Building Information Modelling para projetistas. *In*: FABRICIO, M. M.; ORNSTEIN, S. W.. (Org.). **Qualidade no Projeto de Edifícios**. São Carlos: RIMA-ANTAC, 2010, v., p. 137-162.

RUSCHEL, R. C. *et al.* O ensino de BIM: exemplos de implantação em cursos de Engenharia e Arquitetura. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO CIVIL, 5., Salvador, 2011. **Anais [...]**. Salvador: LCAD/PPGAU-UFBA, 2011.

RUSCHEL, R. C.; GUIMARÃES FILHO, A. B. Iniciando em CAD 4D. *In*: WORKSHOP BRASILEIRO GESTÃO DO PROCESSO DE PROJETO NA CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS, 8., São Paulo, 2008. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2008.

SCHEER, D. **The death of drawing:** architecture in the age of simulation. New York: Routledge, 2014.

SERRA, S. M. B.; RUSCHEL, R. C.; ANDRADE, M. L. V. X. Colaboração Entre Universidades no Ensino de Pós-Graduação. *In:* KURI, N. P.; SÉRGANTINE, R. C. L. (Ed.). **Inovar o Ensino, Melhorar o Aprendizado.** São Carlos: EESC-USP, 2011. p. 57-70.

SILVEIRA, Juliana. K. da; HOLLEBEN, Ester; KEHL, Caroline. Ensino de BIM em curso de Arquitetura e Urbanismo: uma análise comparativa sobre percepções de demanda. *In:* Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 18, 2020, Porto Alegre. **Anais [...].** Porto Alegre: ANTAC, 2020.

SOUZA. I.L.S.; RIBEIRO, S.A.. O uso do BIM na Pós raduação: estudo de caso no curso de master em arquitetura, design de interiores e iluminação. *In:* SIMPÓSIO BRASILEIRO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO, 2., 2019, Campinas, SP. **Anais [...].** Porto Alegre: ANTAC, 2019. Disponível em: <https://antaceventos.net.br/index.php/sbtic/sbtic2019/paper/view/220>.

VINCENT, C. C. Ensino de Projeto: digital ou manual?. *In:* CONGRESSO DA SOCIEDADE IBERO-AMERICANA DE GRÁFICA DIGITAL, 10., Santiago do Chile, 2006. **Anais [...].** Santiago do Chile: Universidad de Chile, 2006. 1 CD-ROM.

# TRÊS HOMENS E UMA CIDADE: ITINERÁRIOS DESEJANTES NO RECIFE-PE

## THREE MEN AND ONE CITY: DESIRED ITINERARY IN RECIFE-PE

CAVALCANTE NETO, EUCLIDES ROCHA<sup>1</sup>; ARAÚJO, FLÁVIA DE SOUSA<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Mestrando em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco; euclides.rocha@ufpe.br.

<sup>2</sup>Doutora em Planejamento Urbano e Regional, Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas; flavia.araujo@fau.ufal.br.

### RESUMO

Para se pensar a construção de espaços urbanos que respeitem a multiplicidade de pessoas que o ocupem e que, portanto, possam ser legitimados pela comunidade LGBTQIA+, proponho neste artigo o exercício de apreensão da cidade a partir das narrativas de sexualidades dissidentes. O objetivo é discutir, a partir da tríade corpo, memória e desejo, as possibilidades de apreensão da produção das espacialidades urbanas dissidentes da cidade do Recife-PE. Para isso, concomitante às minhas apreensões da cidade, são apresentadas também duas literaturas homoeróticas que têm como cenário a vivência sexualmente dissidente de homens por alguns bairros do Recife. É dessa experiência dos três interlocutores que a cartografia dos desejos homoafetivos aqui produzida toma forma e sentido. Paradoxalmente, a marginalidade ao qual muitos desses espaços são relegados, aqui são colocados em evidência e valorizados enquanto lugares de pertencimento e como parte da memória da cidade. Os corpos em trânsito e o desejo, formadores de espacialidades, completam o itinerário e deixam suas marcas na cartografia. Dentro do recorte temporal dos três interlocutores (1960-2022), encontram-se mais permanências do que transitoriedades nas dinâmicas dissidentes na cidade do Recife. Por fim, a produção cartográfica indica lugares no imaginário da cidade, sendo este um importante recurso de reconhecimento e apropriação, de forma a possibilitar uma outra forma de ver a cidade que não seja na reprodução da norma hegemônica vigente.

### ABSTRACT

*To contemplate the construction of urban spaces that respect the multiplicity of people that uses and, therefore, can be legitimized by the LGBT+ community, this article proposes an exercise in understanding the city through narratives of dissident sexualities. The objective is to discuss, based on the triad of body, memory, and desire, the possibilities of grasping the production of dissident urban spatialities in the city of Recife-PE. To achieve this, alongside my observations of the city, two homoerotic literatures that depict the sexually dissident experiences of men in certain neighborhoods of Recife are also presented. It is from the experiences of these three interlocutors that the cartography of homoaffectionate desires takes shape and meaning. Paradoxically, the marginality to which many of these spaces are relegated is highlighted and valued here as places of belonging and as part of the city's memory. The bodies in transit and desire, formative elements of spatialities, complete the itinerary and leave their marks on the cartography. Within the temporal scope of the three interlocutors (1960-2022), there are more continuities than transitoriness in the dissident dynamics of Recife. Ultimately, the cartographic production points to places in the city's imaginary, representing an important resource for recognition and appropriation, enabling a different way of seeing the city beyond the reproduction of the prevailing hegemonic norm.*

**Palavras-chave:** cartografia; corpo; memória; desejo; homoafetividade.

**Key-words:** cartography; bodies; memory; desire; homoaffectivity.

Recebido em: 30/07/2023

Aceito em: 30/10/2023

REVISTA ÍMPETO | ISSN: 1983-6171 | MACEIÓ | Nº 13 V. 2 | DEZ. 2023 | p. 66-86

## INTRODUÇÃO

<sup>1</sup>CAVALCANTE NETO, Euclides Rocha. **Itinerários desejantes**: cartografando dissidências no Recife-PE. 2022. 74 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

<sup>2</sup>O crítico literário norte americano Michael Warner cunha o termo heteronormatividade em 1981. O historiador Fernando José Benetti (2013, p. 21) explica-o como sendo a “organização social, relacional e psicológica que parte do princípio de que todos são ou deveriam ser “heterossexuais”. O termo “cis”, acrescido ao conceito, refere-se à cisgeneridade (que é a condição da pessoa cuja identidade de gênero corresponde ao gênero que lhe foi atribuído no nascimento), também posto como norma hegemônica.

Neste artigo, fruto do meu Trabalho Final de Graduação (TFG)<sup>1</sup>, pretendo discutir as inter-relações estabelecidas entre a tríade *corpo, desejo e memória*. O interesse maior recai sobre os modos como podemos ler essas categorias no espaço urbano e refletir como as forças políticas (cis-hetero)normativas<sup>2</sup> atravessam as dissidências sexuais, no contexto de reformulação das estratégias de como se pensar as cidades.

Trago inicialmente o termo “dissidente” para designar quem escapa da “matriz [cis]heterossexual”, ideia conceituada pela filósofa estadunidense Judith Butler, sendo uma “[...] grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados” (Butler, 2003, p. 216). É uma matriz excludente que visa tornar “abjetos” todos os corpos que não se encaixariam na suposta naturalidade da correspondência entre corpo biológico, sexo e orientação sexual, correspondência essa que seria uma “ficção” da qual os corpos não encaixados se tornam dissidentes (Teixeira, 2013, p. 2).

A cidade é um território em constante trânsito: caminha-se pela cidade, esbarra-se nas pessoas, ruas, praças, cais e pontes. É infinitamente emaranhada em anseios e desejos; complexa e carregada de concepções e (des)construções de lugares, físicos ou simbólicos. Existem *corpos estranhos* que frequentam, assentam e imantam os espaços. Por *corpo (estranho)*, trago algumas impressões das arquitetas e urbanistas Rossana Tavares e Mariana Bonadio (2021), que apontam que:

[A]final, aquilo que é considerado estranho em um determinado espaço é construído socialmente como tal pelas formas normativas que enquadram nossas relações sociais e performáticas. Nesse sentido, haveria, de modo diferencial, orientações performativas de corpos que estranham o espaço urbano. Ainda que as materialidades generificadas, sexualizadas e racializadas dos corpos possam deslizar rapidamente para uma desorientação social, subjugando e expondo alguns corpos (mais do que outros) à discriminação e violência, é o próprio estranhamento da presença que conforma uma espacialização instável de resistência e questiona a normatividade de exclusão que enquadra o vivível no espaço (Tavares; Bonadio, 2021, p. 14-15).

A *memória* é um importante dispositivo de análise da representação do/no espaço, principalmente quando nos referimos aos grupos socialmente postos à margem, discriminação e violência. A rememoração e valorização dos corpos e outras formas de representação dissi-

dentos no Recife, que deixa(ra)m suas marcas, serão postos em destaque a fim de “recriar a memória dos que [nunca tiveram] não só o poder, mas também a visibilidade de suas ações, resistências e projetos” (Paoli, 1992, p. 2).

Para dar conta das memórias dos espaços, as narrativas urbanas dissidentes serão o fio condutor e o disparador dos desejos na investigação do território recifense. Fechando a tríade das categorias de análise, aponto o *desejo* como sendo “[...] todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outras percepções de mundo, outros sistemas de valores” (Rolnik; Guattari, 1996, p. 215-216).

Para realizar a apreensão cartográfica dos desejos homoafetivos recifenses, recorri a obra do escritor argentino Tulio Carella e seu narrador-personagem Lúcio Ginarte em *Orgia: os diários de Tulio Carella - Recife 1960* (2011) e do personagem Diógenes, na obra *Três rapazes e um quarto* (2021) do recifense Bui da Silva. Cheguei em tais autores a partir da investigação por obras que retrataram, na literatura, vivências homoafetivas na cidade do Recife. A escassez de mais obras evidencia que a produção literária do Recife ainda pouco explora leituras socioespaciais que sejam instituídas pela comunidade LGBTQIA+<sup>3</sup>.

Temporalmente Carella/Lúcio (2011) já desvelara como era o universo homoafetivo das ruas do Recife no início da década de 1960. Posteriormente, Silva/Diógenes (2021) atravessou e foi atravessado pela cidade no início da década de 2010. Tendo experienciado minha sexualidade mais intensamente na mesma cidade a partir de 2015, procurei aglutinar as três experiências e criar um imaginário intercambiado entre os dois autores e eu, através de uma cartografia.

Discutir então a produção das espacialidades a partir da tríade corpo, memória e desejo tem por objetivo dar visibilidade às diferentes formas de ocupar e experienciar a cidade. Em caminhos considerados *desviados*, o itinerário dos desejos percorrerá os “bairros centrais” da cidade: Boa Vista, Soledade, Santo Amaro, São José, Santo Antônio e o bairro do Recife (conhecido como “Recife Antigo”). O meio escolhido para apresentar a cartografia que compõem esses caminhos foi a plataforma *online Miro*, que pode ser acessada pelo link a seguir: <https://bit.ly/cartografiadesejos><sup>4</sup>. Sugere-se a leitura dos *caminhos metodológicos* antes de acompanhar a cartografia pela plataforma. Além disso, a construção teórica deste artigo complementa o que é exposto na cartografia, ainda que de forma adaptada em relação ao conteúdo completo da monografia. De toda forma, a maneira de acompanhamento da cartografia e do presente texto fica à critério da pessoa que está lendo.

<sup>3</sup>Acrônimo para: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, Queers, Intersexos, Assexuais e o “+” representa as demais e múltiplas dissidências sexuais.

<sup>4</sup>O link disponível está aberto apenas para visualização e comentários, por questão de segurança e manutenção do registro inicialmente concebido por mim. No entanto, lhe convido a contribuir com a cartografia e para isso existe a opção de solicitar acesso à edição do material (botão azul no canto superior direito na plataforma Miro).

Para a elaboração da cartografia dos desejos homoafetivos do Recife, apoiei-me no processo de cartografar proposto pela psicanalista Suely Rolnik (2011, p. 24), onde esta cartografia “[...] foi se fazendo ao mesmo tempo que certos afetos [ou a(fe)tivações] foram sendo revisitados (ou visitados pela primeira vez) e que um território foi se compondo para eles”.

Para tal, não descartei métodos e formas de representação da cartografia tradicional, e sim mescliei diferentes abordagens para poder “ampliar as possibilidades de representar o irrepresentável” (Name; Carrillo, 2019, *online*) cuja profundidade dos mapas não alcança; sendo este o maior desafio. Para tanto, os locais nas citações ou menções nas obras de Silva (2021), Carella (2011) e as minhas experiências na cidade são o que compõem (inicialmente) essa cartografia, tentando ir além da simples marcação de pontos que inevitavelmente acabam desprezando os fenômenos que ali ocorreram/ocorrem.

Apesar da cartografia ser um meio oficial de registro e representação do espaço, o que estou propondo aqui é uma forma de “escrita não categorizada em lugar algum” (Amorim; Oliveira, 2017, p. 1438). A escolha da plataforma digital e a possibilidade de outras pessoas também construírem suas cartografias a partir da minha, incorporando-as, já surge como uma tentativa de romper essa estaticidade.

As próximas páginas trarão um (breve) aprofundamento dos conceitos-chave, no intuito de embasar as experiências com o que se têm produzido academicamente. Por fim, à luz da intersecção entre corpo, desejo e memória e através das expressões trazidas na cartografia, são apresentadas considerações provisórias e as reflexões fruto das análises deste trabalho.

### **Caminhos metodológicos**

A partir do questionamento sobre a cidade hegemônica do Recife e seus discursos, sigo não para encontrar respostas fixas e absolutas, mas para encontrar pistas e deixar rastros sobre qual é o passado e presente oculto da cidade do Recife que pode ser desvelado. Parto então<sup>5</sup> de uma cartografia dos desejos homoafetivos como um caminho de (re)significação da memória dissidente do Recife.

Apoiando-se ainda em instrumentos investigativos tradicionais, o presente trabalho se debruçou na construção do arcabouço teórico a partir de leituras no campo da Arquitetura, Urbanismo e áreas afins em temas que versam sobre, por exemplo: corpo e cidade; memória no espaço urbano; gênero e sexualidade; desejo; mapas e cartografias. Ao fazer o levantamento desses referenciais, um dos primeiros desafios foi realizar a transposição de algumas leituras, termos e ideias

<sup>5</sup>De antemão, trago as visões aqui tratadas como atravessamentos da minha vivência, ciente dos meus privilégios como um homem, branco, cisgênero e gay na sociedade e de como isso direciona e reflete no trabalho que enfoca mais na “letra” G(ay) da comunidade LGBTQIA+.

de áreas afins à Arquitetura e Urbanismo para o cenário de questões urbanas das sexualidades invisibilizadas. Neste subtópico, darei maior enfoque à construção da parte gráfica da cartografia, enquanto o referencial teórico vai se desenvolvendo aos poucos.

Para assimilação dos conteúdos de cada um dos interlocutores na cartografia, foram designadas respectivas cores que acompanham as narrações de cada pessoa: Silva/Diógenes na cor **preta**, Euclides **amarelo** e Carella/Lúcio em **vermelho**. O que motivou a escolha da plataforma digital Miro foram os recursos disponíveis para produção de uma expressão imagética que vai além do que é representado em outras plataformas tradicionais de representação espacial, como o *Google Maps*.

Além disso, a abertura que a plataforma permite para que haja outras contribuições de narrativas, imagens, vídeos, sons e pictogramas colabora com a ideia que a cartografia que apresento se expanda para além das fronteiras que estabeleço. Por trazer um recorte iniciado pelas narrativas dos três interlocutores, concentrado na região central da cidade, tenho ciência que o que trago na cartografia é apenas uma fração das dissidências sexuais que atravessam o Recife. A proposta é que a cartografia se expanda, seus pictogramas e a(fe)tivações sejam cada vez mais moldados por diversas mãos.

O desafio foi, então, o de tornar visível e expressivo os desejos homoafetivos do Recife na forma de representação estática que uma imagem bidimensional traz. O uso dos pictogramas<sup>6</sup> que dão sentido aos fenômenos foram inspirados pelos materiais do *Manual de Mapeo Colectivo* (2013) e *Atlas da Experiência Humana* (2004), além de outras associações imagéticas. A elaboração dos pictogramas levou em consideração a associação imagética do fenômeno (a(fe)tivação) com uma representação que fosse de entendimento mais generalizado.

A partir desses materiais e inspirado a imaginar outras formas de representação das narrativas urbanas dissidentes, de maneira que fosse possível diferenciar também as experiências de cada interlocutor, suas convergências e divergências. a nomenclatura que orienta cada termo tenta se aproximar das a(fe)tivações e/ou espacializações dos fenômenos, como é possível observar na Figura 1.

<sup>6</sup>São os desenhos estilizados que compõem a legenda da cartografia que funcionam como um signo do texto/ideia que o acompanha.

**Figura 1** - Legenda da Cartografia dos desejos homoafetivos do Recife-PE.

Fonte: Autoral (2022)



Embora os pictogramas tragam representações que podem ser consideradas hegemônicas, trago aqui uma observação minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Flavia Araújo, de que operamos na hegemonia - com as ferramentas hegemônicas - e que devemos usá-las para que possamos subvertê-las. A ideia de apresentar e resumir as apreensões das narrativas foi um dos desafios encontrados e uma forma de superá-lo foi justamente aplicando-o na marginalidade dos fenômenos sexuais dissidentes.

## DESENVOLVIMENTO

Ao percorrer o território recifense e suas fronteiras geográficas, é possível inferir que não são os limites físicos dos bairros nos mapas oficiais que definem as fronteiras subjetivas aos quais é possível (re)imaginar as cidades. Para Barros (2004, p. 63)

Os limites administrativos e limites subjetivos devem coexistir. Não coincidem, na maioria das vezes, porém, faz-se necessário que existam, caso contrário essa escala urbana não existiria de fato. Os (limites) subjetivos se fazem necessários, visto que (o módulo social é aí definido) é a partir de sua definição coletiva que a base social se instaura, as reivindicações tomam corpo e o suporte físico o faz único.

As a(fe)tivações e os fenômenos que são apresentados na cartografia eles não estão estáticos a esses limites administrativos e geográficos.

Os corpos dissidentes borram as fronteiras, percorrem e atravessam a cidade por caminhos considerados *desviados*. A composição desses itinerários vai se amarrando às apreensões das narrativas.

Para o antropólogo argentino Nestor Perlongher, “conforme delimitam-se com mais clareza seus contornos geográficos, a identidade gay assume contornos cada vez mais totalizantes” (Perlongher, 1987, p. 81). Transportando para os dias atuais, para além da “identidade gay”<sup>6</sup> outras formas de dissidências sexuais e de gênero também moldam os espaços.

Na construção de uma morfologia da cidade, podemos dizer que o Recife, assim como outras cidades, se trata de um espaço de montagem, sendo a uma cidade atravessada por simbologias “[...] que transitam entre os aspectos históricos, geográficos e psíquicos; a cidade como um organismo aberto a modificações e constituído pelas complexidades de cada grupo, época ou lugar” (Amorim; Oliveira, 2017, p. 1434).

A ocupação da cidade por pessoas da comunidade LGBTQIA+ nem sempre é garantida de segurança e uso pleno dos espaços. Por vezes usufruídos em determinados horários e/ou com dinâmicas particulares, a construção desses locais foram (em geral) construídos na marginalidade e correm o risco de cair no esquecimento se não houver um resgate/valorização da memória LGBTQIA+ que cada cidade tem. Importante destacar, também, que a presença de marcadores sociais como gênero, classe e raça tem relação direta com a ocupação e o tipo de usos que se fazem do espaço.

### O corpo e a cidade

A arquiteta e urbanista Paola Berenstein Jacques, aponta que “a cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo, em sua corporalidade, o que passamos a chamar de *corpografia* urbana”<sup>8</sup> (Jacques, 2008, *online*). Não havendo então dissociação do corpo-sujeito para o corpo-urbano (cidade), as múltiplas apreensões desses e nesses corpos permitem com que seja possível uma outra vivência da cidade (Jacques, 2008, *online*), ao passo que

(...) a cidade é “investida” por uma ordem dupla de “desejos” desejamos a cidade como “seio”, como “mãe” e, em simultâneo, como “máquina”, como “instrumento”; queremos-la “éthos”, no sentido original de morada e residência e, ao mesmo tempo queremos-la um meio complexo de funções; pedimo-las segurança e “paz” e, concomitantemente, pretendemos dela grandes eficiência, eficácia e mobilidade. A cidade vive sujeita a questões contra-

<sup>6</sup>Perlongher traz sua abordagem de identidade associando-a às questões sexuais.

<sup>8</sup>A *corpografia* é uma cartografia corporal (ou corpo-cartografia, daí *corpografia*) [...] Uma *corpografia* urbana é um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita mas também configura o corpo de quem a experimenta” (Jacques, 2008, *online*). Por cartografia, a arquiteta identifica que “[...] uma cartografia urbana descreve um mapa da cidade construída e assim muitas vezes já apropriada e modificada por seus usuários” (Jacques, 2008, *online*).

ditórias. Querer ultrapassar esta contraditoriedade é má utopia. É necessário, ao invés, dar-lhe forma. A cidade, na sua história, é a perene experiência de dar forma à contradição, ao conflito.” (Cacciari, 2010, p. 7)

As contradições às quais a cidade vive oferecem “diferentes experiências urbanas [que] podem ser inscritas em um corpo, o que pode resultar em diferentes *corpografias*. Essas *corpografias* podem ser cartografadas, mapeadas, representadas ou ilustradas” (Jacques, 2008, *online*). É justamente nessa possibilidade de cartografar esses corpos e por enxergar também a potência disso para a experiência urbana que trouxe os conceitos da arquiteta para o TFG e o artigo.

A conexão dos corpos dissidentes no espaço público provoca rupturas na dinâmica social e o próprio ato de ocupar os espaços por si só já se configura como uma transgressão e subversão desse espaço hegemonicamente ocupado. Sendo o corpo o primeiro lugar do indivíduo, um símbolo pessoal e social de identidade<sup>9</sup> (Cortés, 2008, p. 136), através dele é possível inferir uma análise social no contexto urbano e suas (in)visibilidades.

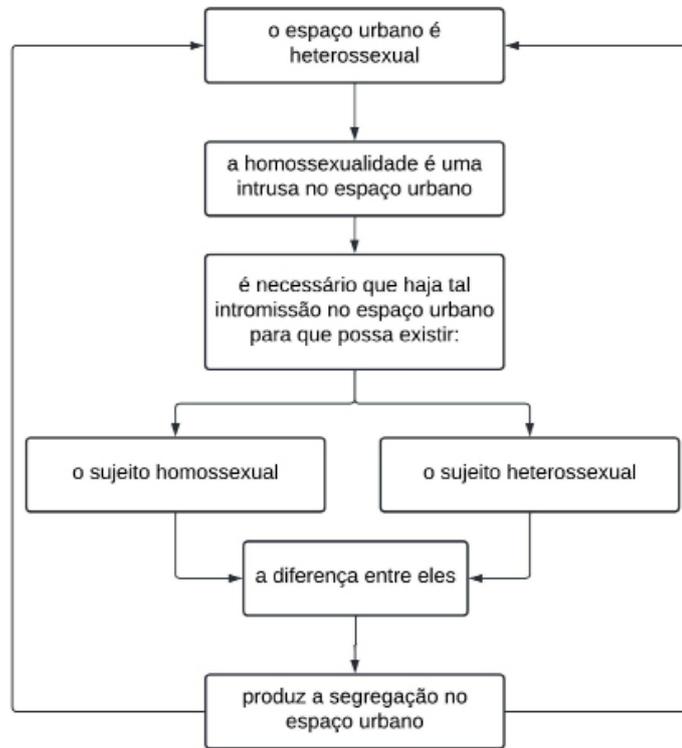
A invisibilidade e estigmatização de corpos dissidentes não é algo que ficou no passado, infelizmente. Tavares e Bonadio (2021), à luz de Butler (2018), apontam que

[...] ainda que toda vida seja precária em sua constituição, nem todas estão suscetíveis à mesma precariedade: alguns corpos são tornados abjetos e descartáveis pelos regimes de regulação de inteligibilidade de existências que diferenciam aqueles que serão considerados mais ou menos humanos (Lugones, 2014, p. 943) [...] É preciso dizer: vidas feminizadas, vidas racializadas negras e não brancas/ocidentalizadas, vidas não heteronormativas, vidas queer etc. estarão corporalmente marcadas em sua exposição à precarização, estimadas como menos humanas na balança dos corpos que importam para a vida social (Tavares; Bonadio, 2021, p. 9).

Em mais uma forma de representar que uma das características do espaço público é, além de ser um espaço heterossexual, um espaço masculino, trago o diagrama abaixo (Figura 2).

<sup>9</sup>Cortés (2008, p. 136) ao trazer o termo identidade aponta que “os indivíduos não nascem como seres humanos totalmente acabados [...] Consequentemente, as pessoas não são um produto definido por imperativos biológicos, tampouco são o simples resultado das relações sociais. Existe um âmbito psíquico, com suas próprias normas e história, no qual as possibilidades biológicas do organismo adquirem seu significado. Por isso, o que denominamos identidade é um ganho sempre precário, que se vê constantemente solapado pelos desejos reprimidos que constituem o inconsciente”.

**Figura 2** - Diagrama da produção do espaço urbano e suas relações com as sexualidades. **Fonte:** Autorial (2022) a partir de Almeida (2019, p. 108)



A guerra de poderes travada com a homossexualidade (masculina) é, a todo momento, posta em prática no espaço público, onde, nessa oposição de forças, a expressão da homossexualidade é sempre sexualizadora, em maior ou menor grau (Almeida, 2019, p. 111). E é nessa evidência de concentração da produção do espaço urbano pelo homem que a cidade se inscreve e invisibiliza outras pautas e outras vidas.

**Memórias homoafetivas no Recife**

A invisibilização da população LGBTQIA+ pode ser percebida no processo constitutivo dos espaços urbanos, assim como ao analisarmos a história das cidades e como elas são contadas; carentes de representação e de memória nos espaços públicos para quem não se adequa à norma oficial.

Dessa forma, trago o conceito de memória a partir da análise do historiador e doutor em Sociologia Sérgio Souza (2011, p. 8), sendo ela o “conjunto de signos e símbolos compartilhados pelos grupos sociais, referências criadas ao longo do tempo e estabelecidas em determinados espaços, sendo estes últimos concebidos tanto em suas dimensões físicas quanto simbólicas [...]”. Suas dimensões físicas se materializam no espaço e nele (re)produzem esses signos e símbolos, pois

[...] É sobre o espaço, sobre o nosso espaço aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual [nem] sempre temos acesso, e que em todo caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças (Halbwachs, 1990, p. 143).

A memória é dispositivo capaz de captar a (re)construção de trajetórias, ao que me interessa a de quem foi invisibilizado pela história oficial, onde assume-se então uma dupla postura: a “da resistência às tentativas dos grupos hegemônicos de destruição do outro e uma possibilidade de afirmação identitária dos ‘de baixo’” (Bosi, 1994, p. 452).

Do feito que a historiografia oficial reproduz a história dos “vencedores”, cujo reconhecimento se dá também nos monumentos da cidade, de “referência única ao que se ensina nas escolas, se mostra aos turistas, se celebra nos feriados nacionais” (Paoli, 1992, p. 1-2). O silenciamento e apagamento de outras narrativas reforça essa história que é reproduzida enquanto outras presenças, quando aparecem, são medidas e julgadas (Paoli, 1992, p. 1-2).

Trago então a história por trás da Travessa de São Pedro, localizada no bairro de Santo Antônio, que é popularmente conhecida como Beco do Veado Branco (Figura 3), ou apenas Beco do Veado. O nome do local veio da peça metálica branca de um veado instalada no cruzamento do beco com a Rua Direita, onde neste trecho existe um comércio de amoladores de tesouras e alicates de unhas.

**Figura 3** - Peça metálica que nomeia o Beco do Veado Branco no Recife. Fonte: (Esq.) Travessa de São Pedro / Beco do Veado Branco (1940)<sup>[1]</sup>. (Dir.) Fonte: Autoral (2022)  
 Legenda: Imagem à esquerda - detalhe da peça metálica no formato de um veado na década de 1940; Imagem à direita - mesma peça metálica em 2022.



<sup>[1]</sup>Travessa de São Pedro / Beco do Veado Branco (1940). Recife: Villa Digital Fundaj, 1940. Fotografia. Disponível em: <https://www.facebook.com/recantigo/photos/travessa-de-são-pedro-beco-do-veado-brancobenicio-dias-villa-digital-fundaj1940m/2153058814834657/>. Acesso em: 25 maio 2022.

O documentário *Guia Prático, Histórico e Sentimental da cidade do Recife* (2008), livre adaptação do livro homônimo de Gilberto Freyre, mostra uma visão afetiva do Recife por seus moradores e entre as histórias contadas o Beco do Veado aparece. Citam um antigo morador do local, o costureiro Amaro e na recordação da infância do entrevistado disse que “hoje ele é homossexual mas na época era viado” (Guia Prático, 2008, 23min 18s). Inserido no imaginário popular, existe no senso comum a adoção de um tom jocoso ao relacionar a figura do animal<sup>10</sup> com a homossexualidade. Ainda que haja a associação em tom pejorativo, o nome oficial do beco é preterido ao nome popular e a peça metálica com o veado pintado de branco representa um ponto de referência no cotidiano do centro da cidade, demonstrando como marcas (quase) imperceptíveis na paisagem têm força para identificar um lugar.

Os outros espaços públicos traçados na cartografia, as pontes, ruas, becos, avenidas, praças, entre outros, contradizem o que o historiador francês Pierre Nora intitulou de “lugares de memória” (Souza, 2011, p. 6). Por esse termo, o autor traz que tais lugares foram “erigidos para concentrar o discurso hegemônico de forma absoluta, abolindo as diferenças e sem a necessidade de estabelecer referências na realidade [...]” (Souza, 2011, p. 6). Esses lugares

[...] são eles mesmos seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro. Não que não tenham conteúdo, presença física ou histórica; ao contrário. O que os faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história. Templum: recorte no indeterminado do profano - espaço ou tempo, espaço e tempo - de um círculo no interior do qual tudo simboliza, tudo significa. Neste sentido, o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações (Nora, 1993, p. 27).

O trabalho com as literaturas de Carella (2011) e Silva (2021) suscitam uma “possibilidade de reconstrução dos canais de expressão da memória das populações, contribuindo para superar a violência das ações dos grupos hegemônicos” (Souza, 2011, p. 5) e a absolutez dos lugares de memória normativos. Apresentam-se nas narrativas dissidentes da cartografia outras histórias da cidade do Recife, experiências antes (e para alguns até hoje) consideradas proibidas e/ou vergonhosas, mantidas sob a égide da moralidade.

Entre as histórias narradas nas literaturas, surgem a minha experiência e memória pessoal, uma auto-narrativa que sincroniza com as literaturas e nelas encontram-se interseções cujas proximidades e

<sup>10</sup>Entre as possíveis origens dessa associação, a doutora em linguística Stela Danna aponta as palavras “desviado” (de uma normalidade) e “transviado”, usadas no período da ditadura militar (Testoni, 2019, online). Ela complementa que a referência ao filme *Bambi*, de 1942, também pode estar nesse imaginário por “além de ter características ainda vistas como sinais de fragilidade e muitas vezes associadas ao feminino, os veados, durante o período de reprodução e sem poderem contar com uma fêmea, acabam depositando o esperma em outros veados” (Testoni, 2019, online).

distanciamentos no espaço-tempo criam em mim novos sentidos e significados. Aposto então na existência dessas memórias coletivas que, mesmo heterogêneas, conectam-se a referências do grupo social LGBTQIA+ na cidade do Recife, ainda que destituídas de registro com a história dominante.

Ao estarmos imersos na sociedade, Bosi (1994) indica que a memória do indivíduo estaria amarrada a memória do grupo. E sendo a memória uma construção social, distinguir a memória do indivíduo do coletivo ao qual pertence - através do que a doutora em linguística Jane Guimarães Silva (2010, p. 616) aponta como “imbricamento de vozes sociais” - é a difícil tarefa do narrador de “gerenciar as múltiplas vozes que intermediam o escrever sobre si” (Teixeira, 2013, p. 2).

Assumo esse papel de narrador, ciente que a memória dos corpos dissidentes é um fator importante para formação de espaços mais inclusivos, ao passo que os espaços eles atraem/repelem, abrigam/refugiam e (des)estimulam a (con)vivência. (Não só) Em Recife, a “sexualidade dissidente produz significados, interpelações, memórias e territórios físicos e subjetivos” (Teixeira, 2013, p. 3).

### **(Ar)recife<sup>11</sup> de desejos**

Na busca por definições que estabelecesse a visão pretendida para a monografia, a que mais se assimilou foi a trazida pela psicanalista Suely Rolnik e o filósofo francês Félix Guattari, no livro *Micropolítica: cartografias do desejo* (1996). A autora e o autor denominaram desejo como “[...] todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outras percepções de mundo, outros sistemas de valores” (Rolnik; Guattari, 1996, p. 215-216).

O desejo vai além do considerado “[...] secreto ou vergonhoso como toda a psicologia e moral dominantes pretendem” (Rolnik; Guattari, 1996, p. 215). Ambos tecem críticas aos modos pragmáticos de análise do desejo, que o identificam como “algo da ordem do instinto animal, ou de uma pulsão funcionando segundo modos semióticos totalmente heterogêneos em relação aos de uma prática social” (Rolnik; Guattari, 1996, p. 216). Consideram ainda que “o desejo é sempre o modo de produção de algo, o desejo é sempre o modo de construção de algo” (Rolnik; Guattari, 1996, p. 216) e por isso não deve ser posto em quadros reguladores.

Apesar disso, não deixemos de considerar também, na psicologia e psicanálise, que o desejo pode ser também a libido, a excitação, a vontade; sem ,todavia deixar, de observar que

<sup>11</sup>O nome da cidade provém de “arrecife”, grande barreira rochosa de arenito que se estende por sua costa (Cavalcanti, 2013, p. 10).

a questão consiste em saber se não há uma outra maneira de ver e praticar as coisas, se não há meios de fabricar outras realidades, outros referenciais, que não tenham essa posição castradora em relação ao desejo, a qual lhe atribui toda uma aura de vergonha, toda essa espécie de clima de culpabilização que faz com o desejo só possa se insinuar, se infiltrar secretamente, sempre vívido na clandestinidade, na impotência e na repressão (Rolnik; Guattari, 1996, p. 216).

É no convívio no espaço urbano que nossos entendimentos sobre sexualidades são desenvolvidos e desempenhados, pelo menos é esse o entendimento do arquiteto e urbanista Marcelo Teixeira (2013) ao qual compartilho da mesma afirmação. Recife, assim como outras cidades, é palco onde os preconceitos são praticados e/ou enfrentados, onde os desejos são permitidos, configurados ou reprimidos e onde as sexualidades são policiadas, expostas, comercializadas e manipuladas (Teixeira, 2013, p. 30).

Consideramos assim, que a sexualidade pode ser uma “formação espacial”, visto que os “corpos são sexualizados à medida que se estendem no espaço” (Ahmed, 2006, p. 99, tradução minha). Os guetos<sup>12</sup> LGBTQIA+ do Recife são frutos das “memórias construídas espacialmente pela experiência das próprias cismas em relação ao espaço heterossexualizado circundante” (Teixeira, 2013, p. 3).

A guetificação dos espaços ocupados por pessoas LGBTQIA+ também se encontra dentro do “confronto entre a cidade noturna e a diurna, indicando que a geografia moral teria temporalidades específicas dotadas de significados distintos” (Teixeira, 2013, p. 39). Enquanto a noite oferece os “espaços escuros dos meretrícios e da imoralidade [...] o dia os espaços salutaros e moralizadores da família e do trabalho” (Teixeira, 2013, p. 39). Essa dualidade também aparece no livro-diário *Orgia* (2011) de Carella, “onde aqueles que têm certa perícia em prostibular vão à zona do porto, no Recife ‘Antigo’, onde abundam as rameiras quando a noite avança” (Carella, 2011, p. 101).

Tal trecho confirma a visão do próprio autor com relação à dicotomia entre as áreas da cidade do Recife e seus usos, que reproduzem e deixam rastros de desejos nos territórios, ao relatar em seu diário

QUINTA-FEIRA – King-Kong me leva ao porto [bairro do Recife “Antigo”], onde a vida tem uma intensidade sombria, muito mais variada do que a do centro. Na realidade, poderia dizer-se que a cidade está dividida em duas partes: a hetero [sic] e a homossexual, o porto [Recife “Antigo”] e o centro [bairros de São José e Santo Antônio]. Mos-

<sup>12</sup> “[...] o gueto revela-se como um dispositivo sócio-organizador composto de quatro elementos (estigma, limite, confinamento espacial e encapsulamento institucional) que emprega o espaço para reconciliar seus dois propósitos contraditórios: exploração econômica e ostracismo social” (Wacquant, 2004, p. 155).

<sup>13</sup>“Entendidos”, “bibas”, “bichas”, “invertidos”, “efeminados”, “maricas” e “bofes” = Termos êmicos que se referem à homossexualidade, sendo que “entendido” se aproxima mais da ideia de gay “masculino”, viril e “bem-resolvido”, enquanto os termos “efeminados/afeminados”, “biba”, “marica” e “bicha” enfatizam a efeminação e são mais pejorativos. Curiosamente, este último, junto com “viado”, se mantém-se no léxico das ruas, enquanto o termo “entendido” e “invertido” é cada vez mais raro de ser ouvido. 155).

<sup>14</sup>Existe uma linha tênue na definição do que é possível ser revelado, tendo em vista que muitas das relações e demonstrações de afeto e desejo entre corpos dissidentes recaem sobre o anonimato e assim o devem permanecer. Paradoxalmente, a visibilidade do anonimato das relações homoafetivas também deixa suas marcas na cidade do Recife.

os locais mais afamados onde se dança e joga. Também há um bairro de efeminados<sup>13</sup>, perto da ponte giratória, como em Paris. Ele nunca esteve em Paris, mas conhece os costumes sexuais de todo mundo (Carella, 2011, p. 115).

A fronteira das sexualidades e privacidade são então tensionadas nesse recorte dia x noite, público x privado, onde, à (meia) luz dos espaços públicos “há um falso entendimento de que a sexualidade diz respeito ao privado, este que naturaliza os gêneros e as sexualidades consideradas normais: na arquitetura, na publicidade, no planejamento de uma cidade, nos códigos de acesso aos lugares” (Almeida, 2019, p. 69). Fica aqui “um parênteses”, que apesar deste trabalho se ater às relações da tríade no espaço público, não há a intenção de extinguir o espaço privado deste processo, mas sim dar maior enfoque às dinâmicas em locais públicos ou de acesso público.

Dessa maneira, é comum que os espaços aos quais esse trabalho se debruça sejam lidos como “espaços invisíveis, efêmeros e não documentados<sup>14</sup>” (Teixeira, 2013, p. 49), mesmo que estejam inseridos no cotidiano da sociedade. A invisibilidade se dá por meios subjetivos de leitura de espaço entre quem encontra-se fora da norma, enquanto a efemeridade de, por exemplo, encontros casuais e espontâneos, havendo um local com “disponibilidade de corpos, anonimato, impessoalidade, permeabilidade (fácil acesso e fuga), escuridão” (Teixeira, 2013, p. 48).

Em Três Rapazes e um Quarto (2021) o escritor pernambucano Biu da Silva, assim como Túlio Carella, explorou as territorialidades onde a homoafetividade era desejada e “permitida” no Recife. A consolidação de alguns locais como polos/nichos ou guetos LGBTQIA+ partiram desses usos de outrora que marcaram bairros, praças, avenidas, ruas e becos. É o caso da área compreendida pelos empreendimentos noturnos Meu Kaso Bar (MKB), Nosso Jeito Bar e Confraria dos Ursos, retratados por Silva (2021), no bairro da Boa Vista. A vida noturna ela se desprendia dos estabelecimentos e também impregnava seus entornos, criando uma vida e outras formas de nomenclaturas dos espaços a partir de quem o frequenta, como relata Silva (2021)

Enquanto esperávamos, eu observava o vai-vém intenso em frente à boate [MKB] repleta de barracas de lanches e bebidas espalhadas em torno da pracinha próxima à entrada da casa noturna, na confluência da rua do Riachuelo com a rua Corredor do Bispo, agora chamada pela comunidade gay de “Corredor da Bicha”. A denominação surgiu pela quantidade de rapazes alegres em circulação por ela, vindos da avenida Conde da Boa Vista tanto para ir ao

MKB, quanto ao Nosso Jeito Bar, à Confraria dos Ursos, à Sauna 111 ou ao Cine Boa Vista, um cinema de pegação (Silva, 2021, p. 14).

<sup>15</sup>Prática de procura por parceiros sexuais, em geral, anônimos e rápidos, em espaços públicos e/ou de acesso público como praças, parques, becos, portos e banheiros.

Na cartografia é possível observar nos locais citados pelos interlocutores, a comum prática de “pegação”<sup>15</sup>, ao qual quem passa despercebido não nota os sinais e signos distintos que são característicos de seus praticantes. Desta forma, inventam-se outros meios de circular nos espaços públicos, inscrevendo na cidade todas as significações e signos possíveis (Paoli, 1992, p. 2).

No caso do bairro da Boa Vista, que concentra nos dias atuais a maioria dos empreendimentos (noturnos) voltados ao público LGBTQIA+, houve interseções entre os lugares que aparecem no meu itinerário e no de Diógenes, personagem principal de Três Rapazes e um Quarto (2021); o shopping Boa Vista é um deles. Apelidado de shopping “Boa Bicha”, pela adesão do público LGBTQIA+ ao uso não só das lojas e praça de alimentação, mas também dos banheiros para a prática conhecida como “banheirão”<sup>16</sup>.

<sup>16</sup>Prática de masturbação ou sexo entre homens em banheiros públicos, como os de parques, praças, estações de metrô, rodoviárias, shoppings etc.

O bar Deserto, frequentado por Lúcio Ginarte, é outro espaço muito mencionado na obra de Carella devido ao uso do mictório como “[...] uma espécie de quarto de encontros” (Carella, 2011, p. 185). Ao passo que é considerado um espaço reservado para as necessidades fisiológicas apenas, os banheiros masculinos também são caracterizados por o que pode ser considerado uma arquitetura falocêntrica, visto que o pênis é ostentado no mictório, publicamente.

Por conta disso, até hoje o banheirão é uma prática comum, não exclusiva nem década de 1960 e nem apenas do bar Deserto. Silva (2021) também relata a prática em outros locais como a Sede dos Correios do Recife, os banheiros do Mercado de São José, os das proximidades do Pátio de São Pedro e de shoppings como sendo parte dessa “peregrinação erótica” (Silva, 2021, p. 146) pelo Recife.

Já nos encontros nas ruas, becos e vielas, outra prática era (comumente) enunciada por Carella, a franela, que “[...] são as carícias e os jogos amorosos cuja única finalidade é excitar-se, sem passar ao ato sexual” (Carella, 2011, p. 83). O argentino via que tal prática era “dificilmente considerada aqui como um ato ofensivo, ao contrário, agradece-se o desejo alheio, mesmo que sem intenção de satisfazê-lo: é uma espécie de homenagem, que recebem agradecidos” (Carella, 2011, p. 230-231).

As memórias, corpos, desejos, atos e práticas aqui mencionados ainda assim não traduzem a totalidade de experiências dissidentes na cidade. Os percursos que envolvem os interlocutores demonstram que

“aqui [no Recife] se encontra sem véus o rosto gracioso e, ao mesmo tempo, austero do desejo, do cego instinto sexual; tudo é força erótica, contato corporal, Vênus deitada, Urano nas esquinas” (Carella, 2011, p. 89). A transição temporal entre eles pouco mudou os ares de desejo da capital pernambucana, ao passo que a realidade do Recife, e de tantas outras cidades, é a de “[...] desejo que não pode concretizar-se entre quatro paredes, mas num lugar escuro, num portal afastado, nem sempre cômodo nem solitário” (Carella, 2011, p. 230).

Tanto Tulio Carella (2011) como Biu da Silva (2021) utilizam da escrita para traçar suas próprias cartografias dissidentes. O tom confessional de Carella inspirou Silva a também seguir por esse caminho, em outra época, mas perpassando ainda pelos mesmos desejos. Dessa relação podemos inferir que é “[...] com o hábito de escrever os espaços que entenderemos tais escritores como cartógrafos de seus tempos” (Amorim; Oliveira, 2017, p. 1433).

Nessa construção dos nós não cartografados no mapa urbano oficial da cidade do Recife, a cartografia dos desejos homoafetivos surge como um meio de representação, destacando a transitoriedade e os movimentos desviados na cidade. Produzindo assim “fissuras que acabariam por moldar mapas subversivos para os corpos dissidentes, imersos em uma cartografia inserida e invisível para a cidade normativa” (Chauncey, 1994, p. 23 apud Teixeira, 2013, p. 52, tradução do autor).

## CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Entre as muitas atribuições na construção do TFG - e consequentemente neste artigo - assumi também a de cartógrafo para “dar língua para afetos que pedem passagem” (Rolnik, 2011, p. 23). Foram nas narrativas urbanas dissidentes atravessadas pelas minhas vivências e mergulhado na intensidade do meu tempo que pude conceber uma composição de cartografia possível.

Não existindo cartografia sem território (Rolnik, 2011, p. 46), o que busquei é a produção das a(fe)tivações no território recifense, em sua escala material, semiótica e social (Rolnik, 2011, p. 46). Neste caso, “[...] a cartografia, diferentemente do mapa, é a inteligibilidade da paisagem em seus acidentes, suas mutações: ela acompanha os movimentos invisíveis e imprevisíveis da terra — aqui, movimentos do desejo —, que vão transfigurando, imperceptivelmente, a paisagem vigente (Rolnik, 2011, p. 62)”.

Temos na cartografia um dispositivo possível de aproximação de nossas cidades, de reconhecimento das nossas próprias complexidades refletidas nos lugares onde habitamos e transitamos. Por isso, a con-

dução deste tema em direção aos aportes da cartografia, foi também atravessado pelas memórias, corpos, desejos e sexualidades na ocupação dos espaços públicos ao longo do tempo estabelecido.

A cartografia demonstrou que os corpos dissidentes “constroem espaços reinventados para se expressarem em meio aos espaços demarcados sob os signos de exclusividade de uso pelos grupos hegemônicos” (Souza, 2011, p. 10). Mais de 50 anos separam os caminhos percorridos por Carella, Silva e os meus, mas Recife continua o mesmo; transborda-se desejos pelas margens do rio Capibaribe e nos becos estreitos da Boa Vista e centro da cidade. “Nos botecos, nas calçadas apinhadas de camelôs, nos parques, no cais [...] e nos banheiros públicos, sempre havia maricas e bofes sedentos por uma cópula rápida. Mudaram os personagens, mas o fregue era o de sempre” (Silva, 2021, 149).

O processo de construção da cartografia foi fundamental para explicitar as histórias que são narradas pelos interlocutores e que - particularmente - me atravessam. Isso tudo voltado à noção de território e pertencimento, que são muito caras à comunidade LGBTQIA+. Ao que antes era relegada à marginalidade, torna-se possível, nas histórias homoafetivas que foram reveladas, demonstrar como as dissidências podem compor outras perspectivas de futuro rumo a cidades mais justas (no dissenso).

Além disso, valorização da memória LGBTQIA+ na cidade do Recife passa diretamente pelo reconhecimento de uma vida urbana que não seja só a marcada pelas violências e sim pelos desejos, onde gênero, raça, sexo e corpo são “[...] importantes dispositivos de análise urbana e social, pois inserem marcadores de diferenças, ou seja, expõe que esses sujeitos experimentam o espaço de modos diferentes” (Pagnan, 2020, p. 221-222).

Aos espaços aqui tratados foram atribuídos alguns significados pelos corpos dissidentes no contexto da produção de fronteiras, aproximações e sentimentos de pertencimento relacionados a esses lugares. Paola Jacques já apontava que “são as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são [as] experiências do espaço pelos habitantes [...] que reinventam esses espaços no seu cotidiano” (Jacques, 2008, *online*). Isso para mim é mais valioso do que dar conta de todos os possíveis itinerários desejantes da cidade.

Enxergo ,ainda, que as tensões provocadas pelo meu trabalho contribuem para a crítica aos entendimentos hegemônicos sobre o espaço urbano. Algo que fica como uma *fissura* são as distintas formas de se observar as dinâmicas da cidade e que como isso influencia na

historicidade que é contada e vivenciada no cotidiano por corpos dissidentes. Por fim, ratifico que os conjuntos de lugares aqui retratados não correspondem à totalidade dos espaços de desejo e sociabilidades LGBTQIA+ na cidade, ficando ainda em aberto um amplo campo de investigação, debates e contribuições que possa ser feita de forma mais aberta e coletiva.

## REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **Queer Phenomenology**: orientations, objects, others. Durham: Duke University Press, 2006. 235 p. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/3700260/8d7de8>. Acesso em: 05 jul. 2022.

ALMEIDA, Vinicius Santos. **Proposta de cartografia queer a partir do mapeamento da violência aos corpos dissidentes das normas sexuais e de gênero em São Paulo**. 2020. 273 p. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04032020-154531/pt-br.php#:~:text=Proposta%20de%20cartografia%20queer%20a,violência%20aos%20corpos%20dissidentes...&text=Propomos%20aqui%20um%20olhar%20a,na%20heterossexualidade%20e%20na%20cisgeneridade>. Acesso em: 5 abr. 2022.

AMORIM, Rafael; OLIVEIRA, Dinah de. A escrita afetiva como método de cartografia do território urbano, *In*: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26º, 2017, Campinas. **Anais do 26º Encontro da Anpap**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p. 1431-1447. Disponível em: [http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/PA/26encontro\\_\\_\\_\\_AMORIM\\_Rafael\\_\\_OLIVEIRA\\_Dinah\\_de.pdf](http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/PA/26encontro____AMORIM_Rafael__OLIVEIRA_Dinah_de.pdf). Acesso em: 4 maio 2022.

BARROS, Sandra Augusta Leão. A escala bairro e o conceito de lugar urbano: o caso de apipucos e poço da panela no recife. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Fauusp**, [s.l.], n. 15, p. 56, 1 jun. 2004. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v0i15p56-74>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43372/46994>. Acesso em: 05 jul. 2022.

ABENETTI, Fernando José. **A Bicha Louca está Fervendo**: uma reflexão sobre a emergência da teoria queer no brasil (1980 - 2013). 2013. 175 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/37164101/A\\_Bicha\\_Louca\\_está\\_Fervendo\\_uma\\_reflexão\\_sobre\\_a\\_emergência\\_da\\_Teoria\\_Queer\\_no\\_Brasil\\_1980\\_2013\\_](https://www.academia.edu/37164101/A_Bicha_Louca_está_Fervendo_uma_reflexão_sobre_a_emergência_da_Teoria_Queer_no_Brasil_1980_2013_). Acesso em: 05 jul. 2022.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 13 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 246 p. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/16813102/5ece6c>. Acesso em: 04 maio 2022.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 172 p. Disponível em: <https://bit.ly/3lB7FVM>. Acesso em: 23 maio 2022.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. New York and London: Routledge, 1990. Edição Brasileira: Problemas de Gênero. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2017/08/butler-problemas-do-gecc82nero.pdf>. Acesso em: 8 jul 2022.

CACCIARI, Massimo. **A cidade**. São Paulo: Editora GG, 2010. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3882931/mod\\_resource/content/1/CACCIARI%2C%20M.%20A%20Cidade.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3882931/mod_resource/content/1/CACCIARI%2C%20M.%20A%20Cidade.pdf). Acesso em: 8 jul. 2022.

CARELLA, Tulio. **Orgia**: Os Diários de Tulio Carella, Recife, 1960. Trad. Hermilo Borba Filho. Introdução e notas: Alvaro Machado. São Paulo: Opera Prima, 2011.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. **O Recife e seus bairros**. 6. ed. Camaragibe: CCS Gráfica e Editora, 2013. 400 p.

CORTÉS, José Miguel G. **Políticas do espaço**: arquitetura, gênero e controle social. 10. ed. São Paulo: Senac, 2008. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/5v81ns0>. Acesso em: 05 maio 2022.

FONSECA, C. F. da; BRITTO, P. D. Políticas de subjetivação e cartografias: liminaridades entre o real e o hiper real na cidade contemporânea. **VIRUS**, São Carlos, n. 8, dezembro 2012. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus08/?sec=4&item=5&lang=pt>. Acesso em: 21 Jul. 2022.

GUIA Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife. Direção de Leo Falcão. Roteiro: Leo Falcão; Fernando Weller. Recife: Ruptura Cinematográfica e Caradecão Filmes, 2008. (70 min.), son., color. Disponível em: <http://cinematecapernambucana.com.br/filme/?id=3306>. Acesso em: 4 maio 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990. 189 p. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod\\_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf). Acesso em: 05 jul. 2022.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. **Arquitextos**, São Paulo, ano 08, n. 093.07, 2008, ISSN: 1809-6298. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 03 jul. 2022.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, [s.l.], v. 22, n. 3, p. 935-952, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2014000300013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqz-b/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jul. 2022.

NAME, Leo; CARRILLO, Oswaldo Francisco Freitez. Cartografias alternativas decoloniais: Gênero, sexualidades e espaços em uma universidade em área transfronteiriça. **Arquitextos**, São Paulo, ano 20, ed. 230.02, 2019, ISSN: 1809-6298. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.230/7478>. Acesso em: 6 abr. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, jul. 1993. ISSN 2176-2767. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 04 maio 2022.

PAGNAN, Redson. Cartografias dissídenes: corpo, sexo, gênero e discurso como dispositivos de mapeamentos de resistências e categorias de análise sociais urbanas. **Diálogos Pertinentes**, [s.l.], v. 16, n. 2, p. 214-230, 30 dez. 2020. Cruzeiro do Sul Educacional. <http://dx.doi.org/10.26843/dp.v16i2.3652>. Disponível em: <https://publicacoes.uni-fran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/3652>. Acesso em: 27 out. 2021.

PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. *In*: O DIREITO à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992, p. 25-28. Disponível em: <http://gpaf.info/dtd/ArqPerm/MCPaoli.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2022.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**: A prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Perseu Abramo, 1987. 81 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/3516?show=full>. Acesso em: 05 maio 2022.

RISLER, Julia; ARES, Pablo. **Manual de mapeo colectivo**: recursos cartográficos críticos para procesos territoriales de creación colaborativa. Buenos Aires: Tinta Limón, 2013. 84 p. Disponível em: [https://geoactivismo.org/wp-content/uploads/2015/11/Manual\\_de\\_mapeo\\_2013.pdf](https://geoactivismo.org/wp-content/uploads/2015/11/Manual_de_mapeo_2013.pdf). Acesso em: 8 jul. 2022.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2011. 247 p. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/5637881/d59da8>. Acesso em: 1 dez. 2021.

ROLNIK, Suely. GUATTARI, Félix. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 324 p. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/18260525/29df4f>. Acesso em: 1 dez. 2021.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade. **Perspectiva**, [S.L.], v. 28, n. 2, p. 601-624, 14 jul. 2010. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795x.2010v-28n2p601>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pers>

pectiva/article/view/2175-795X.2010v28n2p601/18450. Acesso em: 04 maio 2022.

SOUZA, Sérgio Luiz de. Outras memórias, outras histórias: da invisibilidade social à multiplicidade do vivido. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVI., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: [s. n.], 2011. p. 1-12. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300874730\\_ARQUIVO\\_TEXTOANPUH2011-OUTRASHISTORIASOUTRASMEMORIAS.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300874730_ARQUIVO_TEXTOANPUH2011-OUTRASHISTORIASOUTRASMEMORIAS.pdf). Acesso em: 12 abr. 2022.

TAVARES, R. B., BONADIO, M. G. Ao encontro do corpo: teorias da performatividade para um debate diferencial sobre espaço urbano. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**. v. 23, E202115, 2021. DOI 10.22296/2317-1529.rbeur.202115. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeur/a/RWGWbyGyBVCdNs4pXh7YYVw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jul. 2022.

TEIXEIRA, Marcelo A. de A. **Presença Incômoda**: corpos dissidentes na cidade modernista. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/14372>. Acesso em: 1 dez. 2021.

TESTONI, Marcelo. **Sapatão, bicha, viado**: possíveis motivos para chamarem LGBTs assim. 2019. Colaboração para Universa Uol. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/24/sapatao-bicha-viado-os-motivos-possiveis-para-chamarem-lgbts-assisim.htm>. Acesso em: 04 maio 2022.

VAN SWAAIJ, Louise; KLARE, Jean. **Atlas da Experiência Humana**. São Paulo: Publifolha, 2004. 96 p.

WACQUANT, Loïc. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista de Sociologia e Política**, [S.L.], n. 23, p. 155-164, nov. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-44782004000200014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rso-cp/a/RLVYZrzFXcfYpvmGn8r76zK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 maio 2022.

# ESPAÇO VIRTUAL DA FEIRA LIVRE: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS PARA ERRÂNCIAS AUDIOVISUAIS

## STREET MARKETS' VIRTUAL SPACE: METHODOLOGICAL PERSPECTIVES FOR AUDIOVISUAL WANDERINGS

BARBOSA, NATHALIA<sup>1</sup>; SANTOS, WILLYAM<sup>2</sup>; RIBEIRO, ANA LUÍSA<sup>3</sup>; SANTOS, LAÍS<sup>4</sup>; DIAS, JULIANA<sup>5</sup>.

<sup>1</sup>Mestranda em Design, Universidade de Brasília; barbosa.nathalia@aluno.unb.br;

<sup>2</sup>Graduando em Design, Universidade Federal de Alagoas; willyam.santos@fau.ufal.br;

<sup>3</sup>Graduanda em Design, Universidade Federal de Alagoas; ana.ribeiro@fau.ufal.br;

<sup>4</sup>Graduanda em Design, Universidade Federal de Alagoas; laís.santos@fau.ufal.br;

<sup>5</sup>Doutora em Planejamento Urbano e Regional, Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas; juliana.dias@fau.ufal.br.

### RESUMO

Parte de uma pesquisa desenvolvida a quatro anos pelo Grupo de Pesquisa Nordesteanças, na qual as errâncias nos espaços de feira e os depoimentos de feirantes se colocaram como principais ferramentas metodológicas, a discussão apresentada neste artigo surge das adaptações provocadas pela pandemia e suas restrições, principalmente as dificuldades de aproximação imediata com os territórios de feira. O artigo analisa uma seleção de registros realizados por mídias pequenas ou independentes em feiras livres no estado de Alagoas durante o período da pandemia do Covid-19. Um dos intuitos principais foi o de pensar as camadas desses registros que possibilitam vivenciar os espaços de maneira virtual. Tendo como base o registro audiovisual disposto principalmente através de plataformas online, experimentamos aproximações com tais produções enquanto ferramentas metodológicas para vislumbrar os territórios e seus fazedores. Assim, a partir de uma aproximação netnográfica e posteriormente uma imersão analítico-interpretativa no conjunto de vídeos amadores, foi possível analisar alguns dos impactos da pandemia no espaço da feira e em seus atores sociais, fregueses e feirantes, entendendo novos modos de existir da feira e de suas corpografias. Além disso, foi possível identificar a importância dessa ocupação virtual, realizada pelos próprios feirantes e frequentadores, como uma forma de resistência dos mesmos. Com o material coletado, o grupo desenvolveu o site O Permeio para reunir e apresentar as questões descobertas, repercutindo dentro do grupo a necessidade de discutir questões pertinentes à utilização das novas tecnologias como aporte para uma ampliação da visibilidade da cultura popular.

**Palavras-chave:** feira livre; netnografia, design, cultura.

### ABSTRACT

*Part of a research that has been carried out for four years by the Research Group Nordesteanças, in which the wanderings in the street markets and the testimonials of stallholders were the main methodological tools, the discussion presented in this article arises from the adaptations caused by the pandemic and its restrictions, mainly the difficulties of immediate approximation with the studied territories. The article analyzes a selection of records made by small or independent media at street markets in the state of Alagoas during the period of the Covid-19 pandemic. One of the main purposes was to think about the layers of these records that make it possible to experience the spaces in a virtual way. Based on the audiovisual record available mainly through online platforms, we experimented with such productions as methodological tools to glimpse the territories and their creators. Thus, from a netnographic approach and later an analytical-interpretative immersion of a set of amateur videos, it was possible to analyze some of the impacts of the pandemic on the fair space and on its social actors, customers and merchants, understanding new ways of existing at the fair and their corpographies. In addition, it was possible to identify the importance of this virtual occupation, carried out by the stallholders and regulars themselves. With the material collected, the group developed the website O Permeio to gather and present the issues discovered, reflecting within the group the need to discuss issues pertaining to the use of new technologies as a contribution to expanding the visibility of popular culture.*

**Key-words:** street market, netnography, design, culture.

## INTRODUÇÃO

Tão presente no cotidiano das cidades brasileiras, a feira popular chega ao país no final do século XVII através do processo colonial português. Inicialmente baseada no latifúndio e no escravismo, a feira passou por inúmeras transformações, ao passo que recebia e criava outros agentes sociais. Ao transpassar o fluxo acelerado da cidade contemporânea, a feira resiste como ocupação popular, dinâmica e viva frente à constante negação da rua como lugar da permanência, da pluralidade, do encontro e da diversidade urbana.

No entanto, a atividade e seus trabalhadores sobrevivem na contramão da falta de regulamentação do ofício, das tentativas de desmonte e da ideia de rua enquanto lugar de passagem – da não-permanência. Dessa forma, podemos compreender como o ofício do feirante ajuda a caracterizar a constituição da sociedade brasileira dentro do ambiente urbano, uma vez que era a partir dele que uma parcela grande e importante da nossa sociedade alcançava um *status* mínimo social e econômico: o brasileiro médio – nem escravizado, nem aristocrata – vivendo das oportunidades. Então, como pensar essas oportunidades quando seu principal meio possibilitador é afetado? Tendo que enfrentar, por muitas vezes, acusações de ser antiquada frente à modernização do varejo alimentar e de atrapalhar o fluxo urbano, as territorialidades das feiras livres também sofreram de modo muito potente os estigmas trazidos pela pandemia da Covid-19.

Nesse sentido, a pandemia, por um conjunto de fatores, resultou, à nossa sociedade, uma instabilidade social e econômica significativa. Isso fez com que toda a população fosse obrigada a pensar em novas formas de viver, entendendo o cenário que estava se formando e como as ações iriam ocorrer, especialmente, em relação aos feirantes e fregueses da feira livre, uma vez que, a partir dos impactos da doença, aglomerações, multidões e toques não eram mais bem-vindos. A partir disso, no processo de compreensão de como seus universos seriam afetados diante desse novo cenário, urge a necessidade de pensar uma nova forma de acessar a feira<sup>1</sup>.

Dessa maneira, é no cotidiano que se verificam as interações que existem entre os campos materiais e imateriais da cidade e, nesse caso, da feira. Por isso, é exatamente na observação da experiência do comum, do ordinário, do casual que é possível observar a feira livre. Esta pode ser um meio de sustento, uma memória, um espaço para encontrar amigos, independente do motivo, segue sendo representativa da cultura popular, permeada de histórias, tradições familiares e identificações. Ali, as relações de trabalho se misturam às relações familiares, de amizade e de vizinhança (SATO, 2007). É a necessidade que faz seus praticantes reinterpretar as atribuições e ocupações na

<sup>1</sup>Para um aprofundamento analítico de alguns aspectos que impactaram as feiras livres alagoanas durante o período da pandemia ver DIAS *et al* (2021).

cidade e propor usos não previstos para a dinâmica do espaço urbano, reinventando continuamente a existência para, assim, se adaptar e se manter apesar dos mecanismos de opressão.

Portanto, entendemos que é somente nas diferentes ocupações e vivências da espacialidade da feira, que encontramos os tais gestos de resistência.

Mesmo antes da situação de crise mundial que norteia as reflexões que abordaremos aqui, já era notável as habilidades daqueles que fazem a feira para se reinventar, como tática de resistência, refletindo o tempo todo nas ações tomadas, principalmente por esses que fazem parte da dinâmica da feira e estão construindo e reconstruindo o espaço e os modos de apropriação todos os dias, na vivência cotidiana.

Essas “táticas de resistência”, termo utilizado por Certeau (2014), estabelecem apropriações e usos do espaço, supondo o conceito estabelecido de tática, em que não se faz tentativas de enfrentar o dominante de frente, mas de preencher suas necessidades em forma ágil e esperta para a sobrevivência. Nesse sentido, tendo o espaço habitual, de certa forma, comprometido pela pandemia – o espaço vivo, a rua, o palpável – foi preciso se utilizar dessas táticas e se apropriar de outros espaços, dentro dos obstáculos mandatórios, desse novo contexto. Partimos aqui da compreensão de que esse deslocamento, da esfera da feira para novos espaços, pode ser pensado como oportunidade para manter suas dinâmicas vivas, apesar das adversidades.

Para Habermas (2014), o espaço público refere-se à geografia da esfera pública, isto é, ao lugar em que as pessoas se reúnem para dar voz e discutir assuntos de interesse público. Com o advento da internet e a evolução das tecnologias, o conceito de espaço referente à esfera pública acabou por se modificar e expandir-se aos espaços virtuais, assim configurando-se também como um espaço público. Isso porque, com esses espaços, viabilizou-se diferentes possibilidades de diálogos e registros, e não apenas de uma maneira passiva, já que esse espaço, ao menos teoricamente, possibilita que esses atores sociais estejam ativamente contando suas próprias histórias.

Dessa forma, então, se, por um lado, essas novas práticas expandem as possibilidades de ocupar o espaço público pelos praticantes das feiras, por outro lado, se tornam novos conteúdos para pesquisadores que se debruçam sobre os espaços de uso popular nas cidades. Assim, quando o trabalho de campo, *in locus*, se tornou impossibilitado em razão, tanto das situações de segurança quanto de saúde pública, coube a nós, enquanto pesquisadores, nos adaptar às condições impostas e procurar novas abordagens. No caso do Nordeste, para dar continuidade às pesquisas sobre as feiras livres, a netnografia e a

análise dos conteúdos produzidos pelos feirantes, através da antropologia visual, se mostraram caminhos bastante férteis.

### **EXPERIMENTANDO A FEIRA LIVRE A PARTIR DO ESPAÇO VIRTUAL**

A netnografia é uma abordagem cultural para pesquisas online sob os pressupostos da etnografia. Kozinets (2014) afirma que a netnografia “utiliza comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica”, o que permite, por exemplo, a continuidade da observação virtual dos comportamentos e rituais da formação diária do espaço da feira e suas construções

intercambiáveis entre corpo e espaço. Isso pode se dar a partir de objetos de análise, como os documentários produzidos sobre as feiras alagoanas, os vídeos produzidos e disponibilizados pelo grupo de pesquisa Nordestanças e os vídeos disponibilizados por feirantes e consumidores na plataforma Youtube.

Nesse contexto, a antropologia visual é um dos ramos da antropologia cultural, focada no estudo e produção de imagens, que permite ao pesquisador fazer uma observação do real pela imagem, visando retratar comportamentos, atitudes e estilos de vida do universo visual e material das pessoas (BITTENCOURT, 1994). Nela, a etnografia é um método utilizado na exploração, coleta e análise dados, sendo um registro descritivo da cultura material de um povo, possuindo como base, principalmente, o trabalho de campo. O registro etnográfico através das imagens também é fonte para a preservação dos fatos ocorridos na história, especialmente sobre a memória cultural de um povo (BURKE, 2017), assim como constata Bittencourt (1994), revelando que as imagens capturam a essência do tempo, ao enquadrar um fato específico ocorrido em determinado momento, e traz de volta a imagem de faces, lugares, coisas, memórias, fatos históricos e sociais.

Em relação ao acesso tecnológico nos dias atuais e sua contribuição para as buscas de materiais, é interessante observar o que Ribeiro (2012) trata sobre as tecnologias digitais e os computadores diante das novas perspectivas de investigação, pois ao navegar na internet, é possível nos depararmos com registros realizados por diversas pessoas e de várias localidades do estado, do país ou do mundo. O material online coletado pode se tornar parte das pesquisas, gerando produtos culturais e científicos para grandes públicos, sem necessariamente ter essa intencionalidade como objetivo final, quando seus participantes os divulgam em sites e plataformas que, agora, podem estar ao alcance de milhares de usuários.

A exemplo disso, durante a execução de pesquisa exploratória en-

quanto metodologia, foi possível encontrar materiais relevantes sobre as feiras livres no estado de Alagoas. Desde produções mais elaboradas, como os documentários encontrados no site Alagoar em sua publicação “A Janela do Audiovisual Alagoano” (2021), vide tabela 1, a produções de vídeos amadores sobre as feiras alagoanas no Youtube. A relevância do material recolhido no site, para a pesquisa, se dá na dinamicidade dos temas tratados e no seu enfoque nas relações entre transeuntes e espaços, pensando em feiras que hoje não existem mais, visto que são espaços em constante metamorfose. Desse modo, todos os materiais encontrados são extremamente importantes na contribuição de algumas reflexões e análises do espaço da feira, agindo, portanto, de forma complementar e enriquecedora ao conhecimento prévio da feira pré-pandemia. Assim, como resultado tomamos conhecimento de pontos de vistas de terceiros sobre feiras que já vínhamos pesquisando.

**Tabela 1** - Filmes encontrados no site Alagoar.

Fonte: Autoral (2022)

Documentários disponíveis		
Nome/Ano/Duração	Diretora/Diretor	Descrição
<b>A feira do Passarinho</b> (1975) - 18min5s	Celso Brandão	Mostra a região do Mercado Público de Maceió, com foco na feira de comercialização de aves
<b>A feira de São Miguel dos Campos</b> (1976) - 14min	Celso Brandão	Mostra uma feira realizada embaixo da ponte do rio São Miguel realizada às vésperas da Semana Santa
<b>A Última Feira</b> (2005) - 21min	Hermano Figueiredo	Registra literalmente o último dia de feira no centro de Arapiraca
<b>Fim da Linha</b> (2013) - 11min	Charles Northrup	Conta a história dos últimos momentos da Feira do Passarinho
<b>Segunda Feira</b> (2016) - 12min22s	Olga Francino, Iasmyn Sales, João Marcos Alves, Camila Alves e Leandro Alaves	Relata a mudança nas dinâmicas das segundas-feiras na Feira de Arapiraca
<b>Feirinha</b> (2019) - 13min13s	Maysa Reis	Retrata principalmente a presença de mulheres na feirinha do bairro Jacintinho, em Maceió

<sup>2</sup>Vídeo disponível em: <https://alagoar.com.br/a-ultima-feira/>

Como a frase de abertura do filme A Última Feira<sup>2</sup>, de Hermano Figueiredo, diz que a feira de Arapiraca “não se trata de uma feira que se estabeleceu numa cidade, mas de uma cidade que se formou em torno de uma feira”, colocando a centralidade simbólica do espaço da cidade na construção histórica da feira livre. O filme permanece com uma visão geral da feira e só depois introduz algumas personagens, como Zé da Sinuca –destacando a importância do uso dos apelidos nesse espaço que, não surge unicamente da intimidade e, por vezes, a dispensa. Os apelidos são marcadores de uma personalidade costurada no trabalho, são facilitadores de comunicação entre as relações feirante-feirante e feirante-freguês: “Se falar Zé da Sinuca, todo mundo aqui conhece” ele diz e, logo em seguida, sinaliza que há muito tempo os comerciantes vêm sofrendo com os constantes deslocamentos, e que há dificuldade tanto de feirantes quanto de fregueses de se adaptarem às diversas mudanças impostas pela prefeitura.

**Figura 1** - Still de vídeo do filme A Última Feira  
**Fonte:** Alagoar (2021)



A Última Feira se empenha em relatar o fim daquela feira, pois haverá outra realocação, deixando instalado um sentimento de saudade do local e dos feirantes das barracas vizinhas, que podem vir a se separar com a mudança espacial. Sendo assim, o filme é feliz em relatar as impressões de quem vivencia esse espaço, como um comerciante que não se identificou, mas que mostrava o processo de empacotamento das coisas para a mudança ao local da nova feira, enquanto contava que, provavelmente, haveria desemprego, uma vez que nem todo mundo conseguiria acompanhar todas as mudanças, que estavam saindo praticamente contra suas vontades. É interessante observar, em sua fala, uma certa descrença e indignação ao narrar o questionamento que o prefeito fez a feirantes que trabalham há mais de 30 anos: “você sabe o que é uma feira?”. O homem olha para o entrevistador e devolve com outro pensamento: “Se alguém que há tanto tempo trabalha na feira não sabe o que é uma feira, não há quem saiba. Nós (feirantes) é que estamos no dia a dia trabalhando, nós que sabemos quais melhorias precisam ser feitas”. Uma outra comerciante adverte que, após a feira acabar, haverá uma sensação de vazio naquela parte da cidade, uma vez que o espaço é bastante movimentado, principalmente pela feira.

No processo de imersão nos documentários e nos vídeos cotidianos disponíveis no Youtube, foi perceptível grandes diferenças nos dois tipos de produção, não apenas no formato, uma vez que os documentários, apesar de fazerem uso de um tipo específico de linguagem audiovisual, utilizam do cotidiano para propor pensamentos sobre uma determinada temática. É justamente na liberdade do registro dos vídeos, aqui chamados “amadores” ou “registros diários”, – em que todas as coisas podem significar alguma ou nenhuma coisa, onde tudo é registrável e independente ao tema – que se encontra o exercício não espetacular do cotidiano, como teorizado no conceito de “errâncias

urbanas” endidas a partir dos registros.

<sup>3</sup>Vídeo disponível em:  
[https://www.youtube.com/  
watch?v=KyTpU6sfuMc](https://www.youtube.com/watch?v=KyTpU6sfuMc)

No vídeo “Feira de Delmiro Gouveia Alagoas”<sup>3</sup>, publicado pelo canal Davi Barbosa Santos, em 12 de dezembro de 2020, uma criança mostra sua família indo visitar a feira homônima. Ao chegar no local, com muitos cocos no chão, a criança sugere tomar água de coco e a família se empolga. No momento que adentram na feira, a família passa a utilizar máscaras, em decorrência das restrições sanitárias do momento. Alguns feirantes comentam ao fundo a impossibilidade de tossir/esperrar no local pelo medo que pode gerar nas pessoas de contrair o vírus. O pai da criança mostra frutas, comentando o tamanho da feira, cumprimentando outros transeuntes que passam e, por vezes, se trombam durante o caminhar. Mostra, ainda, que algumas barracas passaram a vender máscaras. A família encontra e aponta pessoas conhecidas e familiares, e as cumprimentam, mostrando que a feira, além de tudo, é um lugar de socialização, onde é possível não só conhecer pessoas novas, mas, também, reencontrar amigos antigos. No fundo há pessoas conversando, músicas tocando, feirantes anunciando seus produtos, dentre outros eventos.

A partir da continuidade do vídeo, podemos perceber que a feira é uma mistura é uma mistura sobreposta de sons, que os ajudam, inclusive, a se localizar no espaço. A família segue para o açougue, passa pelos cereais, carnes e chegam na parte dos peixes, denunciada pelo cheiro forte. A criança toca num dos peixes, a vendedora sugere uma receita e o menino sente cheiro de ovo vindo do camarão. Logo depois, eles encontram uma loja de variedades e há muito toque quando vão observar os produtos, para avaliar peso, textura, material. Na loja seguinte, encontram a nostalgia das bolas de gude, dos peões e o pai questiona se os filhos se lembram ou conhecem aqueles objetos. Sem necessariamente responder a um roteiro prévio, o caminhar pela feira que se percebe no vídeo, nos chama atenção para diversas camadas da experiência de praticar esse ambiente.

Logo de início, a relação entre o consumo dos produtos e sua disponibilidade imediata é uma das características fundamentais do modo de comércio feirante. Em muitos casos é justamente o fato de o produto estar ao alcance das mãos (mas, também, de narizes, ouvidos e, muitas vezes, da boca), que amplia a venda - sendo o cheiro do tempero, a cor da verdura ou o gosto da fruta, sua própria vitrine e propaganda. Por outro lado, a maneira quase imediata como os produtos aparecem no espaço - tais quais as máscaras durante a pandemia - revelam a dinamicidade e vinculação das feiras com as dinâmicas sociais.

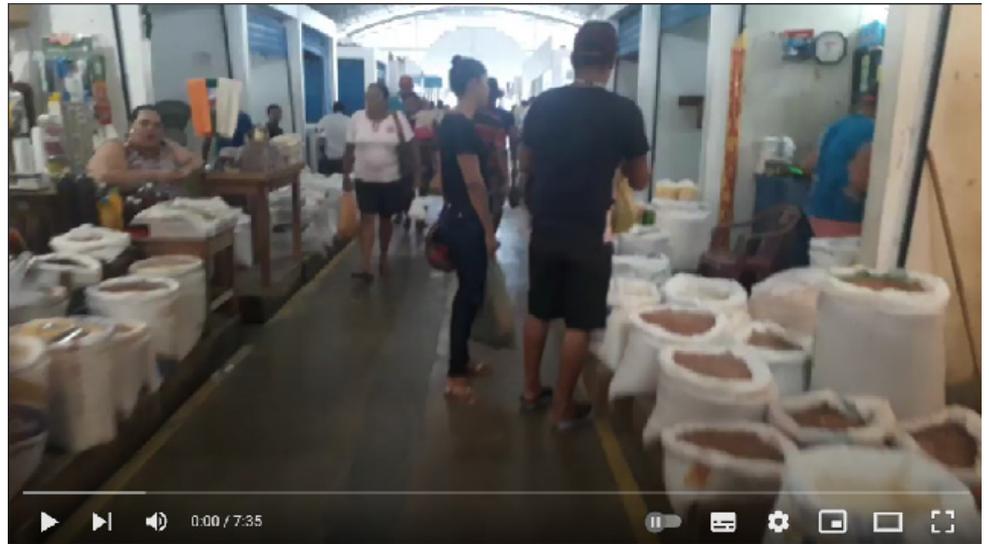
**Figura 2** - Frame do vídeo Feira de Delmiro Gouveia Alagoas  
**Fonte:** Autoral (2023)



<sup>4</sup>Vídeo disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=pVCSGX5KU4g>

Em “Mercado público e Feira livre de Delmiro Gouveia’Al”<sup>4</sup>, publicado pelo canal Adriano Bahia, em 27 de abril de 2019, é interessante observar que em alguns momentos as pessoas que estão passando pelas barracas olham com desconfiança para o homem que filma, como a presença de um objeto que capta e eterniza momentos pode ser incômoda ou simplesmente surpresa para algumas pessoas, fazendo do homem-câmera, um corpo-estranho. No entanto, o homem segue a filmagem e registra os momentos em que encontra conhecidos, conversa com feirantes e pede para mandar abraço para seus familiares pela câmera. No minuto 7’11” do vídeo, há uma fala do homem-câmera que diz “no sul do país as pessoas têm tudo, inclusive a solidão por saberem que não estão no seu Nordeste (...) a falta de oportunidade faz com que as pessoas vão embora. Quem queria estar longe daqui? Ninguém queria não”, e o faz se referindo aos conhecidos que deixaram suas cidades natal para morar em outros lugares. O estranhamento quanto à filmagem é aqui um dos pontos importantes que rebatem em questionamentos sobre nossas metodologias de pesquisa. Ainda que tratemos com cuidado as experiências de aproximação com os espaços, é quase natural, para pesquisadores, o ato de fotografar e filmar enquanto desenvolvem suas pesquisas. Interpelar e questionar esse ato, muitas vezes, abre novas maneiras de pensar o campo presencial e a implicação dos nossos corpos-pesquisadores em nossas práticas.

**Figura 3** - Frame do vídeo Feira de Delmiro Gouveia Alagoas  
**Fonte:** Autoral (2023)



<sup>5</sup>Vídeo disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=k6WGphCcXn8>

Publicado em 12 de agosto de 2021, “Feira de Maragogi-AL”<sup>5</sup> traz Adriana Costa mostrando a feira para uma espectadora de seu canal que, segundo ela, pediu para que filmasse para “matar a saudade”. Sendo assim, ela começa mostrando o início da feira, cumprimentando as pessoas e desviando de outras. Diz que houve uma mudança na conformação espacial da feira, onde, na rua à sua direita, antes era um “braço” da feira, apenas com roupas e calçados, agora essas barracas foram realocadas para dentro da feira, ficando no início dela, do lado de uma lotérica (sendo assim, há a casa lotérica como ponto de referência para o local onde a feira começa). No caminhar, as pessoas a observam carregar a câmera/celular, estranhando o movimento, a invasão de suas privacidades e o uso de suas imagens materiais. Nesse mesmo momento, há dois homens de máscaras usando camisas azuis que carregam o título “fiscal da feira”, os quais também observam o fato de estarem sendo observados e fiscalizados por uma câmera. O corredor começa a se estreitar e mais barracas vão surgindo e, com o Sol, muitas pessoas se aninham embaixo das barracas em busca da sombra projetada pelos toldos que as cobrem, quase como um segundo céu. No fim da feira das roupas, a câmera vira à direita e relata que, a partir dali, fica definido o espaço para os lanches da feira, sinaliza que está indo para a feira da banana, como a espectadora sugeriu que ela fosse, mas no caminho encontra seu cunhado Mané e sua cunhada Zefinha, que vende lanches no local. A feira da banana é marcada com toldos amarelos e azuis, as bananas ficam no chão e nas barracas. Observa-se, na fala, os nomes dados às seções da feira, quase como se houvesse diversas feiras dentro de uma feira principal. Ao final ela diz que vai fazer a volta por uma outra rua, voltando para o corredor onde começou a filmar e finaliza dizendo que fica feliz com as mudanças, pois tudo ficou mais organizado.

**Figura 4** - Frame do vídeo  
 Feira de Maragogi - AL  
 Fonte: Autoral (2023)



O conjunto aqui apresentado, como um recorte dentro do acervo de vídeos que acessamos ao longo da pesquisa, nos permite inferir a potencialidade de analisar essas imagens “autoproduzidas” como meio de elencar dinâmicas da territorialidade das feiras livres. Realizados de modo espontâneo e com motivações diversas, os vídeos têm por característica percorrer o espaço, interagir com ele e com as pessoas que o fazem. Em certa medida, esses são também os modos de acesso que preconizamos em nossas metodologias acadêmicas, marcadas por errâncias, entrevistas e registros. Se por um lado, ao assistirmos aos vídeos, o nosso corpo não percorre diretamente os espaços e nem é ele que escolhe os percursos, por outro, ao nos determos um pouco mais nesses registros, que permitem ver, rever, aplicar zoom, recortar e pausar, há outras possibilidades analíticas abertas. Além disso, é certo que as imagens, sons e movimentos emulam em nosso corpo as experiências vivenciadas fisicamente, além de se fazerem pontes de acesso a memórias corporificadas em outras etapas de pesquisa.

**PERMEIO: CORPOS, CIDADE E VIRTUALIDADE**

Através das análises dos vídeos levantados, buscou-se descrever as impressões, sempre tentando identificar a interação e o vínculo social entre os sujeitos ali dispostos, como a troca ali ocorrida, entre quem está comunicando e selecionando, as imagens, as falas e sensações que são possíveis de verificar através da troca de valores e bens simbólicos e a transformação dos elementos envolvidos no processo, ainda que as impressões obtidas sejam através das impressões dos sujeitos que a produziram em primeira instância, o processo desenvolvido neste estudo trata-se quase de uma análise de uma corpografia digital guiada pelas percepções encontradas no outro. Levando ao entendimento do corpo como elemento focal para a constituição desses registros, observando que os corpos atuam diretamente no processo

de significação e constituição de identidades sociais individuais e coletivas.

Sendo, então, a corpografia uma das maneiras principais que permitem meios para que as feiras persistam, de quais táticas se utilizam e de que maneira assumem um corpo - que ao passo que tem uma particularidade de conformação e expressão espacial, um corpo disforme e conforme, que só pode existir em si e a partir de si - deixa suas marcas corpografadas<sup>6</sup> nas cidades e em quem as vivencia. A partir da imagem corporificada, da corpografia urbana e da persistência urbana, foi possível traçar caminhos que conversassem com a representação real do imaginário das feiras populares alagoanas, guiando os principais debates acerca do tema. Assim, deixa claro que as representações do imaginário da feira passam por diversos lugares, fazendo parte da identidade dos lugares e dos sujeitos que o atravessam.

Segundo as autoras Britto e Jacques (2008), o estudo dos padrões corporais leva à leitura do espaço que esse corpo habita. Desse modo, compreendemos que as ações articuladas no ambiente da feira evidenciam a relação entre corpo e cidade, assim, o entendimento do corpo como elemento comunicacional nos vídeos analisados nos ajudam a compreender e documentar as feiras e a memória inscrita no que nela se atravessa cotidianamente. Essa análise, ainda que digital, possibilita a observação de micropolíticas, uma resistência dos atores desse espaço que insistem e persistem para não desaparecer.

O material gerado através da nossa pesquisa e suas respectivas análises foi disponibilizado no site, "O permeio"<sup>7</sup>, projeto-produto, que surge das aproximações entre as temáticas corpográficas e imagéticas, uma travessia [áudio]visual sobre olhares e narrativas das feiras alagoanas. Tudo isso tem como aspiração a democratização das informações sobre as feiras, bem como estimular um maior conhecimento sobre elas, através dos materiais autorais de todo o Grupo de Pesquisareunido durante os anos de existência, como uma busca pela documentação das experimentações acerca da (re)construção das feiras alagoanas transpostas em um formato digital, que objetiva uma imersão em memórias, narrativas, territórios insurgentes, que sobrevivem, que se deformam e se remontam.

"O Permeio" foi uma iniciativa dos bolsistas, graduandos do curso de Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). As fotografias, vídeos e áudios compartilhados no site pertencem, em sua maioria, ao acervo do Grupo de Pesquisa, sendo referenciados se adquiridas por outra fonte além desta.

O site tem como intuito estimular um maior conhecimento sobre as

<sup>6</sup>Neologismo advindo do termo "Corpografia" cunhado por Jacques (2008)

<sup>7</sup>Site disponível através do link: <https://opermeio.blogspot.com>

feiras através dos materiais autorais de todo o Grupo reunido durante seus anos de existência, sendo um experimento inicial para os novos rumos que o projeto das feiras terá futuramente. Ademais, enquanto pesquisadores e designers inseridos na temática aqui discutida, destaca-se a contribuição do design à questão e sua habilidade de organizar informações de diferentes instâncias com o intuito de visibilizar questões locais. Visando a importância da divulgação dos resultados obtidos na pesquisa através de uma plataforma, para reunir e facilitar o acesso a um acervo digital das feiras alagoanas que, apesar de todos os entraves, persistem.

Buscando entender o espaço proporcionado pela internet como um complemento ao espaço físico, o site surgiu como um pontapé inicial de uma primeira iniciativa tomada, ainda que como uma experimentação, advinda de um trabalho de pesquisa e iniciação científica. Porém, a partir dele, já foi possível levantar questionamentos a respeito do desempenho, ou até mesmo do êxito, do percurso e alcance das informações que são dispostas na internet, nos levando a indagações sobre as fissuras encontradas no percurso da ocupação desse espaço público virtual, principalmente no que se refere aos obstáculos visados para se conseguir atingir os usuários da rede.

Ocupar o espaço público digital torna-se necessário também para retomar a visibilidade para assuntos de interesses da comunidade e evitar que caiam no esquecimento, além de tentar impedir que esses espaços beneficiem apenas os interesses privados. O acesso à informação, na nossa sociedade globalizada, tem se tornado, a cada dia, um passo essencial para a ampliação dos espaços de participação ativa da sociedade, traçando uma linha de discussão pela ideia de visibilizar os assuntos relacionados à cultura marginalizada, para que possam desenvolver discussões e debates aprofundados sobre as reais questões que a permeiam. É válido destacar, ainda, que, juntamente a esses pontos positivos citados, no que convém o uso do digital como ampliação da capacidade de produzir, reproduzir e compartilhar, como trata-se de um espaço cuja estrutura e performance se modificam com a mesma velocidade em que surgem, tornando sua compreensão total complexa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que o advento das novas tecnologias digitais empreendeu grandes transformações na forma como se processam as relações espaços-temporais. Se antes era necessário que o corpo gastasse uma quantidade de tempo para se deslocar de um ponto a outro, hoje ele desafia as leis da física e consegue se fazer presente, de forma remota, em duas ou mais localidades simultaneamente através das telas do computador. Mas ao mesmo tempo que essas novas

virtuais possibilitam que o corpo se expanda para lugares nunca imaginados, elas também limitam a experiência corporal das cidades por não possibilitar o contato físico com o conjunto de processos interativos que atravessam a vida cotidiana.

Refletindo sobre essas contradições, propomos, com este trabalho, que caberia em trabalhos futuros problematizar os tensionamentos estabelecidos entre corpo, ciberespaço e cidade, tendo como mote o olhar estrangeiro da feira, abordando as implicações entre os meios digitais sobre as novas fronteiras postas à experimentação da cidade. Buscamos avaliar as potencialidades e/ou fragilidades que as ferramentas digitais oferecem às formas de pesquisa que envolvem a corporalidade, utilizando as práticas de deriva virtual, buscando perceber de que maneira a feira que se desconhece se mescla a que se conhece, percebendo, nesse processo, como dispositivos de poder, como o Google Street View, influenciam nessa percepção, acentuando e/ou esmaecendo micropolíticas do corpo-espaço na feira.

A partir dessa experiência virtual, a pesquisa se justifica através das possibilidades de desenvolver outros olhares. Um olhar mais distante, limitado pelos sentidos da visão e imaginação, mas atento aos detalhes, formas e gambiarras. Um olhar que observa a paisagem de fora, não vê rostos ou sente cheiros, mas é direcionado pelos elementos que se destacam ao percorrer o espaço. O que se perde e o que se ganha na prática de errância virtual? Que outras perspectivas de apreensão das escalas, da imagem estática e do não-movimento da feira surgem a partir dessa imersão? Estas reflexões, oriundas das adaptações empreendidas a partir das novas metodologias incorporadas à pesquisa, estão sendo atualmente submetidas a debates no Grupo de Pesquisa, para o desenvolvimento de plataformas de compartilhamento reflexivo dos resultados do projeto, na plataforma em desenvolvimento intitulada “Xepa Interativa”.

Por fim, ao mesmo tempo que esses avanços tecnológicos facilitam a visibilidade de assuntos postos à margem, a complexidade do processo torna necessário a existência de mediações que articulem a inclusão da coletividade nesses espaços. Estamos diante de novos meios sociais que ainda necessitam de maiores estudos em relação aos seus impactos sociais, bem como sobre a sua utilização para uma horizontalidade participativa dos cidadãos. De todo modo, as novas tecnologias não devem ser descartadas, é preciso que a feira seja vista, seja lembrada e seja discutida, para que a população tenha um real entendimento das questões cotidianas: as tensões vividas, as belezas do local e das atividades da feira. Assim, portanto, a pesquisa corrobora para a importância do protagonismo dos feirantes e suas narrativas sobre a feira para construir e registrar a história oral e compreender suas dinâmicas sociais.

## REFERÊNCIAS

ALAGOAR: A Janela do Audiovisual alagoano, 2021. Disponível em: <https://alagoar.com.br>. Acesso em: 7 jul. 2023.

BITTENCOURT, Luciana. A fotografia como instrumento etnográfico. **Anuário antropológico**, v. 17, n. 1, p. 225-241, 1994.

BRITTO, Fabiana; JACQUES, Paola. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. **Cadernos PPG-AU/UFBA**, [S. l.], v. 7, n. 2, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/2648>. Acesso em: 7 jul. 2023.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: UNESP, 2017.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

DIAS, J. M. M.; RIBEIRO, A. L. C.; OLIVEIRA, C. G.; SANTOS, L. C.; OLIVEIRA, M. M.; BARBOSA, N. F.; SANTOS, W. V. . Desaglomerar as feiras?. In: DIAS, Juliana Michaello Macêdo; OLIVEIRA, Roseline Santos. (Org.). **Corpos, casas, cidades e tempos de pandemia**. Maceió: Edufal, 2021, v. 1, p. 108-119.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. São Paulo: Unesp, 2014.

JACQUES, Paola. Elogio aos errantes. Breve histórico das errâncias urbanas. **Arquitextos**, São Paulo, ano 05, n. 053.04, out. 2004. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/536>. Acesso em: 7 jul. 2023.

JACQUES, Paola. Corpografias urbanas. **Arquitextos**, São Paulo, ano 08, n. 093.07, fev. 2008. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 7 jul. 2023.

KOZINETS, Robert. **Netnografia**: Realizando Pesquisa Etnográfica Online. Porto Alegre: Penso, 2014.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Novas tecnologias para ler e escrever**: algumas ideias sobre ambientes e ferramentas digitais na sala de aula. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia & sociedade**, v. 19, n. SPE, p. 95-102, 2007.

# ROMPENDO O CÉU ONÍRICO DE SUELY: A PAISAGEM IGUATUENSE APÓS 15 ANOS DO FILME

## *BREAKING SUELY'S ONIRIC SKY: THE IGUATU LANDSCAPE 15 YEARS AFTER THE MOVIE*

LOPES, JOSÉ RUDÁ RODRIGUES<sup>1</sup>.

<sup>1</sup>Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas; rodriguesruda@gmail.com.

### RESUMO

Este artigo acadêmico aborda as transformações na paisagem urbana da cidade de Iguatu, no Ceará, ao longo de 15 anos, utilizando o filme *O Céu de Suely*<sup>1</sup> (2006) como ponto de partida para a análise. O cinema tem sido uma ferramenta poderosa para representar e capturar as mudanças na paisagem urbana ao longo do tempo. A pesquisa adotou uma abordagem metodológica que combinou a análise cinematográfica com a fotografia comparativa. O estudo envolveu a produção de fotografias atuais da cidade (2021) na mesma posição em que aparecem nas cenas do filme, a fim de examinar as mudanças no espaço físico e o contínuo processo de (re/des)construção da cidade. Os resultados revelaram transformações significativas na paisagem urbana de Iguatu, elementos antigos e históricos coexistem com novas construções e alterações urbanísticas. Espaços anteriormente vibrantes estão agora abandonados, refletindo as mudanças nas dinâmicas sociais e urbanas ao longo do tempo. A análise também destacou a importância da preservação do patrimônio histórico e cultural, bem como a necessidade de adaptar a cidade às demandas contemporâneas. O cinema desempenha um papel relevante na compreensão e representação dessas mudanças, permitindo uma visão abrangente do desenvolvimento urbano. Enfatiza-se a importância de compreender as transformações na paisagem urbana como reflexo do desenvolvimento da cidade e das dinâmicas.

<sup>1</sup> Brasil, 2006. Direção: Karim Aïnouz. Elenco: Hermila Guedes, Maria Menezes, Georgina Castro, Zezita Matos, João Miguel, Mateus Alves.

**Palavras-chave:** Paisagem urbana, *O Céu de Suely*, Cinema e cidade, Iguatu-CE, Fotografia comparativa.

### ABSTRACT

*This academic article discusses the transformations in the urban landscape of the city of Iguatu, in the state of Ceará, over a period of 15 years, using the movie *O Céu de Suely* (2006) as a starting point for the analysis. Cinema has been a powerful tool for representing and capturing changes in the urban landscape over time. The research adopted a methodological approach that combined movie analysis with comparative photography. The study involved taking current photographs of the city (2021) in the exact positions where they appear in the film's scenes, in order to examine the changes in the physical space and the ongoing processes of (re/de) construction of the city. The results revealed significant transformations in Iguatu's urban landscape, old and historical elements coexist with new constructions and urban modifications. Previously vibrant spaces are now abandoned, reflecting changes in social and urban dynamics over time. The analysis also highlighted the importance of preserving the historical and cultural heritage, as well as the need to adapt the city to contemporary demands. Cinema plays a relevant role in understanding and representing these changes, enabling a comprehensive view of urban development. It emphasizes the importance of understanding transformations in the urban landscape as a reflection of the city's development and dynamics.*

**Key-words:** Urban landscape, *Suely in the Sky*, Cinema and city, Iguatu - CE, Comparative photography.

Recebido em: 30/07/2023

Aceito em: 26/10/2023

## INTRODUÇÃO

O ano é 2006 e a população igatuense arde não só pelo sol escaldante do sertão cearense, mas também pelo fervor que os forasteiros equipados de ferramentas mirabolantes trazem para aquele povoado. É anunciado que a cidade será cenário e estampará as telas dos cinemas pelo mundo — a sua paisagem será immortalizada. Quase que em uma procissão cinematográfica, os habitantes fixam os olhos ávidos a cada tomada rodada e se questionam em que lugar da cidade será a próxima cena.

A paisagem urbana é um elemento fundamental na configuração e identidade de uma cidade. Ao longo do tempo, as transformações nessa paisagem refletem não apenas o progresso e desenvolvimento, mas também as marcas da história e das influências sociais, culturais e econômicas que moldam o espaço urbano. Compreender essas transformações é essencial para analisar o impacto na vida dos moradores e refletir sobre o futuro das cidades.

Nesse contexto, o cinema se mostra uma poderosa ferramenta para retratar e representar as paisagens urbanas. Os filmes têm o poder de immortalizar momentos e lugares, capturando a essência de uma época e registrando as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Um exemplo fascinante dessa relação entre cinema e paisagem urbana é o filme *O Céu de Suely*, dirigido por Karim Aïnouz.

*O Céu de Suely* conta a história de Hermila, uma jovem que retorna à sua cidade natal, Iguatu (Centro-sul Cearense), após uma experiência frustrante em São Paulo. O filme retrata a vida da protagonista e as transformações que ela e a cidade enfrentam e, a partir desse ponto de partida cinematográfico, surge a oportunidade de analisar as mudanças materializadas na paisagem urbana de Iguatu ao longo de 15 anos.

A relevância deste estudo reside na compreensão da paisagem urbana como um reflexo do desenvolvimento da cidade e da vida cotidiana de seus habitantes. Ao investigar as transformações ocorridas em Iguatu, é possível entender sobre os processos de (re/des)construção que moldam a sua atual paisagem urbana, além disso, a análise dessa paisagem proporciona uma compreensão mais profunda dos impactos sociais, culturais e econômicos dessas transformações na vida dos moradores.

Neste artigo, busca-se explorar as mudanças na paisagem urbana de Iguatu, Ceará, ao longo de 15 anos, a partir das alterações retratadas no filme. Para isso, realiza-se um trabalho fotográfico comparativo, capturando imagens atuais da cidade na mesma posição em que apa-

recem nas cenas do filme. Por meio dessa análise, pretende-se contribuir para a compreensão de algumas transformações na paisagem iguatuenense, proporcionando uma visão abrangente do contínuo processo da cidade.

## REVISÃO

A análise da paisagem urbana e sua evolução ao longo do tempo é um campo de estudo vasto e relevante para compreender as transformações urbanas e seus impactos. Diversos pesquisadores têm se dedicado a investigar esse tema, fornecendo contribuições significativas para o campo da geografia urbana e dos estudos do urbanismo.

Uma linha de pesquisa relevante para o presente estudo envolve a relação entre filmes e a representação da paisagem urbana. O cinema, como uma forma de expressão artística, tem o poder de retratar e imortalizar as cidades, capturando suas paisagens e atmosferas características. Ao analisar filmes que se passam em ambientes urbanos, é possível obter indícios sobre a representação e a interpretação da paisagem urbana.

Um estudo importante nesse campo é o trabalho de Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade* (1960), no qual o autor analisa como as pessoas percebem e constroem imagens mentais das cidades em que vivem. Lynch argumenta que a experiência urbana está intimamente ligada à percepção da paisagem e à identificação de pontos de referência. A identidade da cidade refere-se à percepção e ao caráter distintivo que os habitantes atribuem a um determinado ambiente urbano.

Outra pesquisa relevante é o estudo *Morte e Vida de Grandes Cidades* (1961), de Jane Jacobs, que explora uma visão revolucionária sobre o desenvolvimento urbano, com foco nas necessidades das pessoas que vivem nas cidades. Nele, Jacobs também destaca a importância de criar espaços urbanos flexíveis e responsivos, que possam se adaptar às imposições em evolução da comunidade.

Além disso, o trabalho de David Harvey, *A condição pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural* (1989) examina a fragmentação do espaço e do tempo na sociedade pós-moderna, bem como as novas formas de experiência e subjetividade que surgem nesse contexto. Harvey também discute no âmbito cultural, que as transformações na paisagem urbana podem gerar debates sobre a preservação do patrimônio histórico e cultural, assim como a criação de novos espaços de expressão artística e cultural.

Esses estudos e outros trabalhos relevantes proporcionam visões pertinentes para a compreensão da relação entre filmes e a represen-

tação da paisagem urbana. Ao considerar essas abordagens, o seguinte estudo se insere nesse contexto e busca analisar as transformações na paisagem urbana de Iguatu/CE, tendo como ponto de partida o cenário retratado no filme analisado.

## METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem metodológica que combina a análise cinematográfica e a fotografia comparativa para investigar as transformações na paisagem urbana de Iguatu, Ceará, ao longo de 15 anos, a partir das alterações retratadas no filme *O Céu de Suely*.

Inicialmente, realizou-se uma análise detalhada do filme, a fim de identificar as cenas que apresentam elementos da paisagem urbana de Iguatu. Foram selecionadas 6 cenas-chave que evidenciam características marcantes da cidade, como ruas, edifícios, praças e outros pontos de referência. Essa seleção considerou tanto a relevância estética das cenas, quanto sua capacidade de representar a paisagem urbana de forma significativa.

Para comparar as mudanças na paisagem urbana ao longo do tempo, foram produzidas fotografias atuais da cidade de Iguatu, com registros do ano de 2021, 15 anos após o lançamento do filme nos cinemas. O objetivo foi capturar imagens na mesma posição em que as cenas do filme foram filmadas, a fim de possibilitar uma comparação direta entre passado e presente.

O processo de produção das fotografias atuais envolveu as seguintes etapas: a) Identificação dos locais: com base nas cenas selecionadas do filme, identificaram-se os locais específicos em Iguatu onde essas cenas foram filmadas. Isso foi feito por meio de referências visuais e consulta ao Google Earth; b) Planejamento e preparação: uma vez identificados os locais, foi realizado um planejamento detalhado para garantir que as fotografias atuais fossem capturadas na mesma posição das cenas do filme. Isso envolveu a determinação do ângulo de visão e a distância da câmera para garantir a precisão na comparação. c) Registro fotográfico: com o planejamento concluído, foram realizadas as sessões de registro fotográfico. Utilizou-se câmera de celular para capturar imagens atuais dos locais selecionados, cuidando para posicionar a câmera na mesma posição em que a câmera de filmagem foi colocada durante as filmagens do filme. Embora haja diferenças entre os equipamentos de registro, as fotografias foram utilizadas para fins de comparação.

As fotografias atuais foram então comparadas, lado a lado, com as cenas correspondentes do filme. Essa análise comparativa permitiu observar as mudanças na paisagem urbana, identificando elementos

como edifícios demolidos, novas construções, alterações urbanísticas e outras transformações ocorridas ao longo dos 15 anos.

## RESULTADOS

As fotografias atuais, capturadas na mesma posição das cenas do filme, revelam significativas transformações na paisagem urbana de Iguatu ao longo dos últimos 15 anos. A comparação entre as imagens antigas do filme e as fotografias atuais permite uma visualização clara das mudanças ocorridas nos diferentes elementos da cidade, como edifícios, ruas, praças e outros pontos de referência.

Ao explorar a cidade de Iguatu, nota-se elementos que permanecem, evocando memórias e histórias que resistem ao passar dos anos. Entre essas permanências, destaca-se a imponente Caixa d'água da CIDAIO, que há décadas desempenha seu papel na paisagem local, um marco que serve de amparo “para a organização e estruturação do espaço, ajudando a tornar a paisagem urbana mais legível e compreensível para seus habitantes.” (Lynch, 1999). A CIDAIO<sup>2</sup> traz à lembrança dos moradores a indústria e o importante legado que deixou para a cidade, mantendo viva a memória de seu significativo impacto na economia local e na comunidade.

Outra marca notável parte do casario do seu entorno, incluindo a singela casa que no filme pertencia a família de Hermila, um verdadeiro testemunho arquitetônico do passado. No entanto, ao observar as transformações, não podemos ignorar as mudanças que moldam a cidade. Na Vila CIDAIO, importante cenário do filme, parte do casario, que antes seguia uma arquitetura similar ao restante, agora se apresenta com casas “descaracterizadas”, algumas até com dois pavimentos, que refletem novas necessidades e estilos de vida. Essa desconfiguração gradual da arquitetura antiga evidencia a dinâmica da cidade e sua adaptação às demandas contemporâneas (Figura 1).

Além disso, a pavimentação também sofreu uma significativa mudança. O que antes era uma via sem calçamento ou revestida com pedra tosca, agora dá lugar a um asfalto, o que reflete a busca por melhorias na infraestrutura urbana, com o objetivo de atender às necessidades da população e acompanhar o ritmo acelerado do desenvolvimento. A ausência do tradicional orelhão, um elemento que por muito tempo desempenhou um papel importante na comunicação e conectividade da cidade, como podemos notar no filme, ressalta as transformações tecnológicas e o avanço dos meios de comunicação móvel, mas também nos faz refletir sobre a perda de um símbolo cultural e histórico (Figura 2).

<sup>2</sup>Companhia Industrial de Algodão e Óleo (CIDAIO). A unidade da CIDAIO em Iguatu desempenhou um papel crucial no desenvolvimento econômico e social da região, proporcionando empregos e impulsionando a economia local.

**Figura 1** - Casario da Vila CIDAO. Na parte superior, imagem retirada do filme "O Céu de Suely" (2006), na parte inferior, o registro fotográfico realizado em 2021.

**Fonte:** O Céu de Suely (2006); Acervo pessoal (2021).



**Figura 2** - Perspectiva da Vila CIDA0 com destaque a Caixa d'água. Na parte superior, imagem retirada do filme "O Céu de Suely" (2006), na parte inferior, o registro fotográfico realizado em 2021.

**Fonte:** O Céu de Suely (2006); Acervo pessoal (2021).



Ao analisar a paisagem de Iguatu, é inevitável notar as transformações que ocorreram em relação aos espaços que antes eram vibrantes e utilizados, mas agora se encontram abandonados e pouco utilizados. Essas mudanças na ocupação e funcionalidade dos espaços refletem as dinâmicas urbanas e sociais que ocorreram ao longo do tempo.

No filme, entre as permanências notáveis, destacam-se o prédio histórico da Estação Ferroviária de Iguatu e o imóvel que abriga um ponto de mototaxistas conhecido como “Moto Taxi Caxias”. Esses espaços eram centros de atividades e testemunharam a movimentação diária, o fluxo de pessoas e a vitalidade do município em tempos passados.

No entanto, esses espaços agora enfrentam um cenário diferente. O imóvel que antes abrigava os mototaxistas, por exemplo, encontra-se subutilizado. Sua função social e sua contribuição para a dinâmica da cidade foram gradualmente reduzidas, resultando em um espaço que agora parece estar fora de sintonia com o ritmo e a vida urbana contemporânea. Da mesma forma, o prédio histórico da estação ferroviária, outrora um ponto de conexão vital para o transporte e o comércio, agora apresenta um aspecto desolado. Sua arquitetura imponente e rica em história contrasta com sua atual subutilização, revelando uma lacuna entre o passado glorioso e o presente desafiador.

Essas mudanças nos espaços utilizados, que antes eram fundamentais para a vivacidade do município, trazem à tona reflexões sobre a evolução das necessidades e das dinâmicas urbanas. Como afirmou Jane Jacobs, em seu livro *Morte e Vida de Grandes Cidades*, é essencial que os espaços urbanos sejam adaptáveis e capazes de responder às demandas em constante mudança da comunidade. A falta de utilização desses espaços pode refletir desafios econômicos, transformações no estilo de vida ou uma desconexão entre a função original e as necessidades atuais da população.

Diante dessas transformações, é importante refletir sobre a revitalização desses espaços abandonados. Projetos de reabilitação e requalificação podem trazer vida nova e restaurar a importância desses locais na paisagem urbana. Ao considerar formas de reutilização dos espaços abandonados, é possível reinserir esses elementos-chave na vida cotidiana da cidade, honrando seu valor histórico e adaptando-os às necessidades e aos desejos da comunidade contemporânea.

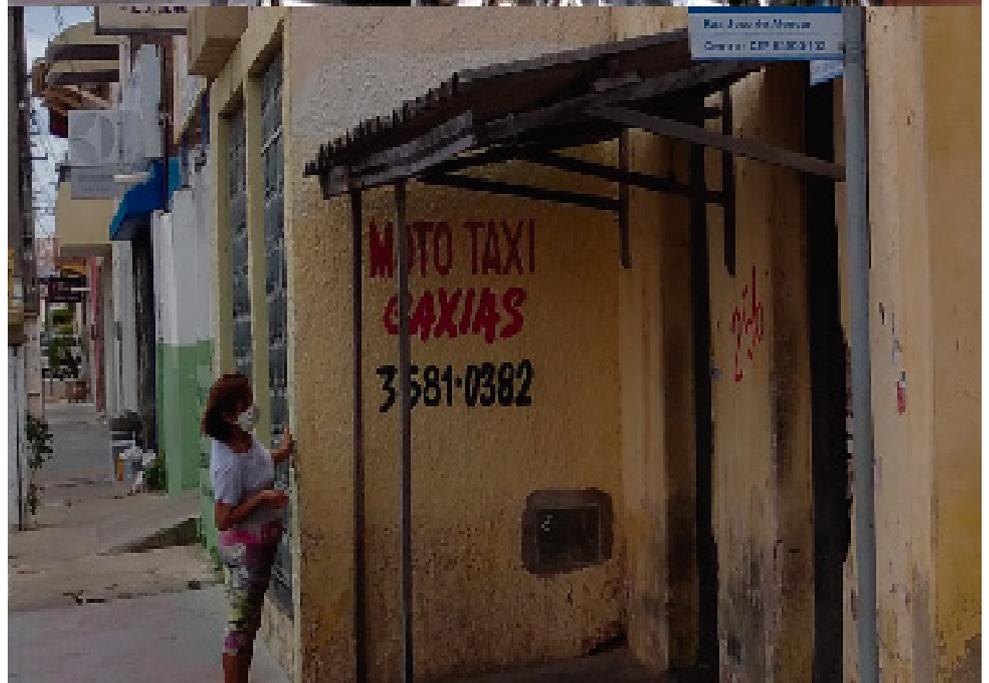
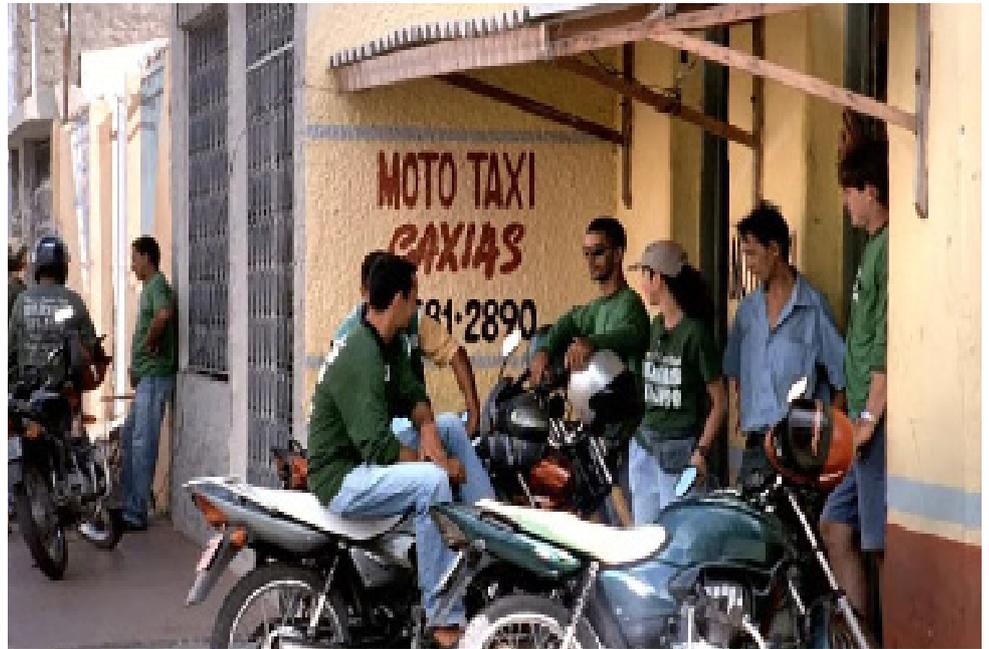
**Figura 3** - Estação Ferroviária de Iguatu. Na parte superior, imagem retirada do filme "O Céu de Suely" (2006), na parte inferior, o registro fotográfico realizado em 2021.

**Fonte:** O Céu de Suely (2006); Acervo pessoal (2021).



**Figura 4** - Ponto de Mototáxi. Na parte superior, imagem retirada do filme "O Céu de Suely" (2006), na parte inferior, o registro fotográfico realizado em 2021.

**Fonte:** O Céu de Suely (2006); Acervo pessoal (2021).



Também é notável a interação entre permanências e mudanças nas “saídas da cidade”, quando ocorrem alterações urbanísticas. Essas transformações refletem a expansão da cidade, enquanto certos elementos permanecem como espectadores de sua história e identidade.

Ao analisar uma das paisagens iniciais do filme, nas permanências destes lugares, destaca-se mais uma vez a vegetação, com ênfase no imponente Juazeiro<sup>3</sup> que ao longo dos anos, permaneceu firme, proporcionando sombra e beleza à paisagem. Além disso, o pórtico que abrigava a placa "AQUI COMEÇA IGUATU" ainda está presente, embora tenha sido substituído por placas indicativas de distâncias para outras cidades e pela sinalização da "Rota Turística Chapada do Araripe". Essa mudança na placa ressalta a importância do turismo na região e a busca por promover a cidade como um destino atraente. (Figura 5)

Outro elemento de permanência é a placa do Posto Veneza, que apesar de ter sido modernizada, mantém sua localização, servindo como um marco visual familiar para os moradores locais e para os viajantes que passam pela cidade. Em contrapartida, as mudanças são evidentes na forma de novas casas e postes que surgiram ao longo do lado esquerdo da pista, onde estão localizados os bairros Vila Neuma e Vila Moura em Iguatu. Essas construções representam o crescimento e a expansão urbana de Iguatu, à medida que mais pessoas buscam estabelecer-se na cidade. No que diz respeito ao posto, embora a estrutura física tenha sido mantida, percebe-se que houve uma reforma para torná-lo mais moderno e atualizado. Essa mudança na aparência física do posto reflete as tendências de um ambiente urbano em constante evolução.

Essas mudanças na paisagem urbana de Iguatu evidenciam a capacidade de adaptação da cidade e a necessidade de acompanhar as transformações sociais, econômicas e culturais. Enquanto alguns elementos permanecem como pilares da identidade local, novas construções mostram a vitalidade da cidade e a busca por atender às demandas em constante mudança da comunidade. É importante encontrar um equilíbrio entre preservar o passado e abraçar o futuro, garantindo que as mudanças sejam feitas de forma sustentável e respeitando a história e a identidade de Iguatu.

<sup>3</sup>O juazeiro é uma árvore nativa do Brasil, encontrada principalmente na região do Semiárido Nordeste. É uma das espécies mais características e importantes da caatinga.

**Figura 5** - Portal de uma das entradas de Iguatu. Na parte superior, imagem retirada do filme "O Céu de Suely" (2006), na parte inferior, o registro fotográfico realizado em 2021.

**Fonte:** O Céu de Suely (2006); Acervo pessoal (2021).



**Figura 6 -** Posto Veneza. Na parte superior, imagem retirada do filme "O Céu de Suely" (2006), na parte inferior, o registro fotográfico realizado em 2021.

**Fonte:** O Céu de Suely (2006); Acervo pessoal (2021).



## ANÁLISES

Essas permanências e mudanças na paisagem urbana de Iguatu revelam a complexidade do processo de desenvolvimento da cidade. Ao mesmo tempo em que preservam elementos do passado, a cidade se renova, adaptando-se às demandas e expectativas da sociedade contemporânea. Essas transformações são testemunhas da evolução constante da cidade e do seu papel como reflexo das dinâmicas sociais, culturais e econômicas que a envolvem.

A análise das transformações identificadas na paisagem urbana de Iguatu ao longo dos 15 anos revela a complexidade do processo de desenvolvimento da cidade. Essas mudanças podem ser entendidas como resultado de uma série de fatores interligados, tais como:

**Desenvolvimento socioeconômico:** As transformações na paisagem urbana refletem o crescimento socioeconômico da cidade, pois a construção de novos edifícios, a expansão do comércio e a melhoria da infraestrutura são indicativos do progresso e da busca por melhores condições de vida para os moradores.

**Pressões demográficas e urbanização:** O aumento da população e a urbanização acelerada podem ter influenciado as transformações na paisagem urbana, já que o crescimento demográfico demanda a construção de novos espaços habitacionais e a adaptação do ambiente urbano para atender às necessidades da população em expansão.

## DISCUSSÃO

Esta seção ampliará a discussão para além do caso específico de Iguatu, relacionando as descobertas deste estudo com teorias e conceitos relevantes sobre paisagem urbana e desenvolvimento urbano. Além disso, serão analisadas as implicações das transformações na paisagem urbana considerando aspectos sociais, culturais, econômicos e ambientais. Também será refletido sobre o papel do cinema como uma ferramenta para a compreensão das transformações urbanas e sua representação na cultura contemporânea.

As descobertas deste estudo estão alinhadas com teorias e conceitos importantes sobre paisagem urbana e desenvolvimento urbano. De acordo com autores como Kevin Lynch, Jane Jacobs e David Harvey, a paisagem urbana é um reflexo do desenvolvimento da cidade e do cotidiano dos seus habitantes. Através da análise das transformações na paisagem de Iguatu, pode evidenciar os processos que moldam a paisagem urbana.

Além disso, teoria como a de "cidade do espetáculo" de David Harvey

pode ser aplicada à análise das mudanças na paisagem urbana de Iguatu. Essa teoria explora o papel do desenvolvimento urbano como um processo que busca criar uma imagem atraente e espetacular da cidade, muitas vezes em detrimento das necessidades e interesses dos seus habitantes.

As transformações na paisagem urbana têm implicações significativas em diferentes aspectos da vida urbana. Do ponto de vista social, essas mudanças podem afetar a identidade e o senso de pertencimento dos moradores, especialmente quando elementos históricos e culturais são perdidos ou substituídos por novas construções. A paisagem urbana também influencia a dinâmica econômica da cidade, impactando setores como o turismo, comércio e investimentos imobiliários.

No âmbito cultural, as transformações na paisagem urbana podem gerar debates sobre a preservação do patrimônio histórico e cultural, assim como a criação de novos espaços de expressão artística e cultural. Além disso, aspectos ambientais devem ser considerados, como a sustentabilidade e a qualidade de vida dos habitantes, levando em conta questões como o uso adequado do espaço, a preservação de áreas verdes e a mitigação dos impactos ambientais negativos.

O uso do filme O Céu de Suely como ponto de partida para a análise das transformações na paisagem urbana de Iguatu revela o potencial do cinema como uma ferramenta para compreender e representar as mudanças urbanas. Filmes que retratam a cidade e sua paisagem podem proporcionar uma visão única das transformações ao longo do tempo, permitindo uma reflexão mais profunda sobre o processo de desenvolvimento urbano.

Além disso, o cinema desafia nossa percepção da paisagem ao apresentar uma narrativa visual e estética, influenciando a forma como interpretamos e experimentamos o ambiente urbano. Ele nos convida a refletir sobre as múltiplas camadas de significado presentes na paisagem urbana e como ela é moldada por fatores sociais, políticos, econômicos e culturais.

Ao final, esta pesquisa contribui para um entendimento mais abrangente das transformações na paisagem urbana de Iguatu, destacando as implicações citadas dessas mudanças. Além disso, ressalta a importância do cinema como uma ferramenta valiosa para a análise e representação das transformações urbanas, permitindo uma maior compreensão da relação entre a cidade e seus habitantes na cultura contemporânea.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar as transformações materializadas na paisagem urbana de Iguatu a partir do avanço de 15 anos do filme *O Céu de Suely*. Ao longo do artigo, realiza-se uma revisão da literatura sobre paisagem urbana, discute-se estudos relevantes que abordam a relação entre filmes e a representação da paisagem urbana, apresenta-se a metodologia utilizada para a comparação das fotografias atuais com as cenas do filme, discute-se os resultados e realiza-se uma análise das transformações identificadas.

A cidade que parece ter sido construída para acolher a obra, requer, especialmente, paisagens para serem protagonistas juntos dos atores e atrizes, no ápice das encenações. A partir desta pesquisa, constata-se a importância da compreensão da paisagem urbana como um reflexo do desenvolvimento da cidade e do cotidiano dos seus habitantes.

Através da análise das transformações ocorridas em Iguatu, foi possível revelar os processos que moldam a paisagem urbana. A paisagem urbana de Iguatu é um testemunho das permanências e mudanças que moldam a cidade ao longo do tempo. Através da reflexão sobre os espaços utilizados que agora estão abandonados, somos convidados a repensar a vitalidade urbana, a adaptabilidade dos espaços e a importância da comunidade na construção de uma paisagem urbana vibrante e significativa.

Através da produção de fotografias atuais da cidade na mesma posição das cenas do filme, evidencia-se as transformações ocorridas na paisagem urbana, o que contribui para um entendimento mais abrangente da contínua metamorfose da cidade. É importante ressaltar que a análise da paisagem urbana e sua relação com o cinema é um campo em constante evolução e as contribuições desses estudos fundamentam e enriquecem a abordagem do presente trabalho.

Por fim, este estudo destaca a importância de compreender as transformações na paisagem urbana como um reflexo do desenvolvimento da cidade e das dinâmicas que a envolvem. Através da análise da paisagem urbana e do uso do cinema como uma ferramenta para a representação e compreensão das transformações urbanas, pode-se obter uma visão abrangente das mudanças que ocorrem nas cidades e seus impactos na vida dos moradores.

Sugere-se que futuras pesquisas relacionadas ao tema explorem outras cidades ou regiões, permitindo uma comparação mais ampla das transformações na paisagem urbana. Além disso, seria interessante investigar o papel das políticas públicas e do planejamento urbano na configuração da paisagem urbana e suas consequências para a quali-

dade de vida dos moradores. Essas abordagens podem contribuir para um maior entendimento das dinâmicas de urbanismo e auxiliar na promoção de um desenvolvimento urbano mais sustentável e inclusivo.

Em suma, destaca-se nesse estudo a importância de compreender as transformações na paisagem urbana a partir do avanço de 15 anos do filme "O Céu de Suely" além de suas implicações mais amplas, bem como sugere direções para pesquisas futuras. Espera-se que este trabalho contribua para a ampliação do conhecimento sobre a evolução das cidades e estimule reflexões acerca da relação entre a paisagem urbana, o cinema e a sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

O CÉU de Suely. Direção: Karim Ainouz. Netflix. 2006. Digital (90min). Disponível em: <https://www.netflix.com/search?q=o%20c%C3%A9u&jbv=70073047>